



Best-seller do *The New York Times*

JOAN WESTER ANDERSON

# A FORÇA *dos* ANJOS

ELES ESTÃO ENTRE NÓS

  
THOMAS NELSON  
BRASIL

Existem muitas coisas que acontecem em que pessoas são livradas milagrosamente, inexplicavelmente. Os anjos agem por intermédio de Deus para nos consolar, combater o mal, trazer mensagens, entre outros. Com a leitura deste livro, você será emocionado com as histórias reais relatadas, com a felicidade e paz que muitas pessoas tiveram depois que anjos as ampararam.

Adeus! Eu não sabia de teu valor,  
Mas tu partiste, e agora isto é valorizado  
Assim os anjos andavam anônimos na terra,  
Mas, quando voaram, eles foram reconhecidos.

THOMAS HOOD

*"To an absentee"* [Para um ausente]

## O COMEÇO...

Um anjo da guarda guiando sua vida, redobrando seus prazeres e dividindo suas preocupações.

Samuel Rogers, "*Human Life*" [A vida humana]

*E*ra pouco mais de meia-noite do dia 24 de dezembro de 1983. O Meio-Oeste estava sofrendo com um período recorde de frio, além de ventos fortes e canos com água congelada. E, embora nossa casa em um bairro residencial de Chicago estivesse repleta de sons agradáveis de uma família em seus momentos de descanso, eu só conseguiria participar deles quando nosso filho de 21 anos entrasse com o carro na garagem. Naquele momento, Tim e seus dois colegas de quarto estavam voltando de sua primeira viagem, desde que se mudaram para o leste no último mês de maio, para passar o Natal em casa. "Não se preocupe, mãe", Tim me tranquilizou ao telefone na noite anterior. "A gente vai sair amanhã de madrugada e ir direto. A gente vai ficar bem!"

Filhos. Eles fazem coisas loucas. Sob condições normais, imaginei, uma viagem de Connecticut para Illinois levaria quase dezoito horas. Mas o tempo frio havia ficado tão perigoso que o rádio noticiava que não era uma boa ideia se aventurar a sair de casa, nem por alguns minutos. E não tínhamos notícias dos meninos. Aflita, a imagem deles em uma estrada deserta veio à minha mente. E se eles tiveram problemas com o carro ou se perderam? E, se *havam* se atrasado, por que Tim não telefonou? Eu andava inquieta de um lado para o outro e fiz aquela oração rápida que toda mãe conhece: *Deus, envie alguém para ajudá-los.*

Naquele momento, como fiquei sabendo mais tarde, os três haviam parado rapidamente em Fort Wayne, em Indiana, para deixar Don na casa de sua família. O bom senso sugeria que Tim e Jim passassem o restante da noite lá e continuassem a viagem pela manhã. Mas quando o bom senso convence jovens adultos invencíveis? Faltavam apenas quatro horas de carro para chegarem em casa. E, mesmo sendo a noite mais fria na história

do Meio-Oeste e as rodovias estivessem cobertas de neve e desertas, os dois colocaram o pé na estrada novamente.

Eles viajaram apenas alguns quilômetros em uma estrada secundária que dava acesso à rodovia de Indiana quando perceberam que o motor do carro parecia lento, balançando de modo irregular e morrendo quando chegava aos 15 km ou 25 km por hora. Tim deu um olhar inquieto para Jim. “Não — repito — *não* se aventurem a sair de casa hoje à noite, colegas. Há uma sensação térmica recorde de 27°C negativos, o que significa que a pele exposta irá congelar em menos de um minuto”, enfatizava o locutor no rádio. O carro correu de repente, então começou a dar trancos e diminuiu a velocidade novamente.

“Tim”, falou Jim no meio da escuridão, “a gente não vai parar aqui, vai?”

“A gente não pode”, respondeu Tim com firmeza enquanto pisava no acelerador. “A gente morreria, com certeza.”

Mas, em vez de ganhar velocidade, o motor deu um estouro, fazendo barulho e ficando lento outra vez. A cerca de um quilômetro e meio, no início de uma pequena descida, o carro foi se arrastando até parar de vez.

Apavorados, Tim e Jim olharam um para o outro dentro do carro escuro. Eles podiam olhar pelos campos em todas as direções, mas, por incrível que pareça, o carro deles era o único à vista. Pela primeira vez, eles se depararam com o fato de que estavam no meio de um grande perigo. Carros não passavam pela estrada, não havia nenhum abrigo pela frente, nem mesmo a luz de uma casa brilhava à distância. Era como se eles tivessem pousado em um planeta diferente coberto de neve.

E o frio era terrível e inacreditável! Nunca na vida Tim havia sentido algo tão intenso. Eles não podiam correr para pedir ajuda; ele sabia disso agora, com certeza. Ele e Jim eram jovens e fortes, mas, mesmo que houvesse algum abrigo a uma pequena distância dali, eles não conseguiriam sobreviver. A temperatura iria matá-los em questão de minutos.

“Vai aparecer alguém logo”, murmurou Jim, olhando para todos os lados. “Tem que aparecer.”

“Eu não acho, não”, Tim disse. “Você ouviu o rádio. Todo mundo está dentro de casa hoje à noite, menos a gente.”

“E aí? O que a gente vai fazer?”

“Sei lá.” Tim tentou dar partida no carro novamente, mas, no silêncio, a chave de ignição fez um ruído em vão. O frio de congelar os ossos começava a entrar no carro, e seus pés já estavam ficando dormentes.

*Bem, Deus, ele orou, fazendo eco à minha súplica distante, só o Senhor pode ajudar a gente agora.*

Parecia impossível ficar acordado por muito mais tempo... Então, como se já tivessem entrado em um sonho, eles viram faróis piscando lá atrás, à esquerda do carro. Mas aquilo era impossível, pois eles não viram dois pontos de luz vindo à distância, não havia a esperança de alguém se aproximando. De onde veio aquele carro? Eles já tinham morrido?

Não! Milagrosamente, alguém estava batendo na janela do lado do motorista. “Precisa ser rebocado?” Descrentes, eles ouviram o grito abafado. Mas era verdade. O homem que apareceu para socorrê-los estava dirigindo um guincho.

“Sim! Ah, sim, obrigado!” Os dois trocaram ideias rapidamente, enquanto o motorista, sem dizer mais nenhuma palavra, foi prender correntes na frente do carro. Se não houvesse oficinas abertas naquela hora, eles pediriam que ele os levasse de volta à casa de Don, onde poderiam passar o resto da noite.

Bem agasalhado com um casaco com capuz e um cachecol até a altura dos olhos, o motorista concordou com a cabeça com o pedido deles, mas não disse mais nada. Ele estava calmo, eles perceberam quando ele entrou no caminhão, aparentemente tranquilo com a situação de vida ou morte em que se encontrava. *O estranho é que ele não está fazendo perguntas para a gente, Tim pensou, e nem está explicando de onde veio ou como conseguiu se aproximar sem que a gente o visse...* E as letras do lado do caminhão? Tim não percebeu nenhuma. *Ele vai dar aquela conta para a gente, em uma noite como esta. Vou ter que pegar dinheiro emprestado com Don ou com o pai dele...* Mas Tim estava cansado do pesadelo e, pouco a pouco, ao encostar a cabeça no assento do carro, seus pensamentos desapareceram.

Eles passaram por duas oficinas fechadas, pararam em um telefone público para avisar Don e logo voltaram a passar com o carro rebocado pelo bairro familiar de Fort Wayne. Fazia silêncio e há muito tempo que as luzes de Natal estavam apagadas e as famílias dormindo. A rua de Don ainda parecia ser a rua mais acolhedora em que eles já haviam estado. O motorista manobrou com cuidado na rua sem saída e parou em frente à casa de Don. Congelados, Tim e Jim correram para a porta lateral onde Don estava à espera e, então, entraram na bendita cozinha quente, finalmente sãos e salvos.

Don bateu a porta contra a rajada de vento frio. “Ei, o que aconteceu?”,

ele perguntou, mas Tim interrompeu.

“O motorista do guincho, Don... tenho que pagá-lo. Preciso de dinheiro emprestado.”

“Um minuto.” Don franziu a testa, passando pelos amigos para olhar pela janela. “Não vejo nenhum guincho lá fora.”

Tim e Jim viraram-se. Ali, estacionado junto à calçada, estava o carro de Tim. Não houve nenhum som na noite clara de correntes sendo soltas, de porta batendo, de barulho de motor de carro indo embora. Não havia nenhuma conta para Tim pagar, nenhum recibo para assinar, nenhum “adeus” ou “obrigado” ou “Feliz Natal...”. Surpreso, Tim voltou correndo para a calçada, mas não havia lanternas traseiras desaparecendo à distância, nenhum barulho de motor ecoando pelas ruas silenciosas, absolutamente nada que indicasse a presença do guincho.

Então Tim viu as marcas de pneu nos montes de neve levados pelo vento. Mas só havia um par de marcas contornando a rua sem saída. E eram do carro de Tim...

Quando as canções de Natal enchem o ar e nossas preocupações voltam a ser uma experiência temporária de nostalgia festiva, todos acreditam em anjos. Contudo, é mais difícil aceitar que a “grande multidão do exército celestial” naquela encosta de Belém há muito tempo pode ter relevância em nossa vida também, que a promessa de Deus de enviar seus anjos para proteger e socorrer cada um de seus filhos pode ser um pacto fiel, estendendo-se por toda a eternidade, ao longo de cada estação do ano.

Os anjos não chamam muita atenção hoje. Se o mundo espiritual é de fato reconhecido, normalmente é o lado negro, os estranhos cultos satânicos que estão causando tantos danos, especialmente entre os jovens. Contudo, há evidências de que bons espíritos também estão trabalhando aqui na terra, combatendo o mal, trazendo notícias, prevenindo do perigo, consolando-nos em nosso sofrimento... e depois desaparecendo, assim como os anjos naquela primeira noite de Natal.

Os anjos não se submetem a provas de fogo, não testemunham no tribunal nem deslizam para debaixo de um microscópio para serem examinados. Portanto, sua existência não pode ser “provada” pelos parâmetros que nós, seres humanos, normalmente usamos. Para conhecermos um talvez seja necessária a disposição de suspender julgamentos, de abrir-nos para possibilidades com as quais somente

sonhamos. “As melhores e mais belas coisas neste mundo não podem ser vistas nem mesmo tocadas, mas precisam ser sentidas com o coração”, disse Helen Keller.

O que é um anjo? Nossa família nunca saberá com certeza.

Mas, na véspera de Natal de 1983, ouvi o sussurro de asas quando o motorista do guincho respondeu a um chamado celestial e trouxe nosso filho a salvo para casa.

## À PROCURA DE RESPOSTAS

*Não só vivemos entre homens, mas existem exércitos etéreos, espectadores benditos, observadores solidários que veem, sabem e respeitam nossos pensamentos, sentimentos e atos.*

Henry Ward Beecher, *Royal Truths* [Verdades reais]

*Anjos.* O que realmente sei sobre esses seres celestiais? Como católica, eu sabia com certeza que eles existiam. Durante a infância, aprendi a fazer uma oração para meu anjo da guarda e, na faculdade, estudei a hierarquia dos anjos, os novos coros, cada um com sua própria função e atribuição. Mas, depois do curioso resgate de Tim, comecei a pesquisar anjos com um interesse mais profundo.

Um dos primeiros fatos que descobri foi uma pesquisa do Instituto Gallup sugerindo que mais de 60% dos norte-americanos acreditam sinceramente em anjos. Embora os estudiosos discordem com relação a detalhes específicos, a existência de anjos é aceita pelas três das grandes religiões ocidentais: judaísmo, cristianismo e islamismo. Os anjos são mencionados mais de trezentas vezes nas Sagradas Escrituras, agindo sozinhos ou em grandes ajuntamentos, cumprindo as ordens de Deus, formando uma corte celestial e, o mais importante, protegendo as pessoas e trazendo-lhes mensagens. Eles desempenharam papéis fundamentais no Antigo Testamento, incluindo os livros da Torá judaica, e são citados com frequência no Alcorão islâmico. Sócrates muitas vezes pediu conselhos a seu anjo da guarda. Muitos santos famosos, como também o fundador do Exército da Salvação, o general William Booth, afirmaram ter visto anjos, e Abraham Lincoln dizia que frequentemente sentia a presença deles. Seres celestiais aparecem nas obras de Dante, Milton e Shakespeare, e também nas obras de autores contemporâneos.

Enquanto a civilização evoluía, o mesmo acontecia com a compreensão da humanidade sobre os anjos. Para os antigos pagãos, os deuses pareciam ser estrelas e planetas ou morar no céu, por isso considerar anjos como

espíritos com asas que podiam viajar entre o céu e a terra foi uma simples transição.

As interpretações mudaram com o passar do tempo. Os antigos hebreus sustentavam que o universo era uma hierarquia, com Deus no topo e as outras entidades irradiando para baixo a partir dele. Eles acreditavam que os anjos formavam a “corte do céu”. Nos textos, eles fazem referências aos “anjos de Deus” e a *bene Elohim*, “filhos de Deus”.

Os cristãos acreditam que Deus criou os anjos no momento, ou quase nele, em que fez o mundo (para Santo Agostinho os dois atos de criação foram simultâneos), mas antes de criar os seres humanos. Eles receberam uma mente e desejos, como nós, mas não tinham corpo. Em algum momento, de acordo com o livro de Apocalipse, alguns anjos desejaram ser deuses e houve uma terrível batalha no céu. Os anjos derrotados então se tornaram espíritos malignos, liderados por Satanás, que vagueiam pelo mundo até hoje.

O Concílio de Niceia, em 325, declarou a *crença* em anjos como sendo um dogma, mas, um sínodo posterior condenou a *adoração* de anjos.

Os muçulmanos também acreditam que os anjos foram criados antes do homem. De acordo com o Alcorão, quando os seres humanos foram criados como obra suprema das mãos de Deus, foi ordenado aos anjos curvar-se diante deles, uma ordem que instigou a rebelião de Lúcifer. Antes de Maomé unir os muçulmanos sob uma bandeira religiosa do Islã, os árabes reconheceram muitos deuses e deusas e pareceram incluir anjos entre eles. Maomé reconheceu os textos bíblicos e, assim, incluiu os anjos em sua nova religião. Na verdade, depois de ser escolhido como profeta, Maomé disse ter tido uma bela visão de Gabriel, que prometeu guiá-lo em sua nova função. Os muçulmanos acreditam que os anjos testemunham a favor das pessoas ou contra elas no dia do juízo e que existem anjos fazendo anotações enquanto oramos na mesquita e em qualquer outro lugar.

Muitas pesquisas revelaram que, seja lá quando surgiram, os anjos têm três objetivos básicos: adorar a Deus, servir como arautos entre Deus e seu povo na terra e agir como guardiões, sem nunca interferir em nosso livre-arbítrio. São Dionísio, São Paulo, o papa Gregório e outros dividem os anjos em nove coros, listados aqui em ordem decrescente com suas principais obrigações: serafins e querubins, que amam e adoram a Deus; tronos e dominações, que regulam os deveres angelicais; virtudes, que operam milagres na terra; poderes, que nos protegem de demônios;

principados, arcanjos e anjos, que são ministros e guardiões das pessoas.

Os quatro arcanjos mais conhecidos para nós são Rafael, Miguel, Gabriel e Uriel. No entanto, o número deles parece ser infinito e, ao longo da história, outros também foram mencionados. Um dos relicários mais antigos na Turquia é dedicado a Miguel, que é considerado um dos anjos que mais curou doentes naquele país. Mesmo sendo extremamente poderosos, os anjos estão, sem dúvida, sujeitos a Deus em todas as coisas.

As religiões discordam nos detalhes específicos com relação aos anjos: por exemplo, a maioria dos católicos acredita que todos recebem um anjo da guarda no nascimento, um companheiro de vida especialmente adequado para a personalidade singular de uma pessoa. As crianças católicas aprendem uma pequena oração de conforto para começarem a “conversa” com seu anjo, e o dia dos anjos da guarda é comemorado no segundo dia de outubro. A angelologia judaica antiga também ensinava a teoria do anjo pessoal. Na verdade, o Talmude fala que onze mil anjos da guarda são designados para cada judeu no nascimento! As várias crenças protestantes defendem visões divergentes, mas a maioria acredita que não devemos orar para anjos, mas que podemos pedir que eles intervenham por nós.

Quando os anjos começaram a aparecer nas artes, por volta do século IV, os artistas deram-lhes asas para distingui-los dos apóstolos ou de outros homens e mulheres santos. Também os imaginamos como querubins com covinhas ou talvez em um coro com vestes brancas, como naquela primeira noite de Natal. Os que sobreviveram a experiências de quase-morte, no entanto, mencionam “seres radiantes de luz” que encontram ao longo do caminho, um lembrete de que a luz, simbolizada em interpretações de artistas por auréolas ou corpos luminosos, representa o céu e, talvez, seus ocupantes.

Nas Escrituras, muitos anjos aparecem como soldados poderosos e destemidos. Mas há também histórias bíblicas sobre homens e mulheres que encontraram anjos na forma humana, anjos que pareciam simples mortais... na verdade, assim como o anjo de Tim. O companheiro no livro de Tobias e os estranhos que visitam Ló, em Gênesis, são bons exemplos. São Paulo não exortou os hebreus, e todos os que viriam depois deles, a “não se esquecerem da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos” (Hebreus 13:2)?

Quanto mais eu lia, mais percebia que, longe de serem coisas do passado,

os anjos fazem parte do mundo de hoje também. Membros da patrulha de segurança nacional, conhecida como *Guardian Angels* [Anjos da Guarda], usam camisetas com um emblema com um olho, asas e um escudo, que simboliza, segundo o fundador e diretor Curtis Sliwa, “proteção angelical oferecida a todos, mesmo àqueles que não querem ser protegidos por nós”. Existe uma associação nacional de amantes de anjos com seu próprio boletim e convenção anual chamada Angel Collectors Club of America [Clube de Colecionadores de Anjos dos Estados Unidos]. Em Tucson funciona uma boutique infantil chamada Angel Threads [Roupas de Anjos]. Há uma creche chamada Angels in Heaven [Anjos no Céu], em Cleveland, e uma empresa que aceita pedidos de coleções de anjos para entrega pelo correio, em Riverside, na Califórnia. Toller Cranston mora em uma casa em Toronto cheia de pinturas, peças e outros objetos de arte com motivos de anjos; este canadense, que já foi seis vezes campeão na patinação artística, gosta de anjos porque “eles podem deixar a gravidade para trás”.

Até Hollywood entra na onda dos anjos de vez em quando. Quem consegue se esquecer de Clarence, um anjo adorável e desajeitado que mostra a um suicida (James Stewart) o valor da vida e o que teria acontecido se ele não tivesse sido fiel aos seus princípios, no filme *A felicidade não se compra?* Stewart sempre afirmou que aquele foi seu papel favorito. *Campo dos sonhos*, embora não seja especificamente sobre anjos, causou tanto impacto nos frequentadores de cinema que o campo de beisebol em Iowa, onde a história foi filmada, ainda atrai milhares de turistas todos os anos.

E pense na famosa série de televisão *O homem que veio do céu*, produzida pelo falecido Michael Landon. Landon fez o papel de um anjo, Jonathan Smith, enviado do céu para convencer pessoas sofridas a ajudarem umas às outras. A ideia ocorreu a Landon um dia em que, preso no trânsito em uma autoestrada de Los Angeles, ele ficou observando os motoristas, irritados, buzinando e gritando uns com os outros. Se eles usassem ainda que uma fração daquela energia para serem amáveis, pensou Landon, como o mundo poderia ser transformado! Logo ele desenvolveu uma série baseada na ideia de que a bondade, não a raiva, resolve problemas, tendo como personagem central um anjo que podia cometer erros, mas também podia ser um catalisador espiritual na vida das pessoas.

Mas Hollywood é ficção. Os anjos *de verdade* ainda estão ao nosso redor, ainda estão nos ajudando por meio de carinhos, sussurros ou na forma

humana? Já que este resgate impressionante, inesperado e admiravelmente amoroso aconteceu com meu filho, eu achava que outros tinham histórias semelhantes! Parecia lógico; uma vez que acredito que Deus ama todos os seus filhos com a mesma intensidade, ele certamente estenderia a todos a mesma proteção que deu a Tim. Mas talvez tenham sido poucos de nós que reconheceram esta ajuda quando ela veio. Ou talvez ignoremos esses momentos como sendo “sorte” ou “coincidência”. Eu tinha de ir mais fundo para encontrar as respostas.

Mas uma coisa é ler em particular coisas sobre anjos e outra bem diferente fazer a alguém, ainda que seja um amigo chegado, esta pergunta: “Você já se encontrou com um anjo?” Eu acho que as pessoas variam em sua disposição para aceitar o sobrenatural. Para muitas, a ideia de seres celestiais andando por aí e ajudando os seres humanos é incompreensível. Afinal, somos criaturas da “teologia” da prova científica do século XX. Outras concordam que um encontro assim possa acontecer, que vivemos em um mundo onde nem tudo pode ser explicado em termos lógicos, mas afirmam que verdadeiros milagres não iriam — *não poderiam* — acontecer com *elas*. Afinal, não é preciso ser excepcionalmente religioso para estar apto a receber um milagre? E se eu encontrasse pessoas que haviam tido um encontro semelhante ao de Tim, elas estariam dispostas a comentar?

Respirando fundo, fui ao correio e aluguei uma caixa postal. Depois escrevi para revistas nas quais os leitores conheciam bem meu trabalho e pedi que minha carta fosse publicada: *Estou procurando pessoas que acreditem que talvez tenham encontrado um anjo*, escrevi. *Não estou falando de seres humanos que, por causa de suas boas ações, podem justamente ser chamados de “anjos”. Estou falando de espíritos que apareceram em forma humana para dar algum tipo de ajuda. Por favor, escrevam para esta caixa postal...*

Alguns editores de revistas responderam dizendo que não publicavam cartas deste tipo. Eles eram contra o uso de suas páginas como meio de pesquisa ou, suspeito, consideraram meu pedido um pouco estranho. De outros, não tive nenhum retorno. Isso poderia significar a decisão de jogar minha carta fora ou publicá-la. Mas, mesmo que meu pedido fosse atendido, o que aconteceria se ninguém respondesse? O que aconteceria se os leitores rissem ou, pior, dissessem uns para os outros: “Essa Joan Anderson era uma boa escritora, mas enlouqueceu de vez, não?”

Esperei, continuei procurando materiais sobre anjos e, um dia, vi

publicado um de meus pedidos. Algumas semanas depois fui ao correio, coloquei a chave para abrir minha caixa postal e criei coragem. Este provavelmente foi aquele momento que as pessoas chamam de “a hora da verdade”. Naquele dia eu descobriria se o que aconteceu com Tim era um caso isolado ou se fazíamos parte de uma grande e maravilhosa comunidade de pessoas cuja vida havia sido tocada por um ser celestial.

Abri a porta da caixa e dei um pulo para trás, espantada. Estava cheia de envelopes.

## “ANJOS AO NOSSO REDOR”

*Contudo, muitos não irão acreditar que existe essa tal de afinidade de almas.*

Isaak Walton, *Life of dr. Donne* [A vida do Dr. Donne]

*“Não contei isto para muitas pessoas. Acho que tive medo de minha família ou meus amigos rirem ou acharem que eu estava tendo alucinações...”*

*“Se tento explicar o que vi, ele me dá Aquele Olhar, como se achasse que preciso de conselhos.”*

*“Aconteceu tudo tão rápido que só pensei em intervenção angelical alguns dias depois. Então comecei a juntar os fatos.”*

*E*ra uma delícia ler as cartas. Nos meses subsequentes, enquanto as revistas publicavam minha solicitação — e criei coragem suficiente para pedir histórias ao público em discursos humorísticos e conferências de escritores —, muitos estranhos compartilharam seu “evento especial” comigo. Também me correspondi com alguns autores de livros sobre anjos já publicados para pedir suas observações ou endereços de pessoas que eles haviam entrevistado. Meus arquivos começaram a aumentar.

Achei fascinante a ideia de que, embora os episódios com anjos fossem diferentes, a *reação* dos envolvidos quase sempre era a mesma e consistia em duas partes: primeiro, a hesitação de compartilhar e, segundo, uma vez vencida a hesitação, o deslumbramento que a lembrança do episódio ainda causava, mesmo depois de anos.

A relutância de tornar a experiência pública era compreensível. Como aqueles que tiveram morte clínica, foram ressuscitados e tentaram contar aos outros o que viram, meus entrevistados muitas vezes se sentiram rejeitados. Aos poucos, eles aprenderam a considerar esses acontecimentos em silêncio, para que seu deslumbramento não fosse depreciado pela descrença dos outros. Nenhum queria perder aquela preciosa convicção de que haviam sido especialmente abençoados, tendo permissão — apenas por um instante — de participar de um mundo que

normalmente deveriam aceitar pela fé.

A resposta emocional pareceu universal também. Uma mulher de meia-idade, conversando comigo em uma escada durante um intervalo em uma conferência de escritores, descreveu uma cena de sua infância. Irritada com algum assunto sem importância, ela saiu correndo para a floresta e logo ficou perdida. Continuou a andar enquanto o céu escurecia e ficou assustada ao se deparar com suas pegadas; ela estava andando em círculos. De repente, sentiu na testa uma suave mão, e uma voz meiga lhe disse para “seguir em frente”. Ela obedeceu de imediato e, a menos de 1.500 metros, viu sua casa no horizonte.

“Faz 45 anos, mas ainda consigo sentir aquela mão e ouvir aquela voz maravilhosa”, ela disse com os olhos cheios de lágrimas, enquanto engolia seco e olhava por sobre minha cabeça para um lugar que eu não podia acompanhar. Outras pessoas perderam a fala ao telefone quando tentaram descrever o que haviam visto ou ouvido. Embora ninguém pudesse explicar perfeitamente, tudo pareceu ter mudado à luz do encontro que tiveram.

Enquanto separava e classificava as respostas, percebi que elas se enquadravam em um dentre de vários grupos. Como a senhora na floresta, havia aqueles que não se depararam com um anjo em forma humana, mas viram luzes, ouviram vozes ou sentiram um toque. Outros mencionaram que estavam cientes de uma “presença” durante momentos importantes, como se amigos especiais tivessem vindo participar do acontecimento.

“Eu estava fazendo uma visita para minha vizinha no hospital”, uma dessas pessoas me disse, “e, de repente, senti a presença de um grupo de anjos ao nosso redor. ‘Ah! Tem anjos ali!’, eu disse antes de conseguir me conter. A paciente e sua irmã pareceram surpresas, mas dispostas a aceitar o que eu disse.

“Na manhã seguinte, minha vizinha morreu e, mais tarde, sua irmã me disse que foi um consolo saber que anjos estiveram no quarto conosco. Faz quarenta anos, e nunca mais tive uma experiência similar, mas ainda me lembro daquele sentimento indescritível.”

Muitas cartas incluíam histórias de leitos de morte, em que os que ficaram de vigília viram um brilho no rosto do moribundo ou ouviram-no falar com alguém desconhecido pouco antes de fechar os olhos pela última vez.

“*Olha*, mãe, tem anjos ao redor da gente, e um deles é mais bonito que o

resto”, disse um menino de onze anos enquanto morria de peritonite.

“Não consigo vê-los, Joey”, respondeu a mãe. Pensando que o filho estivesse delirando, ela tentou acalmá-lo, mas Joseph insistiu.

“*Olha só, eles estão bem aqui, tão perto que dá para tocar neles*”, ele lhe disse novamente. Angustiada, a mãe de Joseph ficou surpresa com a atitude de profunda alegria e paz do filho. O episódio tornou-se um consolo para toda a família.

F. S. Smythe, que tentou escalar o monte Everest em 1993, escreveu sobre a mesma “presença amigável” em seu relato sobre a expedição. “Fui tomado por uma estranha sensação de que estava acompanhado por alguém. Em sua companhia, eu não conseguia me sentir sozinho, nem podia sofrer mal algum. Ele estava lá para me sustentar enquanto eu subia sozinho as montanhas cobertas de neve. [Quando] parei para tirar do bolso um pedaço de bolo de menta, ele estava tão perto e sua presença era tão forte que, por instinto, dividi o bolo ao meio e me virei com uma metade na mão para oferecer ao meu companheiro.”<sup>1</sup>

Outra mulher que respondeu contou-me de uma vez em que tinha dezessete anos e, por várias noites seguidas, sentiu uma presença aos pés de sua cama. “Na verdade, eu não vi nada”, ela explicou. “Foi mais o tipo de sensação que você tem ao se dar conta de que alguém está olhando para você quando você está no trânsito, lendo ou sentado de costas para a porta.”

Ela sentiu que havia dois anjos em pé, um ao lado do outro, de frente para ela. Parecia que a missão deles era simplesmente tranquilizá-la, e a jovem se sentiu confortável, protegida e em paz. Os anos seguintes foram turbulentos. “Mas, saber que dois anjos haviam me guardado naquelas noites, e provavelmente ainda estavam por perto, impediu-me de duvidar de um Deus amoroso.”

Os teólogos afirmam que, embora os anjos possam aparecer e realmente aparecem como seres humanos, sua imagem não é necessária para que se façam presentes; Deus e seus mensageiros estão tão próximos daqueles que *não* os veem quanto daqueles que os veem. É claro que há momentos em que não percebemos a ajuda de um anjo. Sentimos um toque, uma vontade misteriosa de fazer algo um pouco fora do comum ou, estranhamente, de cuidar de algo. Talvez um súbito lampejo seja, na verdade, um espírito intercedendo para manter-nos seguros e com saúde. “Um anjo estende a mão e nos dá um abraço do céu, e dizemos: ‘Que dia

maravilhoso!”, escreveu um cristão.

Outro grupo de correspondentes não viu ninguém lhe dando proteção, mas outros que estavam por perto viram. Um leitor enviou-me a história bem documentada de Alice Z., uma jovem adventista que vendia livros de porta em porta em um bairro hostil nas Filipinas. Alice foi acolhida em uma casa onde, curiosamente, os cães de guarda, em vez de ferozes, pareciam mansos. Foram colocadas *duas* cadeiras para ela, em vez de uma, e a dona da casa separou a segunda cadeira como se houvesse alguém ali e comentou com Alice que parecia que o “acompanhante” dela estava ficando branco.<sup>2</sup> Encontrei casos semelhantes em que o protegido, como Alice, não tinha consciência de que havia alguém ali, mas as testemunhas, todas dignas de confiança e normais, insistiam que estavam vendo pessoas.

A maioria de meus correspondentes contou que havia se encontrado com anjos em forma humana. Alguns entregaram mensagens; outros salvaram a pessoa de situações difíceis ou perigosas. Quase sempre esses visitantes eram de poucas palavras: cumpriam seu dever e depois iam embora. De vez em quando, havia algo de sobrenatural na experiência enquanto ela acontecia, e a pessoa reconheceu o ser como um anjo.

O pregador John Weaver e alguns companheiros, por exemplo, foram caçar alce em Montana. John já havia feito quase dois terços do caminho para chegar ao topo da montanha quando viu um homem saindo do meio das árvores na montanha ao lado. O estranho não estava usando um colete laranja nem carregando um rifle, e, embora parecesse andar em um ritmo normal, ele percorreu a distância de modo tão rápido que a impressão que dava era a de ele ter feito isso em questão de segundos.

E ele não deixou pegadas na neve.

“O homem subiu em minha direção e apertou minha mão. ‘John, você sabe quem eu sou?’, ele me perguntou.”

E, pelos olhos iluminados da fé, Weaver soube. O homem era o mesmo ser que havia ajudado John cerca de vinte anos antes, quando o carro dele quebrou.

Os dois sentaram-se em algumas rochas, discutiram o ministério e as necessidades de John, assim como fazem dois amigos, e o anjo foi embora, depois de convencer Weaver acerca do amor e da fidelidade de Deus.<sup>3</sup>

Neste caso, por causa do fenômeno das pegadas e do reconhecimento espiritual imediato, Weaver soube que seu visitante era um anjo. Para a maioria de meus correspondentes, no entanto, os encontros eram tão

comuns que eles só começaram a questionar mais tarde. “Pareceu tão casual...” ou “Levei um tempo para perceber como tudo foi estranho...” eram comentários clássicos. Uma vez que esses “visitantes” vinham em forma humana, a princípio era fácil dar explicações.

Descobri que isso não era novidade. Ao longo do tempo, os anjos normalmente apareciam na forma que a pessoa visitada estaria mais propensa a aceitar, talvez uma versão com asas para as crianças ou a figura de um avô bonzinho para uma mulher em aflição. Encontrei histórias de anjos falando em dialetos familiares ou assumindo a mesma raça da pessoa visitada. “Os anjos, e somente eles, são mentes sem corpos”, observa o filósofo Mortimer J. Adler, em *Os anjos e nós*. “É neste sentido que eles fascinam: quando assumem um corpo, os anjos apenas fazem isso com o objetivo de desempenhar seu ministério terreno.”

Também não parecia importar, pelo menos para meus correspondentes, se eles *sabiam* que um anjo havia lhes ajudado; o reconhecimento ou a fé de uma pessoa não era um pré-requisito para obter ajuda. Contudo, parece haver um denominador comum: Betty Malz, autora e estudiosa dos anjos, observa que a proteção angelical nunca parece ocorrer quando as pessoas estão, *conscientemente*, violando as leis da sociedade ou mesmo as leis naturais, como, por exemplo, correr riscos por andar em alta velocidade em uma rodovia ou roubar ou agredir outras pessoas. Seguir nossa vontade obstinada ou colocar-nos em perigo e esperar que Deus nos salve, diz Malz, aparentemente tira-nos da “zona de segurança” na qual os anjos operam. Ela e outros acreditam, no entanto, que as pessoas podem interceder por nós e talvez invocar ajuda espiritual.

Muitas destas histórias confirmam a observação de Malz: as pessoas que contribuíram com histórias estavam pedindo ajuda ou, de algum modo, estavam “sintonizadas” com o mundo espiritual quando a ajuda ocorreu. Alguns sugeriram uma teoria similar: Se não invocarmos *conscientemente* a ajuda dos anjos, eles só poderão ajudar de um modo limitado.

Por fim, um pequeno grupo dos que me responderam enviando cartas viu um anjo de verdade, ou seja, um ser que *parecia* ser como todos imaginamos serem os anjos. “Como você pode ter certeza de que essa gente não é... você sabe... maluca?”, perguntou uma vez meu cabeleireiro enquanto, durante um corte, eu lhe contava sobre meu projeto. Na verdade, eu não podia ter certeza. E provavelmente seria preciso confiança da parte de alguém para aceitar as histórias dessas pessoas.

Contudo, mais uma vez, essas pessoas não *se importavam* se alguém acreditava nelas. Sua convicção era forte em sua simplicidade. “Eu sei o que vi, e aquilo mudou minha vida”, disse calmamente uma mulher. Parece que aquilo foi suficiente.

Comecei a juntar histórias por causa da experiência de Tim. Agora lá estava eu com pastas volumosas que levava comigo para ler enquanto esperava no consultório do dentista ou viajava de trem. As cartas mereciam um público maior. Selecionei várias dentre as mais curiosas e comecei a escrever um livro.

O que esta busca me ensinou? Eu pensava que anjos eram ajudantes menores no mundo espiritual e que tê-los sempre no pensamento poderia apenas nos distrair de Deus. Mas, hoje, acredito que os anjos ajudam-nos a voltar nossa alma para o céu, para Deus. Durante todo o tempo eles fazem parte do plano divino, por isso parece que Deus quer que saibamos coisas sobre eles e nos sintamos livres para pedir-lhes proteção para nós mesmos e para nossos entes queridos. O tema dos anjos exige muito discernimento e respeito. Os anjos devem ser tratados não como objetos de curiosidade, mas como uma entidade com a qual podemos aprender e receber muito. Em suma, eles podem ser tornar nossos queridos e ternos companheiros... se estivermos dispostos a deixá-los entrar em nossa vida.

“Existem várias formas de anjos a serem louvadas e há um fator surpresa a ser descoberto”, escreve G. Don Gilmore em *Angels, Angels Everywhere* [Anjos, anjos em todos os lugares], “mas, se as pessoas não despertarem sua imaginação e encantamento infantis, talvez nunca vivam essas coisas.”

Jesus colocou a questão desta forma: “A não ser que vocês se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus.” Ele estava falando de confiança, de deslumbramento, de aceitar com inocência coisas que não podem ser provadas... em suma, ele estava falando de fé. “Felizes os que não viram e creram” (João 20:29).

Todas as pessoas que compartilharam suas experiências neste livro imaginam terem sido tocadas pelos mesmos mensageiros espirituais que agradeceram o mundo quando ele começou — a única coisa que mudou foi o cenário. E lhes restaram um sentimento de fascínio indescritível e a viva certeza de que, sejam quais forem seus defeitos, Deus as está segurando delicadamente na palma de sua mão.

Como se costuma dizer, para aqueles que estão dispostos a crer,

nenhuma explicação dos eventos se faz necessária nas páginas seguintes. Para aqueles que não estão dispostos a crer, nenhuma explicação é possível.

O que é um anjo? Depende de você.

## O ANJO NA CABINE DO PILOTO

*Como flutuavam docemente nas asas do silêncio pela noite vazia...*

Milton, *Comus*

David Moore e sua esposa, Florence, descobriram em julho de 1971 que a mãe dela estava morrendo de câncer. Na época, os Moore moravam em uma cidadezinha de Yoakum, no Texas, mas começaram o vaivém para Hendersonville, na Carolina do Norte, para visitar a mulher doente. Depois de uma viagem, David decidiu deixar o carro para Florence na Carolina do Norte e pegou o ônibus de volta para o Texas.

“Foi a pior ideia que já tive”, ele diz, rindo. “Quarenta e seis horas viajando e ouvindo o choro de crianças! Em nosso orçamento, eu não podia me dar ao luxo de voar, mas prometi andar, se fosse preciso, em qualquer coisa para não entrar em outro ônibus!”

Na semana seguinte, enquanto David fazia as malas e planejava uma rota para viajar de carona até Hendersonville, Henry Gardner telefonou. Henry ficou sabendo dos problemas de transporte de David e se ofereceu para levá-lo à Carolina do Norte em seu pequeno Cessna 180 e fazer um pouquinho de turismo ao mesmo tempo. Agradecido, David aceitou.

David nunca havia voado em um avião pequeno e estava nervoso enquanto os dois homens taxiavam na pista na madrugada do dia seguinte. Mas o pequeno avião levantou voo com graça, e ele ficou sentado, tentando cumprir suas estranhas obrigações como responsável por ler o mapa. Meia hora depois, no entanto, quando se aproximavam de Houston, eles entraram em um nevoeiro.

“Isto não é problema”, Henry tranquilizou David, cada vez mais nervoso. “Temos mapas de voo a bordo e, olhe, dá para ver as torres de rádio de Houston acima do nevoeiro. Ele tinha razão, e a viagem continuou. Mas o nevoeiro piorou e, um pouco para frente de Jackson, no Mississippi, o rádio e os instrumentos do avião pararam de funcionar. Agora os dois não conseguiam ver nada no solo, nem podiam conversar com o pessoal na

torre de comando.

No momento em que David estava ficando desesperado, o nevoeiro desapareceu por um instante para revelar o aeroporto logo abaixo deles. Henry desceu o avião com tranquilidade e, em questão de minutos, encontraram um mecânico no aeroporto. Aliviados, os dois almoçaram rapidamente e logo estavam no ar, com instrumentos e rádio consertados e tanques cheios.

Foi tudo tranquilo por um tempo. O sol apareceu, e a tensão de David diminuiu. Ele começou a apreciar o voo e sua vista aérea da região. Como seguiam em direção ao nordeste, ele pôde ver Atlanta à sua direita. “Eu estava ficando animado”, ele diz, “sabendo que logo estaria com minha esposa e minha filha de novo.”

Mas, assim que passaram por Greenville, na Carolina do Sul, o nevoeiro, irregular e fraco, transformou-se mais uma vez em uma massa cinzenta contínua. Havia visibilidade suficiente para Henry se afastar da primeira cordilheira, mas, ao olharem à distância, os dois viram uma parede sólida de névoa e ficaram preocupados. Henry fez contato pelo rádio com o aeroporto de Asheville para obter instruções.

“Nossa pista está fechada por causa do nevoeiro”, respondeu o controlador de tráfego aéreo, “e não temos condições para um pouso orientado por instrumentos. Volte para Greenville e pouse lá.”

“Mas não posso”, Henry protestou. “Estamos quase sem combustível. Não vamos ter o suficiente para voltar para Greenville.”

Houve silêncio. Então, “tudo bem”, veio a voz ríspida pelo rádio. “Vamos preparar a equipe de terra. Faça um pouso de emergência.”

David agarrou-se aos braços de seu assento. Parecia que eles estavam voando em um cobertor cinza espesso, e a torre de controle de Asheville não conseguia vê-los. Ele e Henry iriam pousar? “Podemos usar os mapas de voo, como fizemos antes”, Henry tranquilizou David e, depois de um rápido exame do plano, ele iniciou o pouso cego. A pista do aeroporto *deveria* estar abaixo deles, mas e se não estivesse?

De repente veio uma voz pelo rádio: “Arremeta! Arremeta!”

Henry imediatamente empurrou a alavanca de comando para cima. Ao fazer isso, os homens viram uma abertura no meio do nevoeiro, e o que viram lá embaixo deixou cada um deles arrepiado de medo. Em vez de estarem sobre a pista, eles estavam sobre uma rodovia interestadual! Se tivessem descido mais alguns metros, eles teriam batido em uma ponte e

certamente explodido.

Os dois olharam um para o outro. Estavam quase sem combustível e, em meio às nuvens cinzas, era impossível saber onde estavam. Henry tentou descer novamente, mas quase bateu nas copas de algumas árvores que balançavam acima do nevoeiro. Mais uma vez, ele arremeteu bruscamente. Parecia não haver uma saída para o dilema que eles estavam vivendo. Sem combustível suficiente nem instruções da torre de controle, como eles conseguiriam pousar?

Então, com grande alívio, eles ouviram a voz serena do controlador rompendo o silêncio tenso na cabine do piloto. “Se vocês me ouvirem”, ele disse, “vou ajudá-los a descer.”

“Vá em frente”, Henry respondeu, aliviado, pelo rádio.

O controlador começou a dar suas instruções. “Desça um pouquinho”, ele disse. “Agora, vá para a direita. Desça mais um pouco...”

David agarrou-se ao assento, orando seriamente. Graças a Deus, o controlador pôde localizá-los no radar, a despeito da visível falta dos instrumentos necessários no aeroporto. Mas será que daria tempo? Parecia impossível. O ponteiro do combustível estava na reserva, mas a voz continuou com uma autoridade tranquila: “Não tão rápido. Devagar, devagar agora...” O pesadelo deste voo iria acabar? E David veria sua esposa e sua filha novamente?

“Levante-o um pouco agora. Não, você está muito para a esquerda.” A viagem parecia durar uma eternidade. Mas, de repente, o controlador disse: “Você está sobre o final da pista. Desça... agora!”

Obediente, Henry atravessou o nevoeiro com o avião descendo, e os dois homens reconheceram o início de uma pista logo à frente, com luzes dos dois lados ao longo dela. Foi a visão mais agradável que já tiveram. Em questão de minutos, eles tocaram o chão. Lágrimas de gratidão e alívio encheram os olhos de David quando viu Florence em pé no final da pista.

O avião taxiou para parar, e os dois homens fizeram uma rápida oração de agradecimento. Então Henry ligou o rádio novamente. “Muito obrigado”, ele disse com a voz trêmula de alívio para o controlador de tráfego aéreo. “Você provavelmente salvou nossa vida.”

Mas a resposta do controlador fez os dois pararem de repente. “Do que você está falando? Nós perdemos todo o contato pelo rádio com vocês quando pedimos para vocês voltarem para Greenville.”

“Vocês o quê?”, Henry perguntou, incrédulo.

“Não ouvimos mais vocês, e não ouvimos vocês falando com a gente ou com qualquer outra pessoa”, o controlador disse. “Ficamos surpresos quando vimos vocês atravessarem as nuvens.”

David e Henry olharam um para o outro. Quem os guiou em meio às nuvens cinzas até terra firme em segurança? Eles nunca saberiam com certeza. Mas até hoje David nunca ouviu um avião pequeno sem pensar naquele voo. “Sei agora que, por mais insignificante que eu seja neste mundo grande, os olhos de Deus sempre estão sobre mim”, ele diz. “Ele me sustém em meio à tempestade e ao nevoeiro.”

# GUIA NOTURNO

*Somos como crianças, necessitadas de mestres para nos iluminar e nos guiar; e Deus nos deu isto, designando seus anjos para serem nossos mestres e guias.*

São Tomás de Aquino

William e Virginia Jackson, nascidos na Nova Inglaterra, viveram na Flórida por vários anos. Virginia sempre pede ajuda ao seu anjo. Uma vez, o casal viajava de carro de Las Vegas para El Paso, passando pelo Vale da Morte, e só mais tarde descobriram que a ventoinha do carro não estava funcionando. Como eles conseguiram atravessar um deserto perigoso sem uma peça vital do motor? Virginia acredita que foram protegidos por seres espirituais.

Contudo, durante outra viagem, há cerca de seis anos, parece que aquela proteção angelical foi especialmente nítida. Os Jackson haviam visitado a filha em Hudson e estavam voltando de carro para casa em uma noite de domingo. “Tentamos nunca viajar naquela hora, porque, na região onde moramos, tudo fica fechado e deserto”, diz Virginia. “Se você tiver problemas na estrada, não há onde pedir ajuda.”

Eles haviam percorrido apenas uma pequena distância quando os faróis dianteiros apagaram. O que fazer? William encostou o carro na beira da estrada, levantou o capô e olhou esperançoso para a estrada. Virginia começou a orar.

Quase de imediato um policial apareceu. “O senhor sabe se há alguma oficina aberta de domingo à noite por aqui?”, William perguntou.

O guarda pensou por um minuto. “Talvez haja uma. Por que você não liga o pisca-alerta e me segue?”

Foi o que os Jackson fizeram, mas a oficina estava fechada. Uma vez que eles moravam em uma região da fronteira, o policial não pôde deixar sua rota e escoltá-los até mais adiante. Em vez disso, ele os deixou na Rota 41. “Pare aqui na estrada”, ele sugeriu. “Com certeza vai aparecer alguém que

possa guiá-los até mais perto de onde vocês moram.”

Enquanto o policial estava falando, um carro parou à frente, e William e o policial foram conversar com o motorista.

“Não estamos com sorte?”, William perguntou para Virginia quando voltou para o carro e o policial foi embora. “Aquele homem ali na frente vai passar por nossa cidade. Ele vai devagar, e eu disse para ele que quando chegarmos à Rota 44, vamos sair da estrada. Que sorte encontrar por aqui alguém que está indo em nossa direção!”

Virginia não tinha certeza de que era sorte. Ela continuou orando.

O casal buzinou quando chegaram à sua saída, e o bom samaritano à frente acenou e seguiu em frente. Naquele momento os Jackson foram devagar até o Mid-State Bank, bem no centro de sua cidade deserta. Eles estavam a alguns quilômetros de distância de casa, mas dirigir no escuro sem faróis seria extremamente perigoso.

“Por que não ficamos sentados aqui por um tempo? Pode ser que alguém que conhecemos passe de carro”, sugeriu Virginia.

Passaram-se alguns minutos. Então um carro vermelho se aproximou. Em vez de estacionar ou abaixar a janela para perguntar algo a eles, o motorista, um indivíduo indistinguível no interior escuro do carro, diminuiu a velocidade e parou na frente dos Jackson. Com as luzes do estacionamento do banco, Virginia pôde ver os primeiros dígitos na placa do carro, e eles pareciam familiares.

“Acho que é alguém que conhecemos”, ela disse para William.

“Bem, parece que ele está esperando que o sigamos.” William ligou o carro e foi atrás do estranho, que dirigia muito devagar.

O último trecho da jornada dos Jackson estava quase completo. Que alívio! Pode ter sido muito perigoso, mas eles foram protegidos a cada passo do caminho. Virginia continuou a olhar para o carro na frente deles enquanto seguiam. Embora não pudesse ver o motorista, ela conseguiu ler, um pouco de cada vez, os últimos dígitos na placa. “Ah, eu sei quem é!”, ela finalmente disse para William. “Reconheci a placa. Este carro fica na porta de uma casa a um quarteirão de nossa casa. Passo por ele o tempo todo. Não é para menos que parecesse familiar.”

Sem dúvida, quando o motorista se aproximou daquela casa, ele buzinou e entrou com o carro na garagem. William e Virginia agradeceram acenando com as mãos, depois foram para casa, contentes por poderem relaxar depois de sua terrível experiência.

No dia seguinte, decididos a agradecer ao motorista pessoalmente, eles foram até a casa. O mesmo carro vermelho com a mesma placa estava parado na porta da casa onde o viram parar na noite anterior.

Uma mulher respondeu quando bateram na porta e, enquanto os Jackson agradeciam, ela ficava cada vez mais confusa. “Eu não saí ontem à noite”, ela protestou. “Nunca dirijo à noite.”

“Então foi seu marido”, concluiu Virginia.

“Impossível”, a mulher disse. “Meu marido não poderia ter trazido vocês para casa.”

“Ah, mas ele nos trouxe”, Virginia disse. “Sem a ajuda dele, nós provavelmente ainda estaríamos estacionados no banco. Vi o número de sua placa. E aquele carro vermelho, com certeza, virou para entrar nesta garagem.”

A mulher fez que não. “Você não está entendendo”, ela disse para Virginia. “Sou a única pessoa que dirige, e faz vários dias que não ando com o carro. Não pode ter sido meu marido. Ele não dirige mais. Veja, ele é cego.”

Os Jackson, mais tarde, descobriram que o homem na casa era de fato cego. E, por algum tempo, toda vez que Virginia encontrava a mulher, ela dava um olhar para Virginia de quem estava dizendo: “Que tipo de alucinação você teve hoje?”

O casal quebra a cabeça para desvendar a questão de seu resgate desde aquele dia. Mas, seja como for, uma coisa é certa: “Eu estava pedindo ajuda em oração durante toda a viagem”, resume Virginia. “Por que eu deveria ficar surpresa com o fato de termos recebido ajuda?”

# INTERVENÇÃO INVISÍVEL

*O anjo do Senhor é sentinela ao redor daqueles que o temem, e os livra.*

Salmo 34:7

Corrie ten Boom era uma solteirona de meia-idade que levava uma vida monótona como relojoeira em Haarlem, na Holanda. Quando os exércitos de Hitler conquistaram grande parte da Europa no início da década de 1940, o irmão de Corrie, um ministro da Igreja Reformada Holandesa, começou a abrigar refugiados judeus. Por fim, quando as tropas alemãs ocuparam a Holanda, Corrie decidiu ajudar também, escondendo amigos judeus em uma passagem secreta dentro de sua casa até que eles pudessem sair clandestinamente do país.

Aos poucos, a família de ten Boom tornou-se o centro do movimento de resistência da cidade, com centenas de judeus passando por sua casa e alguns sendo escondidos permanentemente. “Minha sala parecia uma colmeia, uma espécie de central de oferta e procura”, ela escreveu em *A Prisoner, and Yet...* [Uma prisioneira e, mesmo assim...][4](#)

Em 28 de fevereiro de 1944, Corrie, sua irmã Betsie e seu pai foram traídos e detidos. Embora a Gestapo tenha revistado sua casa, o quarto secreto havia sido projetado de modo tão engenhoso que os policiais não conseguiram encontrar nenhum indício de atividades clandestinas ali. Uma vez que se recusaram a revelar o esconderijo da casa, os Boom foram condenados por roubarem cartões para receber porções de comida e lançados na prisão. (Todos os seus hóspedes, menos um, no final, conseguiram se salvar.)

O pai de Corrie viveu apenas dez dias depois de ser sentenciado, mas, para Corrie e Betsie, o ano seguinte foi um inferno. E, mesmo assim, por meio de seu espírito indomável e sua firme fé em Deus, Corrie levou esperança e bondade a muitos prisioneiros sofridos. Até onde Corrie sabe, ela nunca viu um anjo “em carne e osso”, mas encontrou evidências de

uma intervenção angelical.

Em um determinado momento, quando ela e outras prisioneiras chegaram ao terrível campo de extermínio de mulheres de Ravensbrueck, Corrie percebeu, em estado de choque, que todos os bens das prisioneiras, incluindo roupas de frio, estavam sendo tirados delas. Elas congelariam naquele lugar abandonado. E sua pequena Bíblia, presa a um cordão em torno do pescoço, que, até aqui, havia sido um consolo durante os dias tristes? Mas, com certeza, ela seria confiscada.

Antes de chegar sua vez de ser despida e revistada, Corrie pediu permissão para usar o banheiro. Lá, ela enrolou a Bíblia nas peças de lã que Betsie e ela usavam por de baixo das roupas, pôs a trouxa em um canto e voltou para a fila de espera de prisioneiras. Mais tarde, depois de Corrie e Betsie vestirem novamente a camiseta e o vestido da prisão, Corrie escondeu o rolo de peças e sua Bíblia de baixo de suas roupas. O volume era considerável, mas ela orou: *Senhor, envie seus anjos para me cercarem.*

Então, percebendo que anjos eram espíritos, ela corrigiu a oração: *Senhor, não deixe que eles sejam transparentes hoje, pois os guardas não podem me ver!*

Calmamente, ela então passou pelos guardas. Todas na fila eram revistadas de um lado a outro e de cima a baixo, e todo volume e dobra eram examinados. A mulher na frente de Corrie havia escondido um colete de lã por de baixo do vestido, que foi imediatamente identificado e confiscado. Atrás dela, Betsie era revistada.

Mas Corrie passou sem ser tocada ou sequer notada por alguém. Foi como se ninguém a tivesse visto na fila. Na porta externa, enquanto uma segunda fileira de guardas apalpava o corpo de cada prisioneira, ela novamente passou despercebida.

Bíblias eram itens proibidos. Ser encontrada com uma significava ter a sentença dobrada e também reduzidas as porções de comida, que já estavam pouco acima do nível de inanição. Corrie viveu por muitos meses nesta mais cruel das instituições e foi submetida a muitas revistas. Ela e Betsie também realizaram às escondidas cultos de adoração e estudos bíblicos para prisioneiras de todas as crenças e nacionalidades. Mas parecia haver um muro invisível de proteção em torno de sua Bíblia, pois os guardas nunca a encontraram.

Em Ravensbrueck, as prisioneiras tinham de entregar a maior parte dos

remédios, mas podiam guardar alguns artigos de banho. Corrie guardava um vidro de Davitamon, um composto vitamínico líquido, que, na época em que ela foi para Ravensbrueck, estava pela metade.

A falta de vitaminas era um dos maiores perigos para as prisioneiras, e Corrie tinha o instinto de guardar o precioso frasco para Betsie, que, a esta altura, estava enfraquecida e doente. Mas as outras estavam doentes também, “e era difícil dizer ‘não’ a olhos que ardiam em febre, a mãos que tremiam de frio”, ela escreveu em *O refúgio secreto*.<sup>5</sup> Logo, o número de mulheres que recebiam uma dose diária já passava dos trinta e, mesmo assim, “toda vez que eu virava o vidrinho, uma gota aparecia na tampa. Muitas vezes, eu ficava acordada tentando entender a maravilha daquela bênção que nos era concedida”. Embora ela não pudesse entender como aquilo estava acontecendo, as gotas continuaram a aparecer.

Um dia, alguém que trabalhava no hospital da prisão contrabandeou um pacote contendo vitaminas para Corrie, pedindo que ela as distribuísse ao maior número possível de prisioneiras. Corrie deu a cada mulher o suficiente para uma semana. Mas, quando abriu seu pequeno frasco de Davitamon, ele estava seco. No entanto, o pacote com vitaminas ocupou o lugar dele, continuando a dar vitaminas por muitas semanas. Corrie sempre acreditou que os anjos estivessem relacionados a esses eventos inexplicáveis.

Betsie morreu de fome e doente na prisão. Pouco tempo depois, Corrie foi chamada à sala do diretor e libertada. Seu sofrimento havia acabado. Mas a vida nunca mais seria a mesma.

Corrie começou uma nova ocupação, abrindo lares para pessoas que haviam sofrido danos por causa do tratamento brutal durante a guerra, lugares onde poderiam curar o corpo e a mente. Para manter seus lares, ela percorreu o mundo fazendo preleções. Foi somente em 1959, no entanto, que Corrie descobriu a “intervenção invisível” mais importante que recebeu. Ela estava visitando novamente Ravensbrueck como parte de uma peregrinação em honra as 96 mil mulheres que morreram ali quando descobriu que foi libertada por causa de um “erro administrativo”. Uma semana depois de ter sido libertada, todas as prisioneiras de sua idade foram levadas para as câmaras de gás.

## NEM VENTO NEM CHUVA...

*Milhões de criaturas espirituais vagueiam invisíveis pela terra, tanto quando acordamos, como quando dormimos...*

Milton, *Paraíso perdido*

Se os anjos de Corrie ten Boom foram sentinelas ao redor dela para deixarem-na invisível, o que mais um grupo de espíritos protetores destemidos pode fazer por nós? Encontrei a história de um casal que estava hospedado em um hotel quando começou um incêndio. Eram 2h30, e o corredor estava cheio de chamas. A princípio, o casal acreditou que estivesse fadado a morrer. Mas o marido invocou a ajuda de Deus, apanhou a esposa e saiu correndo pelo corredor. As chamas e a fumaça pareceram recuar, ele disse, até eles chegarem à segurança do saguão.[6](#)

Outra mulher escreveu contando sobre uma época em que, recém-divorciada, deprimida e pedindo ajuda em oração, ela dirigia sua caminhonete no meio de uma tempestade. Seu filho foi o primeiro a perceber que a chuva não estava batendo na caminhonete. Nos retrovisores, eles podiam ver a chuvarada caindo, achatando as folhagens, batendo nas casas e celeiros. Mas o para-brisa, sem limpadores, estava perfeitamente limpo! Este gesto carinhoso animou a mulher e deu-lhe coragem para enfrentar a estrada difícil que tinha pela frente.[7](#)

Lucille Johnson, uma professora, acredita que teve a experiência de “estar com sentinelas ao seu redor” também. Em 1949, uma epidemia de pólio assolou a região de Iowa onde Lucille dava aulas, e ela contraiu a doença, provavelmente de seus alunos.

“Fiquei hospitalizada por mais de seis meses e, finalmente, ‘fui liberada’ com um par de muletas com suporte para os braços”, Lucille me disse. “Voltei para a faculdade para me formar e depois dar aulas de novo.” Ao longo de sua carreira, seu casamento e o nascimento de sua filha, Lucille, a princípio, conseguia circular com duas muletas, depois com uma e, finalmente, “por causa da vaidade”, ela diz, sem nenhum apoio.

Mas a pólio deixou-a com o lado direito fraco. Para sustentar o corpo, ela ainda precisa travar o joelho quando anda, e, no momento, usa uma bengala. “Eu caio com muita facilidade e, uma vez, quebrei a rótula de um dos joelhos”, ela explica. “Ventos muito fortes e violentos são especialmente perigosos, uma vez que me deixam sem equilíbrio. Mesmo quando era muito mais jovem, eu evitava fazer compras no centro de Davenport porque, quando fazia aquele famoso vento de Iowa, eu mal conseguia atravessar a rua sem ser derrubada!”

Em 1977, Lucille e sua família construíram uma casa perto de New Salisbury, em Indiana, e Lucille envolveu-se na congregação de St. Michael. Como o primeiro Natal deles na casa se aproximava, Lucille decidiu agradecer a Deus pelas bênçãos que recebeu frequentando a missa todos os dias durante o mês de dezembro.

Todo dia da primeira semana, Lucille fazia os onze quilômetros de carro até a igreja de St. Michael. Mas, na manhã de segunda-feira da segunda semana, ela acordou com o som de seu grande rival, o vento. Os boletins meteorológicos chamavam a atenção para rajadas de vento violentas, uma condição que poderia fazer Lucille cair e deixá-la seriamente machucada. Ela deveria correr o risco? *Deus, ela orou, sei que lhe fiz uma promessa... e vou cumprir minha parte.*

Com cuidado, Lucille foi de carro até a igreja de St. Michael. O vento empurrou e fez o carro pular durante todo o caminho, mas era especialmente desesperador toda vez que ela chegava a uma clareira ou área desprotegida e o carro tremia como um brinquedo que podia ser facilmente lançado para o ar. Cansada de agarrar o volante e pisar no freio, Lucille finalmente estacionou o carro cerca de meio quarteirão de distância da entrada da igreja e, esperançosa, olhou ao redor. Estava se aproximando alguém com um braço forte que não se importasse em deixá-la se apoiar nele?

Não. Ela parecia sozinha e quase decidiu voltar para trás. Parecia que o vento estava aumentando e, mesmo estacionado, seu carro pulava e balançava. Mas ela havia chegado até ali em segurança... Relutante, ela abriu a porta e saiu para enfrentar aquele vendaval.

Estranhamente, o vento pareceu parar de repente, pois ela não sentiu absolutamente nada. “Eu estava esperando ser quase arrancada do chão”, diz Lucille, “mas, para minha surpresa, não senti o menor golpe de vento, nem mesmo uma brisa. Não parecia haver nenhum ar se movendo.” Ao

que parece, Deus ouviu a oração de Lucille e acalmou o vento para ela. *Que Pai amoroso!*, ela pensou.

Só que... surpresa, Lucille olhou para as árvores no terreno em volta da igreja. Longe de estarem paradas, elas balançavam agitadamente, e ela podia, na verdade, ouvir o barulho dos galhos por causa da força do vento. Mas Lucille não *sentiu* nada, nem mesmo uma pequena corrente de ar para desarrumar seu cabelo. Como era possível?

Ela não sabia, mas começou a andar até a porta da igreja com uma confiança cada vez maior. O vento provavelmente estava soprando lá em cima, e não aqui em baixo, ela concluiu. Se aquilo fosse possível, explicaria o fenômeno. E, contudo... ela parou, surpresa, novamente. Passando impetuosamente por ela em um redemoinho vinham várias folhas secas, obviamente impelidas por uma força que estava no nível do chão, mas, mesmo assim, sem tocá-la.

Lucille subiu a escadaria rachada da igreja de uma vez, segurando firme no corrimão de ferro e forçando o corpo a subir com o braço esquerdo. Mas, novamente, nenhum vento mediu forças com ela. Chegando ao topo, ela abriu a porta pesada com facilidade e entrou, com a porta fechando devagar atrás dela, mas não totalmente.

Pega por uma forte corrente de ar, a porta começou a se abrir novamente. Lucille alcançou-a e sentiu a terrível força da rajada de vento vindo ao seu encontro. Enquanto ela pelejava para fechar a porta, uma amiga agarrou-a do outro lado e entrou com a porta meia aberta. “Esta é a pior ventania que já vi!”, ela exclamou para Lucille, depois olhou para ela mais de perto. “Nossa, você nem está desarrumada!”, ela disse. “Você não acabou de entrar?”

“A mulher tinha razão. Meu cabelo não estava levantado nem despenteado, nem minhas roupas estavam de algum modo desarrumadas”, Lucille conta. “Eu estava completamente calma e serena, mesmo com uma tempestade violenta lá fora.

Lucille nunca saberá ao certo se um acampamento de anjos formou uma roda de proteção em torno dela, uma roda que nem a força dos ventos pôde penetrar. Contudo, embora a presença de anjos talvez seja mais difícil de entender do que o próprio vento, muitos acreditam que ela seja totalmente possível.

## O INSPETOR DE SEGURANÇA

*Um anjo! Se não for, é um modelo terreno de perfeição!*

Shakespeare, *Cimbelino*

Jean Hannan Ondracek, de Omaha, foi uma das primeiras a atender ao meu pedido de histórias de anjos. É dela uma lembrança estimada desde quando aconteceu, em 1958.

Jean havia ido a um balneário na região de Ozarks com sua irmã Pat e duas amigas jovens para aproveitar um final de semana de sol e diversão. Uma vez que Jean era a única que sabia nadar, ela decidiu se aventurar no lago no sábado pela manhã. Suas colegas resolveram ficar à beira do lago e pegar um bronzeado. “Havia outras pessoas no local”, lembra Jean, “mas ninguém muito perto da margem onde estávamos. Não havia salva-vidas rondando esta parte do lago. Até onde sei, eu era a única que nadava no lago.”

O sol estava quente, a água refrescante e o tempo, e a distância, passavam mais rápido do que Jean havia percebido. Em um ponto muito mais distante da praia do que ela imaginava, e onde o lago era muito fundo, de repente Jean ficou sem fôlego. Chocada, ela percebeu que não tinha energia suficiente para voltar à praia.

Ela gritava e balançava as mãos freneticamente, mas mal conseguia distinguir os vultos pequenos na areia. E ninguém olhava para onde ela estava. Enquanto seu medo aumentava, Jean percebia que poderia se afogar. “Deus, me ajude, me ajude!”, ela orou em voz alta.

De repente, ela viu algo aparecer na água à sua esquerda. Um barco! Parecia uma velha canoa abandonada. Se conseguisse chegar até ele, talvez Jean pudesse remar de volta... Com a última gota de energia, Jean nadou até o barco, mas desanimou quando o viu. Ele era velho, não tinha remos e, ao que parecia, estava acorrentado ou preso de algum modo a algo no fundo do lago. Ela pôde se agarrar a ele por um instante, recuperar as forças e tomar fôlego, e isso foi, sem dúvida, uma bênção. Mas, o descanso

era, na melhor das hipóteses, temporário.

Por quanto tempo ela conseguiria aguentar sem que Pat e as outras notassem sua ausência? Ou elas simplesmente achariam que ela havia voltado usando outro trecho da praia e não fariam nenhum alarme? O que aconteceria quando os raios de sol começassem a queimá-la, ou ela ficasse com sede, ou seus braços, agarrando-se à lateral escorregadia do barco, se cansassem? O que aconteceria se o velho barco quebrasse debaixo de seu peso? Jean começou a gritar. “Socorro!”, ela gritou novamente. “Alguém me ajude!”

À sua direita, Jean de repente ouviu algo esguichando. Ela se virou para ver um homem alguns anos mais velho do que ela deslizando facilmente pelas ondas e depois aparecendo com a cabeça fora da água na sua frente. “Oi”, ele a cumprimentou calmamente, como se passar por ali fosse a coisa mais natural do mundo. “Com problemas?”

“Eu... eu estou sem fôlego e não consigo voltar”, respondeu ela, cheia de alívio. “De onde você veio? Não vi ninguém nadando, e é claro que eu estava procurando ajuda!”

Despreocupado, o jovem deu de ombros. “Ah, eu sou inspetor de segurança, e uma de minhas funções é salvar vidas na água, se for preciso. Você acha que pode nadar de volta?”

“Ah, não”, Jean fez que não com a cabeça. “Estou exausta.”

“Venha, você consegue!” O jovem inspetor sorriu com confiança. “Vou nadar ao seu lado o tempo todo, até você chegar à praia. Se você tiver qualquer problema, eu seguro você.”

“Bem...” Ele parecia tão seguro. Talvez ela *conseguisse* nadar, sobretudo se ele estivesse ali para segurá-la, se ela vacilasse.

Jean, de algum modo, conseguiu juntar energia para nadar toda a distância. O inspetor de segurança não disse muita coisa, mas, cumprindo o que disse, ele ajustou suas braçadas e observou-a com cuidado. Em um último ímpeto de força, Jean, triunfantemente, chegou tropeçando à beira arenosa do lago. Pat e as outras, ainda deitadas em cangas, olharam para ela enquanto ela se revolia no raso. “O que aconteceu?”, Pat perguntou. “Você sumiu por um bom tempo.”

“Eu quase me afoguei”, Jean respondeu ofegante, arrastando-se na direção delas. “Se não fosse o salva-vidas...”

“Que salva-vidas?”, Pat perguntou, olhando novamente para Jean.

“O guarda, o inspetor de segurança que nadou de volta comigo.” Jean

virou-se para apontar para ele.

Mas não havia nenhum jovem na praia, ninguém nadando distante, ninguém andando na beira do lago em nenhuma direção. Nem as amigas de Jean viram alguém acompanhá-la.

Jean nunca mais viu novamente o jovem que a salvou, mas descobriu que não havia salva-vidas nem “inspetores de segurança” no quadro de funcionários do balneário. Talvez fosse um guarda de outro tipo.

## ANJOS NA ESTRADA

*“Eis que envio um anjo à frente de vocês para protegê-los por todo o caminho...”*

Êxodo 23:20

Uma das coisas que percebi quando abri minha caixa postal foi que meu filho Tim tinha muitos companheiros — muitas pessoas pareciam encontrar anjos quando dirigiam! Quando pensamos em quanta confusão podemos nos meter no trânsito, é lógico que nossos anjos ficam ocupados. Por exemplo, a esposa de um ministro me contou de uma viagem que ela fez pela região central de Kentucky. Em um trecho de pista dupla, ela se viu encurralada atrás de um caminhão que transportava carvão e, depois de olhar cuidadosamente, ela abriu para fazer a ultrapassagem. Chocada, ela viu uma enorme carreta vindo em sua direção.

“O motorista do caminhão de carvão viu meu dilema e jogou-se para a direita o máximo possível, mas não haveria espaço suficiente para três veículos passarem, nem tempo suficiente para eu voltar para minha pista”, ela conta. Gelada, ela esperou a inevitável colisão.

Mas, ao se aproximar da mulher, a carreta sumiu de vista.

Chocada, ela voltou para trás do caminho de carvão, olhando pelo retrovisor. A carreta não estava ali. “Estávamos em cinco pessoas no carro”, ela me disse. “Todos vimos a carreta vindo em nossa direção. Ninguém viu o que aconteceu com ela.”

Havia outras histórias também:

Sharon W. (esse não é seu nome verdadeiro) não dirige com frequência, por isso, quando se pôs a caminho da casa de um colaborador em uma noite chuvosa, sua colega de quarto deu instruções explícitas. Mas a chuva se transformou em neve, e Sharon ficou nervosa. Ela sabia que não tinha experiência suficiente para dirigir com o mau tempo de Michigan.

Passando rápido demais por um cruzamento, Sharon pisou no freio, mas,

em vez de frear, seu carro derrapou perigosamente em direção a um poste de luz. “Ah, anjos, me ajudem!”, ela gritou. Imediatamente, o carro se endireitou na pista.

“Foi como se ele tivesse, na verdade, sido erguido e virado”, ela diz. “Eu me vi do lado direito da estrada, seguindo na direção certa.” Sem lesão alguma, Sharon seguiu rumo ao seu destino.

Ao chegar em casa, Sharon contou à colega de quarto que havia escapado de um acidente por um triz. “Não estou surpresa”, respondeu a amiga. “Depois que você saiu, comecei a ficar preocupada com você dirigindo neste tempo. Então, mandei meu anjo da guarda acompanhá-la.”

Bernadine Jones estava indo de carro para o norte em uma pista de mão dupla, em Denver, quando se aproximou de um cruzamento onde poderia seguir em frente em uma pista reta ou entrar em uma curva à esquerda. Ela pretendia virar à esquerda, mas não conhecia muito bem a estrada, por isso, quando ouviu uma voz ordenar “devagar agora!”, ela respondeu sem pensar.

Chegando quase à parada, Bernadine ficou espantada ao ver um carro se aproximando em alta velocidade pelo lado esquerdo da curva, justamente onde ela estaria se não tivesse pisado no freio.

Só mais tarde foi que Bernadine percebeu que a voz havia vindo de dentro de seu carro. Contudo, ela estava sozinha.

Mae Warrick despediu-se do optometrista e foi andando em direção ao seu carro. Ao abrir a porta da frente, ela ouviu um homem dizendo: “Aperte este cinto de segurança!” Mae virou para olhar para trás, esperando ver alguém, mas a rua estava deserta.

Alguém estava pregando uma peça nela? Sem saber o que pensar, ela afivelou o cinto. Ela foi até sua lanchonete favorita na estrada e começou a virar à esquerda para entrar na lanchonete. Já era tarde demais quando Mae percebeu que havia um caminhão na entrada e que ela não conseguiria terminar de fazer a manobra. Um carro que vinha no sentido contrário, que não conseguiu parar a tempo, bateu no carro de Mae.

“Mesmo com o cinto de segurança, fiquei com uma costela fraturada e algumas escoriações”, diz esta mulher de oitenta anos. “Eu me pergunto como eu estaria agora se não tivesse obedecido às ordens de meu anjo!”

Janet Notte-Corrao também obedeceu às ordens que recebeu em uma noite. Ela estava sentada no banco de passageiro, ao lado do marido, com os dois filhos no banco de trás. Janet, no fundo, não ficou alarmada com a voz que ouviu enquanto o carro fazia uma curva — ela já havia ouvido seu anjo antes. Embora a mensagem não tenha sido audível para os outros, Janet ouviu: “Ore, Janet! Um carro que está vindo vai bater em vocês quando vocês virarem para entrar na garagem. Ore!”

Enquanto ouvia as palavras, Janet também teve uma visão do carro batendo no carro de sua família. *Ah, Deus, ela orou, por favor, ponha seu exército celestial de anjos ao redor de nosso carro!*

O marido de Janet estava dirigindo com cuidado. Inesperadamente, houve um barulho de pneus cantando e, em seguida, um tranco, quando ele pisou fundo nos freios.

“Eu estava tão concentrada na oração que o solavanco quase me pegou de surpresa”, diz Janet. “Fui empurrada para frente e, graças ao cinto de segurança, *não* atravessei o para-brisa, mas os carros não chegaram a bater. Ficamos tão perto um do outro que os faróis do outro carro ficaram brilhando bem na nossa cara.”

Antes que o marido atônito de Janet pudesse reagir, o outro carro foi embora disparado, com a mesma rapidez com que apareceu. Mas a oração de Janet foi respondida. “Ficou apenas um espaço pequeno entre os dois carros”, ela observa com um sorriso. “Um espaço da largura de um anjo.”

Finalmente, voltando para casa de carro em uma autoestrada de St. Louis, Andrew (este não é seu nome verdadeiro) quase chegou à sua saída. Olhando pelos retrovisores, ele virou o volante para ir para a pista da direita. Mas o volante não se mexeu. O que estava acontecendo? Andrew tentou virar novamente, mas o volante parecia travado.

Ele teria de forçá-lo se quisesse sair da autoestrada e encontrar um posto de gasolina naquele momento. Tentando não entrar em pânico, Andrew olhou para ver o que havia atrás dele.

Na sua traseira, no ponto cego, havia um carro compacto. “Ele estava bem atrás para ser percebido pela visão periférica, muito colado para ser visto em meu retrovisor. Se o volante não tivesse travado, eu teria entrado no outro carro, a quase noventa quilômetros por hora.”

Antes de forçar o volante para a direita, Andrew freou um pouco para deixar o outro carro passar. Mas, assim que o carro pequeno passou, o

volante de Andrew respondeu normalmente. No final, não havia razão para achar um posto de gasolina.

Andrew ficou com o carro por mais dezoito meses, e seu filho e sua nora é que o estão dirigindo agora. Ninguém encontrou nenhuma irregularidade no volante ou em qualquer outra coisa.

## RECEBENDO DE DEUS UM

*Os anjos da guarda da vida às vezes voam tão alto que escapam à nossa vista, mas estão sempre olhando para nós aqui em baixo.*

Jean Paul Richter

É mais uma história envolvendo direção... Foi em janeiro de 1948 que o jovem padre Anthony Zimmerman chegou ao porto de Yokohama, no Japão, como missionário católico recém-ordenado. Ele foi o primeiro de sua ordem, a Sociedade da Palavra Divina, a viajar dos Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial, mas, no final, muitos outros se juntariam a ele, além de clérigos que estavam sendo expulsos da China antes de serem capturados pelos comunistas.

O padre Anthony ainda se lembra de como se sentiu quando seus pés pisaram no píer depois de cruzar o oceano em doze dias. “Eu me senti flutuando”, ele diz, “e vi quando minhas 117 caixas de viagem foram colocadas em uma fila para inspeção.” Dentro das malas havia muitas coisas para missionários sem recursos por causa da guerra: coturnos, roupas de frio, jaquetas, enlatados, até uma bicicleta e uma motocicleta bem pequena. O general Douglas MacArthur havia ordenado que os missionários fossem acolhidos no Japão, e sua ordem, ao que parece, acabou com a burocracia — os oficiais japoneses fizeram uma inspeção superficial na bagagem, e o padre Anthony foi dispensado para começar sua nova vida no Japão.

“Os missionários em nossa casa em Tóquio deram-me uma recepção calorosa naquela noite”, lembra o padre Anthony. “Fomos à capela naquele momento para agradecer a Deus pela viagem segura. Não lembro se agradeci ao meu anjo da guarda em especial, mas eu normalmente ficava em contato com ele nas orações da manhã e da noite, assim é provável que eu tenha feito um gesto de cabeça para ele naquele momento também, pedindo que ele me acompanhasse durante meu futuro no Japão.”

Ele foi, primeiro, a uma missão em Tajimi, onde iria estudar japonês e

ensinar inglês. Aquela foi uma época de racionamento de alimentos e de combustível, em que as famílias japonesas vendiam suas preciosas relíquias por uma pechincha para comprar as coisas necessárias do cotidiano. Uma vez que elas viam a ajuda dos norte-americanos, dando-lhes comida, combustível e um bom tratamento, o ambiente aos poucos passou a ser de aceitação e tolerância mútuas. Contudo, as condições de vida não eram boas.

“As viagens duravam muito tempo, não havia vasos sanitários e nem sempre gostávamos da comida. Quando perguntei uma vez para meu superior que cheiro terrível era aquele, ele respondeu: ‘É o jantar ou o banheiro’”, diz o padre Anthony, acrescentando que ele viajou por estradas desertas e cheias de pedras em uma pequena motocicleta. “Olhando para trás, acho que meu anjo da guarda não aprovou todos os riscos que assumi, mas eu orava a ele todos os dias e, só para garantir, tentava lhe agradar.”

Por volta de 1950, o padre Anthony mudou-se para uma paróquia de Ehocho, em Nagoia, mas, mesmo assim, ia a vários lugares para ensinar inglês, visitar os hospitalizados e, se houvesse interesse do povo japonês, discutir a mensagem cristã de cura e perdão. De vez em quando, ele ia ao sanatório Umemori para visitar tuberculosos em estado terminal. Foi na primavera de 1950, após uma visita àquele sanatório, que algo especial aconteceu.

“Depois de visitar pacientes no Umemori, pus todas as coisas no jipe e comecei a viagem de volta para a paróquia de Ehocho”, ele lembra. “Nunca fui bom em encontrar estradas, mas, mesmo assim, segui em frente, com a esperança de que, de algum modo, eu conseguiria voltar com segurança. Eu não era especialmente atento, deixando-me levar por pensamentos sobre as pessoas que havia acabado de deixar.”

Ele ficava pensando na triste situação em que elas se encontravam. Em um Japão destruído pela guerra, os fundos para o cuidado de pacientes terminais eram limitados. A espera antes da morte era deprimente, sem alegria e sem esperança. Mas alguns eram gratos por ouvirem sobre o amor de Deus. Para eles, refletiu o padre Anthony com o espírito ainda triste diante de todo aquele sofrimento, ele pôde ajudar a abrir os portões do céu.

Ele estava se aproximando de um cruzamento naquele momento, mas não percebeu que havia um ali. Era uma área reflorestada, com árvores e

arbustos ao longo da beira da estrada, e ele só viu a continuação da estrada à frente. Não havia sinal para parar, e ele andava rápido com o jipe para chegar logo em casa.

Contudo, ainda absorto em seus pensamentos, o padre Anthony sentiu um solavanco forte. O jipe, seguindo em frente com velocidade, começou a pular perigosamente e de um lado para o outro. Era como estar bem em cima de um terremoto. *Era* um terremoto? O que estava acontecendo?

Com medo de frear muito bruscamente e virar o carro, o padre Anthony foi diminuindo a velocidade até parar. E bem a tempo. Não mais que catorze metros à frente, um caminhão enorme saiu de uma estrada secundária que as folhagens escondiam e passou fazendo barulho e correndo pelo lugar onde ele estaria se não tivesse freado.

“Se tivéssemos colidido, o caminhão teria acabado com o jipe e comigo”, ele diz. “De forma espontânea, olhei para o céu para agradecer a Deus. Eu ainda aprecio aquele momento.”

Mas qual era o problema com o jipe? Depois de aquietar o coração diante do possível acidente, ele percebeu que talvez tivesse batido em algo grande ou, no mínimo, estivesse com um pneu estourado, uma ocorrência comum naquelas estradas. Tremendo, ele saiu do carro para dar uma olhada. Mas não havia nada. O jipe parecia perfeito — os pneus estavam bons e ele não viu nada amassado ou arranhado. E a estrada estava completamente plana, sem nenhuma pedra ou obstáculo em lugar algum.

Com a testa franzida, o padre Anthony voltou para dentro do carro e deu partida. Perfeito! Ao sair, o jipe seguiu tranquilamente, sem nenhum sinal das sacudidas que tinha dado antes.

Não havia nada de errado com o carro, absolutamente nada. Mas algo poderoso o moveu e mudou o curso do padre Anthony. Foi aí que ele percebeu o que havia acontecido e falou com seu anjo da guarda: “Perdão por isso”, ele disse. “E muito obrigado.”

Mais tarde, o padre Anthony descobriu que não foi o único sacerdote a receber a mesma graça. Durante aquele mesmo período, um colega de classe, o padre John, ia como de costume a um convento perto de Pequim para celebrar a missa para as irmãs de lá. Ele conhecia muito bem o caminho, uma simples estrada reta. Certa manhã, ele chamou um nativo com um triciclo para levá-lo por aquele caminho direto.

Pequim já estava cercada pelos comunistas, e se podia ouvir o estrondo

de canhões distantes. “Siga em frente”, o padre John disse ao homem que conduzia o triciclo.

“Não, senhor!”, o homem disse.

O padre John estava acostumado a regatear, mas, desta vez, foi diferente. O homem já havia começado um caminho mais longo que demoraria mais quinze minutos e custaria mais. “Siga em frente!”, o padre John novamente insistiu.

“Não!”

“Você venceu.” O padre John encostou-se no banco, frustrado, quando o triciclo começou a fazer seu itinerário cheio de rodeios e aparentemente sem sentido.

Mas o caminho não foi inútil, pois, durante o percurso, uma forte explosão rompeu o céu e uma bomba acertou em cheio a estrada reta onde o padre John estaria se tivesse feito seu caminho. Quem pode dizer se quem conduzia o triciclo era um anjo ou simplesmente alguém inspirado por um? Mas, como bem sabem os dois padres, os anjos têm um cuidado especial com missionários.

“O que se sente em um momento como este?”, pergunta o padre Anthony. “É como receber um tapinha nas costas de Deus, que diz: ‘Eu sei que você está aqui e gosto do que está fazendo. Eu também tenho outras obras que quero que você faça. Então, agente firme! Mas tenha mais cuidado!’ Não se esquece de um momento e de um acontecimento como estes.”

O padre Anthony, por fim, concluiu o doutorado e passou a dar aulas no Japão. Aposentado no momento, ele tem uma nova profissão: escrever livros sobre teologia. “Imagino que, no céu, meu anjo da guarda vai me dizer que ele já sabia que tudo isso iria acontecer comigo, e esta é uma das razões pelas quais ele fez o jipe sacudir para que eu não morresse”, ele diz. “O episódio está gravado em minha memória. É um presente de que nunca esquecerei.”

## ANJOS DE GUARDA

*E Eliseu orou: "Senhor, abre os olhos dele para que veja." Então o Senhor abriu os olhos do rapaz, que olhou e viu as colinas cheias de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu.*

2 Reis 6:17

Talvez a intervenção angelical mais fascinante seja aquela que ocorre quando *outras* pessoas veem um indivíduo e quem recebe a proteção não vê absolutamente nada. A Bíblia apresenta vários exemplos. O exemplo na citação anterior descreve Eliseu, o profeta de Deus, vendo claramente os anjos, mas o servo só via o exército de inimigos, até que seus olhos são abertos.

Você lerá histórias similares aqui. A autora Betty Malz deu-me o exemplo de seu amigo Bill (que não quis ter o verdadeiro nome revelado). Bill, sua esposa e dois filhos estavam passando as férias no Big Bear Lake, na Califórnia, perto de Apple Valley. Enquanto a esposa cozinhava na fogueira, Bill tirava várias fotos da família reunida em torno da fogueira. Em seguida, ele leu a Bíblia, pedindo a Deus para protegê-los e dar-lhes férias seguras.

Em questão de segundos, no entanto, o ambiente tranquilo foi perturbado por seis homens em motos, que pareciam ter saído do nada. Um deles sacou uma arma, exigindo que a família atordoada colocasse suas carteiras e bolsas no chão. Apavorados, eles fizeram o que os motoqueiros exigiram, e Bill, na pressa, deixou cair sua câmera também.

De repente, com a mesma rapidez com que apareceram, os homens pareceram ser tomados de medo. Deixando os bens da família no chão, eles se viraram, correram para as motos e saíram em disparada. Por que eles foram embora de modo tão súbito, deixando para trás as coisas que queriam roubar?

Confusa, mas aliviada, a família de Bill agradeceu a Deus por poupar a todos de uma situação terrível e, em seguida, continuou a aproveitar o restante de suas férias. Foi só quando chegaram em casa e revelaram as

fotos que eles viram o que os motoqueiros aparentemente viram naquela noite.

Uma das fotos claramente mostra a forma de um anjo vestido de branco pacientemente tomando conta da família enquanto pais e filhos estavam sentados em volta da fogueira.

Louis Torres, um pastor de jovens que no momento trabalha no México, era o diretor de um Centro de Desafio para Adolescentes, em Filadélfia. Ele ministrou na igreja de Betty uma manhã e também confirmou a concepção bíblica de anjos como soldados fortes que às vezes permanecem invisíveis, exceto para aqueles que precisam vê-los para se convencerem. Em *Angels Watching Over Me* [Anjos tomando conta de mim], Betty relata esta história sobre uma jovem chamada Myra, a qual Torres contou em sua congregação:

Myra trabalhava no Desafio para Adolescentes na mesma época de Torres. Uma vez que o centro ficava em uma parte violenta do centro decadente, ela se preocupava com os adolescentes que haviam mostrado interesse em receber conselhos cristãos. Era difícil para eles visitar o centro porque, nas ruas, um grupo de uma das gangues locais frequentemente os infernizava. Por alguns momentos, todas as noites, Myra ficava sozinha no centro, e a gangue a perturbava também, esmurrando a porta e gritando coisas obscenas.

Uma noite, quando a gangue apareceu, Myra, sem mais nem menos, sentiu-se inspirada a falar de Jesus para os rapazes. Ciente do perigo, ela primeiro orou pedindo orientação. Contudo, ela teve certeza de que havia ouvido a voz de Deus corretamente. Ela abriu a porta e saiu.

A gangue juntou-se em torno dela e, mantendo a voz firme, ela falou sobre Jesus.

No entanto, em vez de ouvir, a gangue ameaçou em voz alta afogá-la no rio que havia ali perto. Tentando parecer calma, Myra passou pela porta do centro novamente e fechou-a. Eles não a seguiram.

Na noite seguinte, os delinquentes voltaram, esmurrando mais uma vez a porta e ameaçando a vida de Myra. Acreditando ainda que deveria tentar alcançá-los para Jesus, Myra sussurrou uma oração. “Senhor, que seus anjos venham comigo e me protejam”, ela murmurou.

Em seguida, ela abriu a porta e estava para falar quando os gângsters, de repente, pararam de gritar, viraram-se uns para os outros e saíram em

silêncio e rápido. Myra ficou surpresa. Por que eles foram embora?

A gangue não voltou por vários dias. Então, uma tarde, para surpresa de todos, eles entraram no centro de um modo ordeiro. Muito mais tarde, depois de ter criado um relacionamento de confiança com eles, Louis Torres perguntou o que os havia feito parar de ameaçar Myra e sair de modo tão tranquilo naquela noite.

Um jovem falou. “A gente não ia ter coragem de tocar nela depois que o namorado dela apareceu. Aquele camarada deveria ter mais de dois metros de altura.”

“Eu não sabia que Myra tinha namorado”, respondeu Louis, pensativo. “Mas, de qualquer forma, ela estava sozinha aqui naquela noite.”

“Não, a gente viu o cara”, insistiu outro gângster. “Ele estava bem atrás dela.”

“Era um grandalhão usando um terno branco estiloso.”[8](#)

## ENTREGA ESPECIAL

*“...Por que Deus irá se dignar de visitar muitas vezes, com prazer, a morada de homens justos, e, começando seu comércio com eles, irá mandar seus mensageiros alados, incumbidos da graça sobrenatural.”*

Milton, *Paraíso perdido*

Ouvi falar de Kenneth Ware pela primeira vez por meio de Betty Malz, que o mencionou em *Angels Watching Over Me*. A sede das Assembleias de Deus em Springfield, Missouri, deu outras informações:

Kenneth Ware nasceu no Tennessee. Pouco tempo depois, seu pai foi morto na Primeira Guerra Mundial e sua mãe voltou com Kenneth para a Suíça, onde ela havia crescido.

Aos dezessete anos, Kenneth tornou-se pastor de uma Assembleia de Deus, viajando primeiro para Jerusalém e, mais tarde, para o sul da França, onde conheceu e casou-se com a filha de dezesseis anos de Max Vinitski, um judeu ortodoxo convertido ao cristianismo e um artista cujos retratos estão expostos no Louvre. Kenneth ficou conhecido em Paris como um grande evangelista, e, quando estourou a Segunda Guerra Mundial, a casa dos Vinitski e a dos Ware tornaram-se refúgios para fugitivos judeus que fugiam para a Espanha ou para a Suíça.

Como filho de um soldado norte-americano, marido de uma judia e defensor da resistência francesa, Kenneth sempre corria o perigo de ser preso. Por fim, Kenneth, Suzie e seu filhinho recém-nascido tentaram fugir para a França. Em vez disso, Kenneth foi detido, interrogado e espancado, mas, quando um guarda alemão descobriu que ele era pastor, ele foi libertado em segredo.

Finalmente junto com a esposa e o filho em Lausanne, na Suíça, Kenneth tentou sustentá-los. Em uma manhã de sábado de setembro de 1944, no entanto, ele se viu sem um centavo. Suzie decidiu orar de modo específico. “Deus, preciso de dois quilos e meio de batatas, um quilo de farinha de

trigo, maçãs, peras, uma couve-flor, cenouras, costeletas de vitela para sábado e carne de vaca para domingo”, ela disse.

Algumas horas depois, alguém bateu à porta. Suzie abriu-a para um homem que carregava uma cesta de mantimentos. O homem, entre trinta e quarenta anos de idade, tinha aproximadamente 1,80 metro de altura, uma expressão forte, olhos azuis, cabelos bem claros e usava um longo avental azul sobre suas roupas de trabalho. Ele parecia radiante, animado: “Sra. Ware”, ele disse, “estou trazendo o que a senhora pediu.” Ele falava um francês perfeito, sem o comum sotaque suíço.

“Deve haver algum engano”, Suzie protestou, confusa. “Não pedi nada.” Ela chamou Kenneth.

Para Kenneth, o homem não parecia um entregador comum. Talvez ele fosse dono de um estabelecimento comercial e tivesse se atrapalhado com o número dos apartamentos. “Há 25 apartamentos aqui, senhor. O senhor não veio ao apartamento errado?”, ele perguntou.

O homem ignorou a pergunta. “Sra. Ware”, ele repetiu, “estou trazendo o que a senhora pediu.” Em seguida, ele foi para a cozinha e esvaziou a cesta. Sobre a mesa estavam os alimentos exatos que Suzie havia pedido para Deus naquela manhã — até a marca do quilo de farinha estava certa. Os Ware ficaram surpresos. “Virei-me para pedir desculpas, para explicar que não tinha nenhuma moeda para dar ao homem, mas seu olhar de reprovação fechou minha boca”, Kenneth contou.

Suzie acompanhou o homem até a porta e agradeceu-lhe, depois o casal ficou junto à janela para vê-lo sair do prédio pela única porta existente. Mas, mesmo Kenneth observando e Suzie abrindo a porta para checar o corredor, o homem nunca passou pela saída.

Kenneth Ware sempre afirmou que reconheceria o entregador em qualquer lugar se o visse novamente. Ele nunca mais o viu. Mas Kenneth e Suzie se encheram de gratidão ao Deus que enviou alguém para suprir pessoalmente suas necessidades.

# MENSAGEM DO ALÉM

*Mas todos os anjos de Deus vêm disfarçados até nós...*

James Russell Lowell

*"On the death of a friend's child"* [Sobre a morte do filho de um amigo]

A irmã Mary Dolores Kazmierczak estava planejando a viagem de seus sonhos: ir para Roma e depois seguir para a Polônia. Seu pai idoso queria acompanhá-la, mas a irmã Mary Dolores não estava a fim de estender o convite. "Primeiro, minha mãe não viajava de avião e, já que nenhum deles ia a algum lugar sem o outro, não pensei que meu pai ficaria feliz em uma viagem sem minha mãe", ela explica.

A segunda razão era mais estranha. O Sr. Kazmierczak tinha um distúrbio físico que o fazia perder o equilíbrio. Esta instabilidade aparecia inesperadamente. A irmã Mary Dolores queria saber como conseguiria cuidar dele em uma viagem longa. O que aconteceria se ele caísse e se machucasse? Ela sabia que sua decisão era racional, mas, mesmo assim, sentia-se culpada.

No entanto, dois meses antes da viagem, em maio de 1979, a Sra. Kazmierczak morreu. Agora o pai da irmã Mary Dolores estava se sentindo extremamente sozinho e os sentimentos de culpa da irmã pioraram. Ele gostaria de viajar. Mas a resposta relutante da irmã ainda era não. Levá-lo a algum lugar seria muito arriscado.

Alguns dias antes de partir para a Europa, a irmã Mary Dolores e seu pai visitaram o túmulo da Sra. Kazmierczak no Holy Cross Cemetery, na cidade de Calumet, em Illinois. No caminho de volta para casa, eles passaram por uma pequena barraca de frutas à beira da estrada. Ela parecia deserta, mas o Sr. Kazmierczak queria algumas frutas, por isso eles pararam para ver se havia alguém no lugar.

Dois homens estavam cuidando da barraca. Um deles, com uma camisa azul, estava atrás do balcão; o outro, de calça marrom e chapéu, estava arrumando as mesas. A irmã Mary Dolores e seu pai eram os únicos

fregueses ali, e nenhum dos quatro trocou algum comentário ou cumprimento.

O Sr. Kazmierczak andou pela barraca, olhando para os produtos expostos, enquanto a irmã Mary Dolores, como sempre, sem perdê-lo de vista para que ele não perdesse o equilíbrio, escolheu algumas frutas. Ela deu o dinheiro ao funcionário de camisa azul no caixa e depois foi em direção ao seu pai, que estava a apenas alguns metros de distância. Foi aí que o homem de chapéu se aproximou dela. “Não haverá problema algum em levar seu pai na viagem”, ele lhe disse sem dizer nada antes.

“Que viagem?” Do que ele estava falando?

“A viagem que a senhora vai fazer”, respondeu o homem. “Acabei de falar com sua mãe, e ela disse que não tem problema algum em levar seu pai. Nada ruim vai acontecer com ele.”

“Como o senhor pôde ter conversado com minha mãe?”, perguntou a irmã Mary Dolores. “Ela morreu no mês de maio passado.”

“Eu sei”, ele disse.

A irmã Mary Dolores olhou de um lado para o outro, espantada. Ela e o pai ainda eram os únicos fregueses vistos ali. Será que seu pai havia reclamado com o homem, dizendo que ele seria deixado para trás? Contudo, o lugar era tão pequeno que ela, com certeza, teria visto ou ouvido por acaso a conversa. Ela poderia confrontar o pai na frente do estranho, mas ele talvez ficasse envergonhado ou aborrecido. Era melhor esperar até que os dois estivessem sozinhos.

“Bem... obrigada”, ela disse para o homem, que ainda estava em pé, tranquilo, na frente dela e, em seguida, apressou seu pai para que fossem para o carro.

Uma vez na estrada, ela puxou o assunto. “Pai, o que o senhor disse para o homem na barraca de frutas?”

“Eu não conversei com ele”, respondeu o Sr. Kazmierczak. “Foi você que pagou.”

“Eu não estou falando do homem que estava no caixa, pai. Estou falando do outro, de chapéu.”

“Mas...” Seu pai ficou com uma expressão preocupada. “Eu não vi uma segunda pessoa. Só havia o homem de camisa azul atrás do balcão.”

“O senhor me viu conversando com o segundo homem. O senhor deve ter... o senhor estava bem ali o tempo todo, a alguns metros de distância.”

“Mas eu não vi. Não havia mais ninguém ali.”

A irmã Mary Dolores parou de conversar. Ela não queria preocupar o pai. E, aos poucos, ela foi percebendo que algo sobrenatural havia acabado de acontecer.

Durante os verões seguintes, a irmã Mary Dolores levou o pai com ela em viagens de avião e de carro para o Arizona e para todos os cantos do estado de Michigan. Ele nunca sofreu uma queda, a mudança de ares lhe fez muito bem e ele morreu aos 92 anos como um homem realizado.

“Eu nunca me preocupei depois do incidente na barraca de frutas”, diz a irmã Mary Dolores. Ela sabia que sua mãe estava cuidando dos dois e havia enviado um anjo para lhes dizer isso.

## O HOMEM DE BRANCO

*Como ele chegou lá? Anjos. Ele jamais poderia ter andado no meio daquela tempestade. Eles cavaram e levaram-no para um lugar seguro e quente...*

John Hay, "Little Breeches" [Calças pequenas]

*H*á três anos, a família Durrance, natural do sudoeste da Flórida, mudou-se para uma casa em um lote parcialmente terminado, que antes era uma terra cultivada. Separada por estradas secundárias, a casa dos Durrance era a única da rua, e seu terreno vasto era cercado de grama, palmeiras e valas.

Mesmo sem telefone, Debbie Durrance sentia-se bem naquele sertão isolado, mas tinha receio de deixar seus filhos à vontade no terreno. Coisas poderiam acontecer — as crianças poderiam se machucar em lugares onde não seriam ouvidas se chorassem. E havia várias notícias de cascavéis na área; os animais de estimação deles já haviam sido picados. "Barulho e trânsito assustam cascavéis", explica Debbie, "mas elas ficam muito mais à vontade em um lugar tranquilo como o nosso."

Contudo, em uma tarde ociosa de domingo pouco antes da Páscoa, quando Mark, de doze anos, decidiu perambular pelo terreno com sua espingardinha de chumbo e seu cachorro, Debbie concordou. Ela começou a preparar o jantar, desfrutando da paz e do silêncio daquele dia agradável.

Mark estava aproveitando o sol também. Vigiando um pássaro em uma palmeira, ele saltou por cima de uma vala para observá-lo mais de perto, foi parar em cima de alguma coisa que se mexia e sentiu uma dor intensa, como se os pés tivessem explodido. Apavorado, ele percebeu uma enorme cascavel presa ao seu pé, perfurando o sapato bem abaixo do tornozelo. Mark nunca havia sentido uma dor tão grande. E parecia que os dentes da cobra estavam enfiados em seu tornozelo! Em meio a uma névoa, Mark viu seu cachorro rosnando e tentando abocanhar a cobra, que, por fim, soltou

suas presas e foi embora serpenteando.

Mas o veneno mortal da cascavel havia entrado na veia principal na perna de Mark, o pior lugar para uma picada. Naquele instante, aquela veia estava levando veneno para o corpo de Mark, atacando cada sistema. Amedrontado, Mark percebeu que estava perdendo as forças rapidamente e mal conseguia andar. Os quase 140 metros até casa seriam como 140 quilômetros. Ele iria morrer bem ali, e sua família nem sabia que ele estava ferido.

Debbie estava colocando os pratos na mesa quando ouviu a porta da frente se abrir e seu filho mais velho gritar: “Mark, o que aconteceu?”

Apavorada, ela ouviu a resposta de Mark: “Fui picado por uma cascavel.” Ela correu para a sala assim que Mark caiu no chão. Tirando o sapato do menino enquanto Buddy corria para chamar o pai, Debbie viu o pé já inchado e roxo e sentiu o mesmo cheiro almiscarado que percebeu quando seu animal de estimação foi picado. Era verdade, uma cobra *havia* picado Mark. E não era uma simples ferida na carne. Debbie começou a tremer. Sem telefone, eles teriam de fazer 27 km de carro com Mark até o pronto-socorro mais próximo. Daria tempo? *Não para meu filho, Deus*, ela orou. *Por favor, Mark não!*

Seu marido, Bobby, entrou correndo em casa e pegou o filho. A família correu para a caminhonete e acelerou na autoestrada. Mark já estava tendo convulsões, e sua respiração ficava cada vez mais fraca. A única coisa que Debbie podia fazer na cabine da caminhonete tensa e silenciosa era orar.

No entanto, ao se aproximarem do pronto-socorro, saiu fumaça do capô da caminhonete. Ela estava superaquecida! “Bobby, o que vamos fazer se o carro parar?”, Debbie perguntou em pânico, mas já era tarde demais. Bobby freou para outro carro e o motor pifou. Os Durrance ficaram parados no meio do trânsito, mas, mesmo depois de Bobby sair do carro e tentar sinalizar para que alguém parasse, os carros simplesmente continuaram a passar por deles.

Então, um velho carro compacto parou na beira da estrada. O motorista era um trabalhador rural haitiano que não falava a língua deles, mas os movimentos frenéticos da família revelaram-lhe tudo o que ele precisava saber. Debbie e Buddy passaram Mark para o carro. “O motorista saiu em disparada, seguindo minhas indicações e gestos descontrolados, e chegamos ao pronto-socorro pouco tempo depois”, diz Debbie.

No pronto-socorro, uma equipe tentou estabilizar Mark. “Normalmente uma picada de cobra poderia ser tratada em um pronto-socorro”, explica Debbie. “Mas, como o veneno na perna de Mark havia chegado à veia principal, ele estava se alastrando mais rapidamente e Mark precisava de cuidados especiais.” Quando uma ambulância foi acionada para levá-lo ao hospital mais próximo em Naples, a dezesseis quilômetros de distância, Mark entrou em coma.

Pelas próximas doze horas, a equipe do hospital de Naples ficou ocupada com Mark. Para Debbie e Bobby, a equipe não achava que o filho deles iria sobreviver. Debbie continuou a orar.

Durante dias seguintes, o corpo inteiro de Mark parou de funcionar, exceto o coração. O veneno deixou-o inchado, com os olhos tão intumescidos que mal dava para ver os cílios. Seus rins pararam. Um aparelho para respiração artificial fazia seus pulmões sem vida se moverem para cima e para baixo. A hemorragia interna fazia vazar sangue não só de suas orelhas, boca e olhos, mas também de seus poros; ele precisou de transfusões de quase oito litros de sangue antes que o pesadelo acabasse. Mark tinha 90% de chance de perder a perna, e ela estava tão inchada que, no final, os médicos fizeram incisões de cima a baixo nela para aliviar a pressão. Cada sintoma novo era pior do que o anterior.

Debbie ficou sentada durante horas ao lado de seu leito, orando em voz alta e conversando com o filho. “Eu tinha esperança de que Mark pudesse ouvir as palavras que eu dizia para ele e para Deus”, ela diz. “Eu queria que ele soubesse que eu acreditava que ele viveria.”

Milagrosamente, Mark começou a melhorar. Aos poucos, ele foi saindo do coma e começou a escrever para os pais em um bloco de papel. Então, um dia, os médicos tiraram-no do aparelho para respiração artificial. E, mesmo com a voz áspera, Mark começou a contar-lhes sobre sua terrível situação.

“Foi uma cascavel. Ela ficou presa no meu sapato e não queria soltar...”

“Mas onde você estava?”, o pai de Mark quis saber.

“Lá no campo, perto da vala.”

“Mas fica, pelo menos, a 135 metros!”

“Ele provavelmente estava muito mais perto”, disse um dos médicos, dando um não de cabeça. “Mark jamais conseguiria ter andado aquela distância. Havia muito veneno em seu sistema. Ele provavelmente teria ficado inconsciente na mesma hora.”

E havia os treze degraus na frente da casa até a sala de estar. Como este menino seriamente ferido conseguiu subir a escada?

“O homem de branco me ajudou”, Mark explicou, respondendo às perguntas.

“Homem? Que homem?”, Debbie perguntou.

“O homem. Ele estava bem... ali. Quando eu percebi que não ia conseguir chegar em casa, ele me segurou nos braços e me carregou.”

“Como ele era?” Debbie sentiu um arrepio na nuca.

“Não vi o rosto dele, só dos ombros para baixo. Mas ele usava um manto branco e seus braços eram fortes de verdade. Ele estendeu os braços e me pegou, e eu estava com tanta dor que só recostei a cabeça nele. Eu me senti calmo.”

“Ele disse alguma coisa, Mark?”

“Ele conversou comigo com uma voz grave”, Mark respondeu. “Ele me disse que eu ia ficar doente para valer, mas que não era para eu me preocupar. Então ele subiu as escadas comigo nos braços, e eu não vi mais aquele homem.”

Um homem de branco... Debbie não sabia o que dizer. Será que o filho havia sonhado com tudo isso? Mas como ele chegou em casa?

Fazia nove semanas que Mark estava no hospital. Mais tarde, ele teve de fazer vários enxertos para reconstituição do músculo e do tecido da panturrilha. Mas os médicos acreditavam que ele não ficaria com sequelas.

“Enquanto se recuperava, Mark me disse que ele tinha certeza de que seu avô Durrance havia estado com ele na sala do pronto-socorro”, Debbie diz. “Há um velho costume na Geórgia de que, se você der três voltas com um recém-nascido ao redor da casa, o bebê será como você. O vovô Durrance fez isso com Mark, e os dois sempre foram chegados.”

Mas o avô de Mark havia morrido algum tempo antes do acidente, e Debbie fez Mark se lembrar disso. “Mas ele estava bem ali comigo, mãe”, Mark insistiu. “Eu sei que era ele.”

É claro! Provavelmente o homem de branco que Mark imaginou ter visto fosse o vovô Durrance.

Mas Mark foi firme. “Não, mãe, não era o vovô. E eu não *sonhei* com o homem de branco. Ele era real.”

A experiência de Mark comoveu muitas pessoas. Os Durrance publicaram no jornal um bilhete de agradecimento para o lavrador haitiano. Eles nunca o encontraram novamente, mas o bilhete inspirou

leitores a pensarem no modo como respondem a pessoas em dificuldades. Debbie é cabeleireira, e, uma vez que a família recebeu tanta publicidade na época, clientes de vez em quando a reconhecem, e ela pode falar de sua crença de que Deus, de fato, responde à oração. Ela também visita outras vítimas que foram picadas por cobras para consolá-las e encorajá-las.

Hoje, seu filho leva uma vida normal de adolescente, exceto por uma diferença — a consciência de que algo muito especial aconteceu com ele naquele sertão da Flórida. Mark Durrance passou pelo vale da morte como poucas pessoas já passaram e teve um despertar inesquecível na Páscoa.

## O ESTRANHO NA ESTRADA

*...Para mim, salvar uma criança e devolvê-la à sua dignidade é algo bem melhor de se ver do que ficar à toa em volta do Trono.*

John Hay, "Little Breeches"

Edward Strnad tinha uma longa e carinhosa relação com os anjos. Caçula de onze filhos, e o único com covinhas, ele uma vez perguntou à sua mãe de onde elas vinham.

"Foi onde os anjos beijaram você!", ela respondeu, rindo.

A família Strnad viveu durante a Grande Depressão e sabia por experiência própria o que era passar fome. Ao crescer e constituir a própria família, Edward foi voluntário em vários projetos para arrecadação de alimentos, decidido a fazer o que fosse possível para ajudar os menos favorecidos. Conseqüentemente, para ele foi natural notar a criança... e tomar uma atitude.

Edward vai de carro para Cleveland toda manhã pela I-77. Segundo ele, na East 30th Street há um declive e três pistas que se dividem para formar a I-90. Em uma manhã nublada e tempestuosa de inverno, ele encontrou um menino andando contra o vento do lado direito da perigosa rodovia. Embora limpo e asseado, o menino usava uma roupa leve demais para o tempo frio de Cleveland — uma jaqueta curta de popeline — e não estava de gorro nem de luvas. Debaixo do braço havia alguns livros.

Edward ficou espantado. "A primeira coisa que pensei foi que o menino não deveria estar ali de modo algum. Era muito perigoso", diz. "Mas, naquele momento, eu já havia passado por ele." Edward não conseguiu se convencer de que deveria esquecer o menino. De algum modo, ele conseguiu atravessar as três pistas na hora do rush antes da divisão da interestadual e parar na beira da estrada. Ele podia ver o menino lá atrás e, quando a criança se aproximou, Edward abaixou o vidro elétrico. "Para onde você está indo?", perguntou. "E por que você está andando ao longo desta estrada aberta?"

“O ônibus não apareceu para me pegar”, o menino explicou. Ele parecia ter nove ou dez anos. “Estou indo para a escola.”

“Que escola?”

“Tremont, na Tenth Street.”

Edward franziu a testa. Tremont ficava perto do lado oeste de Cleveland, um lugar bem afastado. Por que aquela criança estaria indo para lá?

Então Edward percebeu que o menino provavelmente fazia parte do programa de integração de ônibus de Cleveland e, de fato, tinha aulas longe de casa. Para chegar a Tremont a pé naquela manhã, no entanto, ele ainda tinha de atravessar três pistas de alta velocidade, uma ponte onde ventava muito e outra avenida movimentada — um trajeto de quase cinco quilômetros. “Você gostaria de uma carona para a escola?”, Edward perguntou.

O menino fez que não com a cabeça, mas permaneceu onde estava. É óbvio que o carro quente era uma tentação.

“Você tem razão de não aceitar carona de estranhos”, Edward tranquilizou-o, tirando da carteira sua identidade. “Mas, vê isso? Meu filho é oficial de polícia, e eu tenho um distintivo honorífico com o número do meu filho, anotado ‘Pai’. E aqui está minha carteira de motorista...” O menino examinou as fotos com cuidado, aparentemente dividido entre querer uma carona e estar preocupado com sua segurança. “Eu entendo seu medo. Eu mesmo já disse para meus filhos nunca aceitarem carona de um estranho”, diz Edward. Mas ele teve de esperar até o menino se decidir. Por fim, o vento gelado venceu, e o menino, hesitante, entrou no carro.

Edward ficou o mais quieto e inofensivo possível, apenas mantendo os olhos na estrada. “Não trocamos mais de dez palavras durante o trajeto”, ele diz, “apenas o que era necessário para não errar o caminho.” Era importante que aquele menino se sentisse seguro. Sua viagem até ali já havia sido muito difícil.

Finalmente, eles chegaram à escola em Tremont, um prédio antigo de tijolos em uma das partes mais pobres, porém curiosamente charmosas, de Cleveland (hoje conhecida como Ohio City). Havia uma grade tubular de aproximadamente meio metro de altura em volta do gramado da frente, mas ninguém à vista — não havia movimento, nem barulho, nem mesmo um vigia andando pelo pátio. “Parecia que a escola estava fechada”, lembra Edward. “Mas, é claro, o tempo estava horrível e as aulas já teriam começado.”

Edward parou e, sem olhar para trás, o menino saiu e começou a andar rápido até o portão principal da escola. Antes de o menino entrar no prédio, Edward já estava seguindo seu caminho.

Durante toda a manhã, no entanto, os pensamentos de Edward voltaram para o pequeno viajante. Mais estranho ainda que o menino na rodovia foi Edward conseguir atravessar três pistas sem provocar acidente algum para chegar até ele. E não ter visto de fato o menino entrar com segurança no prédio da escola incomodou Edward... Por fim, ele telefonou para a escola para ter certeza de que seu pequeno passageiro, embora atrasado, estava são e salvo na sala de aula.

Mas uma surpresa esperava por Edward. A escola estava funcionando, mas a mulher que respondeu ao telefone garantiu a Edward que nenhuma criança havia se atrasado naquela manhã.

“Mas eu deixei o menino bem em frente ao prédio, depois que a aula havia começado”, afirmou Edward.

“Ninguém pode entrar no prédio depois que o sino toca, senhor”, a mulher explicou. “Tudo é trancado assim que as crianças entram. Ele teria de ser recebido por um adulto. E nenhuma criança se atrasou hoje.”

Edward suspirou. “Então ele deve ter cabulado a aula. Ou... e se algo aconteceu com ele?”

“Eu posso me informar”, ela disse. “O senhor pode descrevê-lo?”

Edward descreveu o menino e depois esperou enquanto a mulher fazia a verificação. Quando voltou, ela parecia tão surpresa quanto ele. “Nenhuma criança corresponde à sua descrição”, disse a mulher. “E os livros de chamada não registram nenhuma criança ausente hoje. Todo rapazinho que deveria estar aqui respondeu à chamada.”

Segundo Edward, até hoje, cerca de sete anos depois, o episódio ainda é vívido. Contudo, é mais difícil para ele entender o porquê de tudo isso. Talvez Edward tenha sido usado ou “provado” de um modo que ainda não compreende plenamente. Talvez o incidente comova outras pessoas ao ser contado.

Seja qual for a razão, Edward está convencido de que, um dia, irá se encontrar com o menino novamente. “Ele era moreno”, Edward me disse. “Eu sou branco. De que cor são os anjos?”

## ESCALANDO AS ALTURAS

*Mas se esses seres guardam você, eles fazem isso porque foram chamados por suas orações.*

Santo Ambrósio

*O*s anjos podem nos socorrer mesmo quando nunca os vemos? Até de algo tão trivial como o tempo?

Em uma manhã chuvosa e agitada, Anna May Arthur, de 79 anos, estava subindo a escadaria íngreme de uma catedral em sua terra natal, a Irlanda. Ela sabia que deveria ter usado a escadaria da frente, que tinha um corrimão e certa cobertura, mas cortou caminho pelo pátio da igreja, e a escadaria nos fundos estava mais próxima.

Enquanto subia, o vento bateu nela, deixando-a instável e vulnerável. Uma vez que a maioria dos frequentadores da igreja entrava pela frente, não havia uma alma viva por perto para ajudá-la a ficar em pé, ninguém em quem se apoiar. “Eu me vi perdendo o equilíbrio, caindo para trás e abrindo minha cabeça lá no chão”, conta. “Fico imaginando se alguém me encontraria.”

Os quarenta degraus começavam a parecer quatro mil. Quando a frágil senhora aproximou-se do topo, seus temores se cumpriram — uma rajada de vento especialmente forte surpreendeu-a e ela começou a cair para trás.

Instintivamente, Anna May apelou aos céus, gritando: “Oh, anjos, me ajudem!” No mesmo instante, ela sentiu duas mãos fortes nas costas, empurrando-a para frente e colocando-a em pé.

“Eu não fiquei nem um pouco surpresa”, diz Anna May. “Na verdade, passou pela minha cabeça que, quando eu me virasse, veria de fato um ser celestial de branco! O que se diz para um anjo? Eu me perguntei.”

Mas, quando Anna May se virou, ela viu um vizinho segurando-a em pé. Fazia anos que ela conhecia Thomas Hillen e sabia que ele sofria de um problema de coração muito sério. Por causa da doença que o deixava

debilitado, Thomas sempre andou a passos de tartaruga. Ele havia arriscado a própria saúde para salvá-la?

“Quando cheguei ao pátio, vi você balançar e começar a cair de costas na escadaria”, ele disse a Anna May.

“Mas, Thomas, como você conseguiu subir até aqui tão depressa?”

“Aí é que está! Eu não sei!”, surpreendeu-se. Ele estava no portão da igreja, a pelo menos trinta metros de distância do primeiro degrau lá embaixo, quando viu Anna May perder o equilíbrio lá do alto.

E, de repente, ele estava ali também, do outro lado do pátio e lá no alto da escadaria, bem atrás dela. “Não me lembro de percorrer aquela distância. Parece... parece que fui carregado”, Thomas lhe disse. “E, mesmo assim, aquilo seria humanamente impossível.”

Chocada, Anna May o olhou bem de perto. Ele nem estava sem fôlego. Como um paciente cardíaco, ou mesmo um corredor de longas distâncias, poderia ter percorrido aquela distância durante a fração de segundo em que Anna May começou a cair e gritou por seu anjo?

Ela olhou de um lado para o outro, mas ainda não havia ninguém ao alcance dos olhos, ninguém que pudesse ter ajudado de algum modo. Ela e Thomas eram as únicas pessoas no pátio da igreja.

Confusos, os dois falaram sobre o ocorrido por um tempinho, procurando explicações lógicas, depois entraram na igreja para agradecer. “Eu sempre tive uma vaga ideia sobre os anjos, mas nada tão positivo e profundo como isso já havia acontecido comigo antes ou aconteceu depois”, diz Anna May. “No entanto, há sempre aqueles pequenos ‘acidentes’ em que a pessoa se sente com sorte por ter saído ilesa. Uma coisa assim é sempre uma coincidência?”

Anna May deixa que os outros respondam.

\*

Diana Barnard (este não é seu verdadeiro nome) também não acredita em coincidências. Ela se lembra de uma véspera de Natal muito especial em que seu pedido de ajuda foi atendido.

Caiu neve o tempo todo naquele dia em Rittman, Ohio. Uma camada branca já quase cobria os pés, e, embora a visão parecesse bela, dirigir era praticamente impossível. No entanto, para Diane, 23 anos, andar era muito bom. Mesmo morando a mais de um quilômetro e meio da igreja, ela estava

tão feliz por ir ao culto da meia-noite que nem se importava com a caminhada ou com o fato de que teria de ir sozinha, porque o marido ficaria em casa para cuidar do filho de ambos. O Natal era simplesmente a melhor época do ano!

Eram quase 23h quando Diane se despediu do marido e saiu. Embora os montes de neve estivessem bem altos, a caminhada era uma descida, e ela chegou à igreja com tempo de sobra.

A bela e festiva cerimônia terminou pouco antes de uma hora da manhã. Diane não encontrou vizinhos nem amigos que pudessem dar-lhe uma carona até em casa, por isso começou a caminhada de volta. Mas uma coisa era subir a colina; outra bem diferente era descer. Cada passo agora parecia mais fundo e mais difícil do que o anterior, e seu caminho estava escuro e deserto, sem casas por perto. Diane começou a respirar de modo ofegante enquanto se arrastava pelo caminho. Ah, ela estava cansada! E, ao passar por uma área coberta de mato, ficou ainda mais assustada.

“Meus pés estavam ficando mais pesados a cada passo e comecei a perceber que estava com um problemão”, diz. “Era claramente possível que eu não conseguiria chegar em casa. Eu estava com muito frio e cansada. Meu marido acordaria e notaria minha ausência? Alguém me encontraria aqui ou eu cairia no chão e congelaria? Seu alegre passeio estava rapidamente se transformando em um pesadelo.

Diane olhou para o relógio: 1h15. Ainda havia muito chão pela frente para chegar ao calor e à segurança de casa, e suas forças estavam praticamente no fim. “Ah, Deus, estou com tanto medo”, ela deixou escapar enquanto olhava bem para o céu estrelado de Natal. “Ajude-me a chegar em casa!”

De repente, Diane ouviu uma linda música e sentiu-se flutuando em cima da neve, como se estivesse em um sonho. O que estava acontecendo? Ela estava morrendo de frio? É assim que a pessoa se sente quando está morrendo?

Não, ela estava, estranhamente, em frente de sua casa. Mas como isso era possível? Diane piscou os olhos, olhou para os marcos familiares na estrada e depois para seu relógio novamente. Era 1h20. E, apesar disso, ela não se lembrava de ter andado desde que orou. Certamente não haviam se passado cinco minutos. Nem ela, em sua condição exausta, conseguiria ter subido a colina íngreme que tinha pela frente. Ela estava pronta para deitar na neve e desistir do esforço físico.

Não obstante, ela estava sã e salva em casa e sentindo-se... exultante.

A jovem mãe entrou na casa silenciosa e, ainda de casaco e botas, sentou-se em uma cadeira e olhou para as luzes intermitentes de Natal. “Não lembro quanto tempo fiquei sentada”, ela diz agora, “mas sei que algo estranho aconteceu comigo, e tive medo até de admitir isso para mim mesma.

“Mas não cheguei a nenhuma outra explicação em todos os anos que se passaram desde aquele dia. Eu acho que foi um anjo, a quem Deus ordenou me carregar em segurança até a porta da frente de minha casa.” Um membro do exército celestial, talvez, deixando suas obrigações de lado na encosta de uma montanha em Belém para tocar uma jovem em Ohio.

Essas duas mulheres pediram ajuda em situações perigosas, recorrendo a uma fonte invisível de força e graça. “Talvez os anjos não intervenham a menos que peçamos”, resumiu um dos que responderam a meu pedido. “Mas deveríamos pedir. A maioria de nós precisa de toda ajuda que puder receber!”

# O BATER DE ASAS

*Escrito no ambiente do céu, na língua falada pelos anjos.*

Longfellow, "The Children Of The Lord's Supper"

[Os filhos da ceia do Senhor]

No início da década de 1960, Lee Ballard, um linguista missionário, foi enviado pelo Summer Institute of Linguistics a uma aldeia remota das Ilhas Filipinas. Cabia a ele lançar as bases para a tarefa posterior de transcrever o ibaoli, uma língua completamente oral, para a forma escrita.

É difícil imaginar sociedades que não podem escrever suas palavras. Para nós, nossa língua escrita é tão normal que nos esquecemos de que, para algumas culturas, o som é o único meio de comunicação.

E é aí que está o talento dos linguistas: reformular aqueles sons para algo legível. Eles fazem isso, primeiro, mergulhando nas palavras faladas. Aos poucos, descrevem um sistema de sons, analisam a gramática da língua, iniciam um dicionário, reúnem costumes folclóricos, gravam diálogos, tendo por objetivo, por fim, a escrita do discurso. O grupo de Lee Ballard tinha um segundo programa também: depois de desenvolver o texto, eles esperavam escrever uma Bíblia em ibaoli para os aldeões.

O instituto selecionou aquela aldeia em particular porque ninguém ali falava a língua dos missionários, e Ballard poderia mergulhar naquela língua. Na noite do incidente, fazia cinco meses que ele estava lá. Ballard contou esta história originalmente na edição de maio de 1986 da revista Dallas: [9](#)

Ele me disse que seu nome era Pug-Pug. E é claro que eu acreditei. Mais de um ano se passaria até que eu descobrisse que "pug-pug" em sua língua significava "amputado". Talvez ele tenha me dito que Pug-Pug era seu nome porque sabia que seria fácil para eu me lembrar. Ele queria que eu contasse seu nome a meus vizinhos e que eles rissem, dissessem que

ninguém se chamava Amputado e não dessem a mínima para mim por ser uma piada. Ele sabia que isso me faria pensar.

Quando me lembro do incidente e avalio as alternativas, acho que Pug-Pug era um anjo.

Pug-Pug veio me visitar em uma noite clara e fria. Do banco na varanda, podia ver o vale lá longe, as bananeiras altas e o telhado de palha das casas da aldeia até a encosta da montanha que se levantava do rio com suas rochas claras, reluzindo sob o luar. Somente o choro de um bebê ou o latido de um cachorro quebrava de vez em quando o silêncio da meia-noite.

Contudo, eu não estava sentado ali para apreciar a vista. Meus pensamentos passavam e repassavam as horas angustiantes da visita quase concluída de meu supervisor. Ele havia vindo às Filipinas para avaliar meu progresso no aprendizado da língua local, e eu nem tinha entendido quando um aldeão disse que o supervisor precisava cortar o cabelo! Eu conhecia centenas, até milhares, de palavras e expressões, e, apesar disso, não conseguia desenvolver uma conversa. Fiquei profundamente desanimado.

Foi então que Pug-Pug apareceu. Suas botas estalaram na escada de madeira que levava à minha varanda, e ouvi-o dizer com uma voz profunda e rouca: “Iyayak ali” (estou aqui), o equivalente local a “olá”.

Quando olho para trás, percebo que muitas coisas eram estranhas com relação à sua chegada. Por exemplo, o povo da tribo raramente sai à noite e, quando sai, nunca o faz sem uma tocha feita com pinha de pinheiro. Até os mais sofisticados temem os espíritos ampasit que, segundo dizem, vivem em pedras e árvores. Mais extraordinário era o fato de que nenhum cachorro latiu quando ele chegou.

Na surpresa daquele momento, só eu sabia que sua aparência e seus modos eram diferentes. Ele era ousado e firme em um lugar onde a timidez é um forte valor cultural e usava botas e um sobretudo de algodão pesado em uma sociedade de pés descalços na qual as pessoas se enrolavam em mantas.

Eu seguia a etiqueta local e tentava conversar pouco. “De onde você veio?”, perguntei.

Em resposta, ele falou sem rodeios. Ele me falou de imediato seu nome e que havia vindo de Baguio, onde trabalhava em uma empresa de mineração chamada Benguet Consolidated Mining Company como osokiro,

um “cavador de túneis”. Apresentou-se por livre e espontânea vontade ao povo da aldeia e falou sobre sua missão. Ele dizia que estava procurando o tesouro, os milhões em ouro supostamente levados dos cofres das Filipinas pelos japoneses que fugiram em 1945. Ele acreditava que o tesouro poderia ter sido escondido em uma caverna entre nossa aldeia e a cidade do outro lado da montanha.

Conversamos por uma hora ou mais. Eu havia lido histórias da guerra em nossa região, mas ele me contou muito mais do que eu sabia. E... toda a conversa foi na língua da tribo, e eu entendi!

Enquanto conversávamos, esperei que aquele estranho me dissesse por que havia vindo à minha casa. Mas ele não disse. Em determinado momento da conversa, ele se levantou e disse: “Ondawakda” (estou indo agora). Desceu rapidamente a escada, passou por debaixo da varanda elevada e desapareceu no meio das plantações de café.

Pela manhã, encontrei-me com quatro ou cinco homens que estavam sentados junto a um muro na casa vizinha, aquecendo-se sob o sol das primeiras horas do dia. Contei-lhes sobre o visitante da noite. Quando mencionei seu nome, eles sorriram. Então, um por um, eles enrugaram o rosto e riram, dando tapas no joelho.

“Como ele era?”, perguntou um deles, enxugando uma lágrima dos olhos. Ele queria saber quem havia pregado uma peça tão engraçada como aquela em mim.

“Ele era grande”, respondi, “com um casaco longo e pesado, e botas. Ele disse que era irmão de Aloto. Disse que trabalha nas minas.”

“Aloto tem um irmão nas minas?”, um homem perguntou aos outros. “Ou mesmo um primo de segundo ou terceiro grau?”

Quem de fato era aquele homem? Não faço ideia. Mas não acho que sua missão no vale era caçar o tesouro. Acho que ele veio porque eu estava desanimado. E, se eu estiver certo, ele conseguiu me animar, pois sua visita naquela noite marcou um momento decisivo em minha carreira. O sucesso daquela conversa deu-me a confiança de que eu precisava para vencer. O desânimo desapareceu naquela noite com Pug-Pug.

Pug-Pug já o visitou com um de seus muitos disfarces? Talvez não.

Mas... como você sabe?

“Se eu estivesse lá apenas por razões comerciais, duvido que Pug-Pug teria aparecido para me consolar”, diz Ballard, que agora vive e trabalha em Dallas. “Mas nossa organização tinha um motivo especial, e, talvez por

isso, meu trabalho tenha sido agraciado de um modo tão extraordinário.” Em meados da década de 1970, o Novo Testamento e uma série de hinos foram escritos na língua ibaoli. E, mais tarde, quando Ballard voltou à região como turista, um aldeão referiu-se a ele como “o homem que nos deu livros”.

Pug-Pug ofereceu algo muito mais valioso do que ouro para os aldeãos, e para um linguista talentoso.

## O ANJO DE BRIAN

*Anjo de Deus, meu querido amigo, a quem o amor de Deus me destina aqui; sempre neste dia esteja comigo para iluminar e guardar, governar e guiar.*

Oração popular

Zena Marie Anagnostou, a mais jovem em uma família de sete pessoas, mora em Antioch, na Califórnia. Ela cursava o segundo ano do ensino médio quando sua irmã casada, Rene, teve o primeiro filho, Brian. “Minha mãe e eu cuidamos dele quando Rene voltou a trabalhar”, Zena explicou. “Sua cama ficava no meu quarto, e ele, de vez em quando, passava a noite em casa. Ficamos muito próximos.”

Todos que o conheciam concordam que Brian era um menino tipicamente norte-americano. Ele tinha amor pela vida e parecia gostar de todos. Em fase de crescimento, tornou-se líder da sala e um aluno com notas excelentes.

Embora toda a família seja próxima, com primos, tias e tios a par de tudo o que acontece uns com os outros, Zena e Brian tinham uma ligação especial. “Eu levava Brian e seu irmão mais novo, Sean, a todos os lugares: à igreja, ao cinema, para passear no lago”, Zena se lembra. “Os meninos vinham me visitar na faculdade. Juntávamos latas recicláveis para a poupança deles. Conversávamos sobre tudo, partilhávamos sonhos e pensamentos.”

Um dia, quando Brian tinha onze anos, Zena estava trabalhando no turno da noite na sala de arquivos médicos do Roseville Hospital. Sua irmã Theresa veio trazer a notícia. — Zena, houve um acidente. É Brian...

— Brian! O que aconteceu?

— Ele foi atingido por um ônibus quando voltava da escola para casa. — Theresa começou a chorar.

Zena ficou em estado de choque. Isso não estava acontecendo. Ele era paciente do hospital? Ela subiria ao quarto dele no mesmo instante.

— Theresa, onde ele está? Ele está aqui, na sala de emergência?

— Ele não resistiu. Zena, ele morreu.

Zena recusou-se a acreditar. Mesmo enquanto elas iam para o necrotério, Zena não conseguia entender uma perda como aquela. Mas, aos poucos, foi forçada a aceitar o inimaginável. Brian desceu do ônibus escolar, ouviu o ônibus municipal chegando atrás do outro e esperou que ele passasse ao lado da rua. Para cortar caminho, o ônibus municipal atravessou na frente do ônibus escolar parado, acertando Brian e arrastando-o até a morte.

A morte de Brian devastou a família. Zena estava desnordeada. Deus faria com que ela superasse o fato no final, ela sabia, mas, no momento, a dor parecia insuportável.

Uma vez que trabalhava no turno da noite no hospital, Zena muitas vezes chegava em casa às duas ou três da manhã. Um domingo, logo depois da morte de Brian, embora normalmente acompanhasse a família à igreja de manhã, Zena deixou um recado dizendo que dormiria até tarde e iria sozinha ao meio-dia.

Havia poucas pessoas na igreja quando Zena chegou, e estava muito quente. Ela normalmente se sentava na frente, por isso foi para o segundo banco, no qual só havia um ocupante, um menino de aproximadamente doze anos. Antes mesmo de Zena chegar ao banco, o rapazinho se levantou e ficou no corredor para deixá-la passar. Desanimada, Zena desmoronou no meio do banco. Algumas senhoras idosas estavam sentadas bem atrás deles.

Enquanto a missa se desenrolava, Zena percebeu que o menino recitava as orações com perfeição. Ele não só respondia a parte dos fiéis, mas também sussurrava a parte do padre, palavras que normalmente não aparecem no livro de orações. “Ele irradiava paz, e era tão gostoso olhar para ele. Ele cantou todos os cânticos com uma bela voz, sem ler”, diz Zena. Seu espírito pesaroso começou a se animar. “Eu queria dizer para ele como eu estava contente em ver um menino tão envolvido com a oração.” Ela decidiu cumprimentá-lo no fim da missa.

Em algumas igrejas, as pessoas ficam de mãos dadas enquanto recitam o Pai-nosso, e, quando o momento chegou, o menino aproximou-se sorrindo de Zena e segurou sua mão. A mão do menino estava muito quente e acomodada na dela. Zena sentiu-se invadida por uma paz, como um bálsamo acalmando suas emoções naturais.

Em seguida, as pessoas se levantaram, banco por banco. Zena deixou seu banco e o menino foi para trás para que ela pudesse ir na frente dele até o altar. Foi para o lado por um instante “e, pelo canto do olho, vi o menino receber passar em seguida”, diz. Ela começou a voltar para o banco, mas olhou para trás só para não perder o menino de vista.

Porém o menino não estava mais lá. Na verdade, embora Zena pudesse ver claramente as três saídas próximas — e ele não conseguiria ter chegado a nenhuma delas nos poucos segundos que se passaram —, ele simplesmente tinha desaparecido. Ela rapidamente examinou os corredores, mas não havia sinal dele em lugar algum.

No fim da missa, Zena ainda estava pensando no menino. Era estranho que alguém tão obviamente reverente saísse da missa antes do fim. Será que ele se sentiu mal por causa do calor? Ela saiu andando atrás das senhoras idosas no corredor até a luz do sol. “Por acaso as senhoras não viram para onde foi aquele menino, o que estava sentado na frente das senhoras durante a missa?”, ela perguntou.

As senhoras olharam umas para as outras e depois, confusas, para Zena. “Não havia nenhum menino em nossa frente, querida”, disse delicadamente uma delas. “Você estava sozinha no banco.”

A família de Brian sentiu-se consolada desde então. É claro que um anjo enviou um sinal para Zena de que tudo estava bem.

# PROTETORES INVISÍVEIS

*Um arrepio percorre a espinha quando você percebe que não se trata de sua imaginação. Alguma coisa está nos observando aí fora.*

Sophy Burnham, *O livro dos anjos*

Quantas vezes somos guardados do perigo por um guardião invisível?

Algumas pessoas têm sorte suficiente para saber. Em 1960, o famoso Dr. Norman Vincent Peale ministrou um sermão que incluía uma história sobre um ministro de uma cidade no sul que enfrentou Sam, um chefe político, e conseguiu frustrar um plano dele. “Vou matar aquele ministro”, Sam disse a vários de seus amigos após a reunião.

Amigos alertaram o ministro e ofereceram-se para ir com ele para casa, que ficava depois de uma floresta escura. Mas ele afastou aquelas preocupações. “O Senhor estará comigo”, ele lhes disse, e foi para casa sozinho, em segurança.

Passaram-se anos e, em seu leito de morte, Sam mandou chamar aquele ministro.

— Ministro, eu tinha a intenção de matá-lo naquela noite — ele disse. — Eu estava na floresta com um cassetete.

— Por que você não me matou? — perguntou o ministro.

— Como assim “por que você não me matou”? — Sam perguntou. — Quem eram aqueles dois grandalhões que estavam com o senhor?

— Não havia nenhum grandalhão comigo, o ministro protestou.

— Havia, sim — Sam disse. — Eu os vi.

Vários escritores descreveram eventos similares. Suzanne Vecchiarelli, de New City, em Nova York, levou um exemplar de um livro sobre anjos ao visitar uma amiga no hospital. Quando a companheira de quarto da amiga viu o livro, se emocionou muito e contou às duas mulheres uma história sobre sua prima Stacey (esse não é seu verdadeiro nome).

Stacey, na época com seus vinte e poucos anos, morava em um lugar

muito pobre do Brooklyn, em Nova York, uma área com muitos apartamentos. Uma noite, enquanto Stacey voltava do trabalho para casa, ela viu à sua frente um homem à toa diante de um prédio. Sentiu medo no mesmo instante; alguns assaltos haviam ocorrido recentemente na vizinhança, e ela percebeu que o homem não estava planejando algo bom. Mas não teve escolha — o único meio de chegar ao apartamento era passar por ele.

“Anjos, protejam-me”, sussurrou Stacey. “Estejam a meu lado agora e livrem-me do mal.”

A passos largos e com uma aparente confiança, ela olhou para frente e passou pelo homem. Stacey pôde perceber que estava olhando para ela, mas ele não fez nada. Ela queria sair em disparada, mas, com o coração batendo forte, conseguiu continuar a andar calmamente até a esquina. Então, se apressou pelo restante do caminho até o prédio, subiu as escadas correndo e, sem fôlego, trancou a porta. Foi necessário algum tempo para que ela se acalmasse. Por alguma razão, Stacey sentiu que havia escapado de um grande perigo.

Pouco tempo depois, ouviu sirenes de carros de polícia e, olhando pela janela, viu luzes vermelhas piscando. Algo estava acontecendo ali perto, um acidente ou outro assalto.

No dia seguinte, a caminho do trabalho, ela perguntou a uma vizinha. “O que foi toda aquela agitação de ontem à noite?”

“Um estupro”, a mulher disse com um tom sombrio. “Pouco depois das 18h.”

Stacey ficou de queixo caído. O estupro ocorreu no mesmo local onde ela passou pelo homem à toa, pouco antes das 18h. E se ele fosse o estuprador? Ela havia dado uma boa olhada nele. Talvez pudesse ajudar a polícia com uma descrição.

Ao telefonar para a delegacia, no entanto, ela descobriu que a polícia havia prendido um suspeito. “Você gostaria de tentar reconhecê-lo?”, um policial perguntou. “Seu testemunho poderá ajudar a colocá-lo na cena do crime.”

Stacey concordou. Naquela noite, ela o identificou como o homem por quem havia passado a caminho de casa. “Por que ele não me atacou?”, ela perguntou ao policial. “Afim, eu estava tão vulnerável quanto a mulher que passou por ali em seguida.”

O policial também estava curioso e concordou em descrever Stacey para

o suspeito e perguntar se ele se lembrava dela. Stacey nunca se esqueceu da resposta do homem.


“Eu me lembro dela. Mas por que eu ia mexer com ela?”, perguntou o estuprador. “Ela estava passando pela rua com dois caras grandes, um de cada lado.”

## TOQUES SUAVES

*...houve um movimento das estrelas, um tremular de luz azul, e ele se sentiu cercado de cores azuladas e suspenso. Pouco depois, foi levemente colocado sobre uma pedra...*

Ray Bradbury, *"The Fire Balloons"*

[Os balões de fogo]

 toque de amor pode ser sutil, apenas um sinal de que outra pessoa está ali para ajudar, apenas um pequeno sussurro ou carinho. Ou pode ser algo físico, mas invisível. Em alguns casos, esse toque é firme, quase um aperto, mas sem nada que possa ser visto, sem nada que possa ser “provado”.

O quinto filho de Jean Biltz estava para nascer em alguns meses. Em uma manhã fria de primavera, ela acordou cedo em sua casa em Wichita e, depois de fazer o café, saiu para ver se o entregador de leite já havia passado por ali.

Durante a noite, a varanda dos fundos ficou coberta de gelo, e, assim que Jean pisou lá fora, seus pés escorregaram. Não havia corrimão na varanda, nada a que ela pudesse se agarrar e evitar rolar escada abaixo. Quase em câmera lenta, Jean se viu caindo... caindo... talvez perdendo seu filho que estava para nascer.

Então, de repente, dois braços fortes a agarraram e colocaram-na em pé, de frente para a porta. Graças a Deus, seu marido havia acordado cedo e estava no lugar certo na hora certa! O coração agradecido de Jean ainda batia forte quando ela se virou para seu salvador... mas não havia ninguém ali. A porta estava aberta, a cozinha do outro lado estava vazia e até o quintal coberto de neve estava silencioso, não fosse um pequeno suspiro ao vento.

O bebê de Jean nasceu forte e com saúde, e hoje é pai de oito filhos.

\*

Alguém tocou a pequena Tess com o mesmo tipo de proteção. Ela e uma amiguinha estavam brincando em um terreno do Tennessee, e era hora de Tess ir para casa. Despedindo-se da amiga, Tess correu em direção ao barranco no fim do terreno e deu um pulo para atravessá-lo, como normalmente fazia quando ia para casa. Mas, embora seus pés certamente tivessem saído do chão, ela sentiu um puxar de mãos em seus braços, trazendo-a firmemente para trás e colocando-a do mesmo lado do barranco.

O que estava acontecendo aqui? Confusa, a menina deu alguns passos para trás e correu novamente, tentando saltar o buraco pela segunda vez. Mais uma vez, as mãos agarraram, seguraram e depois colocaram Tess suavemente no chão. A amiga havia ido para casa jantar, e não se via ninguém em lugar algum.

Perplexa, Tess foi até a beira do barranco e olhou para o outro lado. Lá, enrolada no mesmo lugar onde ela teria caído, havia uma cascavel.

\*

O “toque suave” foi ainda mais sutil para Emily Frank-Pogorzelski. Era finalzinho de tarde, um período do dia cansativo e frustrante para toda mãe, e Emily estava preparando o jantar. Diana, sua filhinha, estava correndo com o cavalo de brinquedo pela cozinha. Por várias vezes Emily quase tropeçou em Diana e no brinquedo barulhento. A mãe estava perdendo a paciência a cada minuto. Por fim, irritada, ela se abaixou para dar um empurrão no cavalo e tirar sua filha do caminho.

“De repente, senti meu braço parar no ar, como se houvesse algum tipo de barreira invisível”, Emily diz. “Não senti outra mão nem algo segurando a minha, mas uma paralisia de verdade, que ia do ombro até a ponta dos dedos. Eu sabia que a força (ou a falta dela) estava vindo de algo fora de mim.” Seu braço não estava “adormecido” ou formigando; ela conseguia movê-lo para qualquer lugar, menos na direção do cavalo de Diana.

Confusa, Emily ergueu os olhos. E, em um daqueles microssegundos que pareciam uma eternidade, ela percebeu que a porta da adega estava aberta. Se ela tivesse empurrado Diana, a menina teria varrido o chão,

passado pela porta, rolado na escada e ido parar no chão de pedra lá embaixo.

\*

Mary Stebbins, outra jovem mãe, também estava tendo um dia difícil. A raiva que estava sentindo de alguns vizinhos barulhentos estava ameaçando sair do controle. Irritada, ela bufou em seu quarto e veio para a cozinha pisando forte pelo corredor. Durante o trajeto, a porta para o porão estava aberta, impedindo sua passagem. “Até onde eu me lembrava, ninguém da família estava na cozinha. Na verdade, para mim, a casa estava vazia”, disse.

Querendo descarregar sua raiva, Mary estendeu a mão para bater com satisfação a porta do porão. Mas, estranhamente, uma forte pressão a impediu de fechar a porta. A “pressão” parecia uma massa de matéria invisível, algo “suave” que cedeu um ou dois milímetros com a força de sua mão, mas, depois, aparentemente bateu em outro obstáculo, que empurrou a mão de Mary para trás. Ela simplesmente não conseguiu empurrar totalmente a porta.

Confusa, Mary olhou do outro lado da porta e suspirou. Lá, nos primeiros degraus da escada que levava ao porão, estava sua filhinha de dois anos. Se tivesse batido a porta com força, Mary teria acertado a menina e, perdendo o equilíbrio, a criança muito provavelmente teria rolado na escada até chegar ao chão de cimento.

Em todos os casos relatados, quem recebeu ajuda sentiu um tremor quando percebeu o que poderia ter acontecido e, então, ficou feliz por saber que tudo ficou bem. Emily teve uma emoção a mais: a confiança restabelecida. “Era como se o ser maravilhoso que me impediu de cometer um erro grave estivesse dizendo: “Tudo bem, você foi impaciente, mas e daí? Não fique remoendo isso. Continue daqui para frente.”

“Não sei se o ser era meu anjo, o anjo de minha filha ou os dois juntos”, diz Emily. “Mas há momentos em que sinto um espírito amoroso tão perto, por trás do ombro direito, que eu poderia tocá-lo com os dedos. Temos sorte de ter esses espíritos nos ajudando e, às vezes, nos salvando de nós mesmos.”

# UM PEDACINHO DO CÉU

*Eu quero ser um anjo  
E com os anjos permanecer,  
Com uma coroa na cabeça,  
Com uma harpa a enternecer.*

Urania Bailey

*"I Want To Be An Angel"* [Eu quero ser um anjo]

A maioria dos adultos não vê um anjo que se assemelhe à sua típica representação nas artes. As crianças, no entanto, parecem se relacionar com a versão com asas e auréola.

Uma mãe e sua filhinha estavam andando na rua quando, a alguns metros de um muro, a criança parou. A mãe insistiu para que ela continuasse a andar, mas a criança parecia estar fincada no chão. De repente, houve um grande barulho — o muro caiu. Se tivessem continuado, elas certamente teriam morrido esmagadas. Pálida de medo, a mulher perguntou à filha por que ela parou naquele exato momento.

“Você não viu aquele homem bonito com um vestido longo branco, mamãe?”, a criança perguntou. “Ele ficou parado bem na minha frente para eu não continuar.”[10](#)

\*

Jesus tinha coisas especiais para dizer sobre as crianças. Ele queria que elas pudessem vir até ele livremente, sem serem impedidas pelos adultos, porque sua inocência e seu coração puro tinham tudo a ver com o Reino dos Céus (Marcos 10:14). Talvez essa seja a razão pela qual os pequeninos parecem capazes de transpor as barreiras espirituais, que nós, adultos, tantas vezes erigimos, e de ver um pedacinho do céu. Mas, quando isso acontece, nós, adultos, ainda achamos difícil de acreditar.

Foi esta a reação de Laura Leigh Agnese, de Bethpage, em Nova York. Danny, seu filho de três anos na época, era, segundo todos diziam, uma criança especialmente simpática, atenciosa e sincera, embora adorasse contar e enfeitar histórias. Ele também tinha sua cota de acidentes.

Certa manhã, Danny atravessou correndo a sala e tropeçou. Chocada, Laura Leigh viu o filho, quase em câmera lenta, precipitar-se de cabeça em direção à quina pontuda de uma mesa. Ela tomou várias medidas, já sabendo que era tarde demais para amortecer a queda do menino.

Mas Danny nem chegou a bater na mesa. Em vez disso, parece que ele parou no ar. Em questão de alguns segundos, ele se pôs em pé e continuou a correr.

Perplexa, Laura Leigh repassou a cena em sua mente. Sim, ele estava, com toda certeza, caindo na direção da mesa, e uma criança de três anos, caindo naquela velocidade, não teria controle ou agilidade suficiente para desviar da quina. Ela também não percebeu Danny tentando se equilibrar. No entanto, de algum modo ele parou de cair. O episódio desafiou a lei da gravidade!

No dia seguinte, Laura já tinha esquecido o incidente quando Danny, concentrado em uma brincadeira, olhou para ela.

— Mãe? Eu vi uma mulher bonita com asas.

— Verdade, Danny? — a mãe perguntou, sorrindo. As histórias do menino eram tão criativas. — Como era a mulher?

— Ela era boazinha — respondeu naturalmente. — Ela me segurou ontem, por isso eu não bati a cabeça na mesa.

Laura sentiu um arrepio.

— A mulher disse alguma coisa?

— Aham... Ela disse que ia me proteger e não deixar que eu me machucasse.

Danny voltou a brincar, mas Laura perdeu-se em seus pensamentos. “Danny era tão pequeno que meu marido e eu não tínhamos ensinado nada sobre coisas espirituais para ele”, ela diz. “Falamos sobre Deus, mas não mencionamos anjos. Nós mesmos não sabíamos muita coisa sobre isso.” Ele não teve contato com anjos por meio da pré-escola, da igreja ou da televisão, pelo menos não que ela soubesse. “Agora Danny estava me falando de uma mulher bonita, e pareceu uma resposta perfeita para um salvamento inexplicável.”

Contudo, Laura achava difícil acreditar no filho. As crianças naquela

idade tinham dificuldade para separar fatos de fantasias, não? Mesmo assim, ele parecia tão convencido...

Quando sua filha nasceu, Laura colocou a gravura de um querubim sobre o berço. Depois ela foi até lá e a pegou. “A mulher bonita que você conhece se parece com ele, Danny?”, ela perguntou.

Danny olhou para a imagem do anjo e depois para ela, com um olhar confuso. “Não, mamãe. Ele não é uma mulher.”

Laura não queria mencionar a palavra anjo. “Mas ele tem asas. Eles não se parecem nem um pouquinho?”

Danny foi firme ao discordar. Embora normalmente gostasse de contar histórias, aquela era diferente. É óbvio que, para ele, a mulher era real.

Confusa, Laura telefonou para sua cunhada Roseann, que não só era uma mulher cheia de fé, capaz de assegurar a Laura que os anjos eram maravilhosos, como também conhecia Danny muito bem. “Danny não mentiria sobre algo assim”, Roseann confortou Laura. “Mas deixe-me experimentar uma coisa.”

No dia seguinte, Roseann levou um cartão com a figura de um anjo para a casa de Laura. O anjo parecia uma mulher e tinha asas grandes saindo dos ombros. “Dê uma olhada nisto, Danny”, disse Roseann, dando ao sobrinho a figura.

Os olhos de Danny brilharam no mesmo instante. “A mulher!”, ele disse, sorrindo. “Olha, mamãe, é a mulher que eu vi! Ela é a amiguinha que vai cuidar de mim! Eu posso ficar com isto?”

Danny nunca mais mencionou a mulher bonita novamente, e hoje, quatro anos depois, ao que parece, ele se esqueceu do incidente. Mas Danny também parece ser um menino excepcionalmente bom e meigo, sobretudo interessado em coisas espirituais. E a foto do anjo ainda está presa em seu espelho.

## A LUZ DO AMOR

*Uma vez que é o amor em sua essência, Deus aparece diante dos anjos... como um sol. E, desse sol, irradiam calor e luz, sendo o calor o amor, e a luz, a sabedoria. E os anjos [tornam-se] amor e sabedoria, não por si mesmos, mas por causa de Deus.*

Emanuel Swedenborg, *Angelic Wisdom*

[A sabedoria dos anjos]

Uma vez que os anjos são criaturas de Deus, que é a luz do mundo, um brilho ou mesmo um lampejo de uma luz brilhante é outro sinal da presença deles. Enquanto escrevia em *Something Beautiful for God* [Algo belo para Deus] a história de Madre Teresa de Calcutá, o autor Malcolm Muggeridge conta um episódio em que a British Broadcasting Company (BBC) estava filmando um documentário sobre ela. O roteiro exigia algumas cenas dentro do lar de Madre Teresa, conhecido como Lar para os Moribundos, mas havia pouca iluminação no local, com pequenas janelas no alto, e o fotógrafo tinha certeza de que a filmagem não poderia ser feita ali. Mesmo assim, decidiram tentar, mas, para que a visita não fosse totalmente perdida, o fotógrafo também fez algumas tomadas no quintal ensolarado.

Quando o filme foi revelado, a parte tirada dentro da casa estava banhada em um brilho lindo e suave, enquanto a parte tirada no quintal ensolarado, muito escura e confusa. O filme foi inspecionado, e descobriu-se que ele era perfeitamente adequado. Uma coisa assim não deveria ter acontecido.

“Estou convencido de que a luz tecnicamente inexplicável é, na verdade, sobrenatural”, escreveu Muggeridge. “O lar de Madre Teresa para os moribundos transborda um amor luminoso, como as auréolas que artistas viram e tornaram visíveis... Para mim, não é surpresa alguma que a luminosidade fique registrada em um filme fotográfico.”[11](#)

Essa luz do amor é mais comum do que imaginamos. Considere Chad e Peggy Anderson, que, antes do amanhecer de um sábado frio, já estavam fazendo barulho na cozinha em sua casa em Antioch, Illinois. Peggy, uma enfermeira, tinha de trabalhar no turno das 7h às 15h no McHenry Hospital. E, como sabe toda esposa que trabalha fora, levantar-se, vestir-se e sair consome muito tempo. Como normalmente fazia quando Peggy trabalhava no turno de sábado, Chad cuidava dos dois filhos, como também de duas netas em idade pré-escolar que, no momento, moravam com eles. Agora, entretanto, quando deu uma olhada para o tempo lá fora, ele franziu a testa e disse:

— Está nevando, Peg.

— Não muito — Peggy observou pela janela da cozinha.

— Não... mas acho que você deveria ir com a caminhonete, em vez de dirigir seu carro pequeno, só para garantir.

— Bem...

Normalmente Peggy não ficava nervosa com a neve, mas o hospital estava a trinta quilômetros de distância, e ela tinha de fazer um caminho muito sinuoso, em grande parte rural. O carro grande seria mais seguro, por isso decidiu aceitar o conselho de Chad.

A camada branca e fria fazia tudo parecer fresco e novo, e, mesmo parecendo ser a única motorista na estrada, Peggy, na verdade, estava gostando do passeio até bater em uma curva na ponte a quase treze quilômetros de McHenry. O asfalto coberto de neve estava mais liso do que ela havia imaginado, e, com o pântano congelado cerca de dez ou doze metros lá embaixo, Peggy tentou reduzir a velocidade. Em vez disso, o carro deu uma virada de 360 graus. Peggy ficou tensa na mesma hora, tentando freneticamente lembrar-se do que era preciso fazer para estabilizar um carro rodando. Porém era tarde demais. Ela perdeu o controle, e o carro obviamente iria atravessar a cerca de proteção em direção ao pântano lá embaixo — não havia outra direção para ele. Ela iria se afogar presa debaixo da água? Seus filhinhos... o que seriam deles? “Ah, Deus”, ela gritou enquanto descia em direção às estacas, “me ajude!”

Não havia outros veículos à vista, e os faróis dianteiros do carro de Peggy ainda eram a única luz que brilhava. De repente, em meio à escuridão

parcial do amanhecer, um brilho vivo iluminou o interior do carro girando na pista. Ao mesmo tempo, Peggy encheu-se de uma paz indescritível. A luz aqueceu Peggy, mergulhando-a em um contentamento, e foi simplesmente... celestial. Ela sabia, sem saber exatamente como, que não havia razão para ter medo.

E, sim, o carro ainda estava em movimento, mas, de algum modo, aproximando-se do fim da ponte sem avançar a cerca de proteção e cair na vala íngreme de nove metros em direção ao pântano lá embaixo, e, inacreditavelmente, reduzindo a velocidade em uma pequena clareira. O carro parou. A luz imediatamente se apagou.

“Fiquei sentada dentro do carro, espantada, apenas orando e louvando a Deus por alguns minutos”, lembra. “Então, saí e subi até a estrada.”

A estrada ainda estava vazia, mas Peggy viu uma casa, a única à vista, toda iluminada e parecia quente e convidativa. O homem que morava ali foi extremamente hospitaleiro e ficou preocupado com Peggy e com o acidente do qual ela escapou por um triz. Ela telefonou para o hospital e para o marido, contando a história como se ela mesma não pudesse acreditar. Chad enviou um guincho e foi buscá-la no carro pequeno, cheio de crianças e de alegria.

“Nada parecido com isso havia acontecido comigo antes, e nada tão maravilhoso aconteceu desde então”, diz Peggy, que, com a família, agora cria gado de corte em uma pequena fazenda em Nebraska. “Mas a experiência deu-me uma compreensão mais profunda do que significa confiar totalmente em Deus.” Ela ainda gosta de falar às pessoas sobre o dia em que um anjo veio ao seu encontro em uma ponte e deu-lhe um vislumbre do céu.

## ANJO NOS ANDES

*Um anjo levantou-se e encontrou meu olhar pelo vão formado na parte de baixo da entrada de minha barraca; a barraca está fechada, mas a visão continua — eu só sei que ele veio e se foi.*

James Russell Lowell

*“She Came And Went”* [Ele veio e se foi]

Nascido em 1900, Raymond Edman foi missionário, conferencista, professor de história e, por 25 anos, presidente da Wheaton College, universidade em que estudaram o pastor Billy Graham e muitos outros líderes cristãos famosos, em Wheaton, Illinois. Edman escreveu dezenove livros e foi editor da revista Alliance Witness, mas provavelmente ficou mais conhecido por sua profunda devoção a Deus. “Ele foi um devoto no sentido mais distinto da palavra”, elogiou-o Billy Graham em seu funeral, em 1967. “Parte de sua vida esteve sempre no céu.”

Edman acreditava piamente que os anjos atuam no mundo e que, de vez em quando, sua obra requer aparecer na forma humana. Durante esses momentos, “nada sobre suas vestes ou suas palavras iria torná-los diferentes dos outros presentes”, ele disse. “Somente o coração perspicaz entende, e normalmente muito tempo depois, que o estranho que ajudou em um momento de emergência era, de fato, um dos anjos de Deus.” Como exemplo, no Wheaton College Bulletin, Edman publicou uma de suas experiências pessoais:

De 1923 a 1928, Edman e a esposa eram jovens missionários nos Andes, Equador. Eles moravam nas imediações da cidade onde podiam ter contato tanto com os cidadãos que falavam espanhol como também com os índios tímidos e desconfiados que passavam por sua porta a caminho do mercado.

Mas a missão do casal era difícil. “As pessoas eram antipáticas, e alguns

eram radicais em sua oposição cruel à nossa presença na cidade”, lembrou Edman. “De vez em quando, pequenas multidões se juntavam para lançar insultos e também pedras. Os índios da área rural, sobretudo, tinham medo de ser simpáticos conosco porque se sentiam ameaçados pelo povo da cidade. Conseqüentemente, sempre tínhamos dificuldade de sair para comprar coisas essenciais — frutas e legumes, ou carvão para o forno na cozinha.” Talvez mais difícil do que os problemas físicos tenha sido a solidão. O jovem casal nunca teve medo, mas, com a total falta de um grupo de apoio — mesmo um amigo inspirador naquela terra estranha —, seu isolamento emocional provavelmente foi terrível. E, por terem consciência de que algum estranho poderia atormentá-los ou entrar em sua casa para roubar, eles deixavam a alta grade de ferro do portão trancada o tempo todo, provavelmente aumentando seu senso de desconexão.

O casal muitas vezes deu de comer a estranhos ou tentou suprir necessidades comprando coisas dos índios que passavam por ali, e, em uma tarde, enquanto comiam no quintal dos fundos da casa, os dois ouviram um barulho no portão. Quando Edman saiu com a chave, ele viu uma índia descalça do outro lado do portão, com a mão para dentro das grades batendo na corrente com o cadeado. Ela usava um colar de contas e o chapéu grande e pesado das mulheres da montanha, junto com um vestido de lã grossa e um cinto caseiro bem colorido. Nos ombros, trazia um embrulho e um xale azul, mas não parecia ter mercadorias nem alimentos para vender. Edman nunca a tinha visto antes.

Enquanto ele se aproximava, ela começou a falar baixinho em espanhol e em quíchua, língua típica dos índios que viviam perto da cidade. Apontando para um versículo do evangelho que os Edman haviam colocado na entrada, ela então perguntou: “Foram vocês que vieram para nos falar do Deus vivo?”

Edman ficou surpreso. Ninguém lhe havia feito aquela pergunta. “Sim, mamita (mãezinha)”, respondeu. “Somos nós.”

A mulher então levantou a mão que ainda estava para dentro do portão e começou a orar para que bênçãos fossem derramadas sobre a casa do casal, a fim de que eles tivessem coragem de seguir a direção de Deus, para que houvesse alegria na obra. Por fim, ela abençoou Edman, afastou a mão, sorriu para ele com os olhos brilhando, depois se curvou e se virou para ir embora.

De tão surpreso que ficou com o apoio caloroso da mulher, Edman ficou

sem fala. Então, percebendo que estava quente e que a índia deveria ser convidada a entrar para comer e descansar, ele rapidamente destrancou o portão e saiu para chamá-la de volta. Pelo tempo que passou, ela não poderia ter andado mais do que cinco ou dez metros em qualquer direção. Mas ela não estava mais ali.

“Para onde ela foi tão rápido? De nosso portão até a esquina da rua eram, pelo menos, quarenta e cinco metros, e não havia nenhuma passagem ao longo daquela distância.” Edman correu até a esquina, imaginando que, se ela tivesse percorrido aquela distância, ele certamente poderia vê-la, mas, novamente, não havia nenhuma mulher, nenhuma passagem em que ela pudesse ter entrado. Ele foi até o portão aberto mais próximo e perguntou a dois homens que estavam consertando uma roda se eles tinham visto uma índia passar ou entrar ali.

Os dois ergueram os olhos. “Não, senhor.”

“Quero dizer neste exato momento.”

“Senhor, faz mais de uma hora que estamos aqui”, um deles respondeu, “e ninguém entrou ou saiu durante esse tempo.”

Edman voltou correndo para a esquina, mas não se via alma viva. Pensativo, ele voltou para casa e contou à esposa o que havia acontecido.

Durante os dias seguintes, Edman permaneceu estranhamente comovido e tranquilo com relação à sua difícil missão. Parecia haver uma fragrância doce e indefinível à sua volta, algo que não vinha das flores de seu jardim. Foi só mais tarde que ele, aos poucos, juntou as peças do que significava tudo isso. “Comecei a entender que o Todo-poderoso não tinha nenhum de seus servos terrenos por perto para encorajar dois missionários jovens, por isso lhe aprouve enviar um anjo do céu”, concluiu Edman. “Ao longo dos muitos anos que se passaram desde então, durante todas as terríveis provações da vida, resta ainda o calor da bênção de Deus, declarada por alguém que era exatamente igual a uma velha índia quíchua.”[12](#)

# AS MÃOS DE UM CONSOLADOR

*Quem faz o melhor dentro daquilo que [suas] circunstâncias permitem age bem, age com nobreza; os anjos não fariam melhor.*

Edward Young, *Night Thoughts*

[Pensamentos noturnos]

Milhões de pessoas assistem aos programas para a família do canal de televisão a cabo Eternal Word Television Network (EWTN). A improvável fundadora da EWTN, Madre Maria Angélica, é uma freira reclusa que, com um punhado de outras irmãs, duzentos dólares e sem nenhum conhecimento de televisão (“Tudo bem”, reconhece Madre Angélica, “eu sabia ligar uma”) tornou-se a única mulher da TV religiosa a ter uma rede de comunicações.

Quem visita o complexo da EWTN no limite de Birmingham, no Alabama, não pode deixar de se impressionar com o que Deus e essa pequena freira realizaram. Um mosteiro, as instalações e a parábola da rede de comunicações, uma gráfica e a capela destoam no meio do Cinturão Bíblico Protestante. Em 1981, quando acreditou que Deus a estava chamando para iniciar um ministério na mídia, Madre Angélica simplesmente obedeceu a ele, e todas as outras coisas se ajeitaram.

Madre Angélica não se leva muito a sério, o que provavelmente explica por que os telespectadores elegem como favorito o programa da freira, “Mother Angelica Live”, que vai ao ar duas vezes por semana. Mesmo contando com uma plateia, ligações de todo o país e convidados conhecidos, o programa às vezes não é tão perfeito assim. Por exemplo, os cenários caem de vez em quando, e Madre Angélica é dada a ter ataques de risos e tiradas espirituosas.

A despeito de sua imagem de uma típica avó, ela é firme e prática em seus pontos de vista sobre moralidade, mas rápida em incentivar e expressar compaixão. Muitas vezes ela ministra no ar para telespectadores

anônimos que telefonam, aconselhando alguém que esteja atravessando um divórcio confuso, repreendendo com delicadeza um viciado em drogas, trazendo a cura de Deus “àqueles que, talvez, não possam alcançá-la de outra forma”.

“Eu quero ser uma pedra no sapato dessa pessoa”, ela admite. “Quero desafiá-la; quero ser outro João Batista que diz: ‘Mova-se!’”

Poucos telespectadores sabem, talvez, que Madre Angélica, cujo nome de nascimento era Rita Rizzo, teve uma infância difícil. Depois de um triste casamento, seus pais se divorciaram quando a menina tinha seis anos. A pequena Rita ficou muito pobre, vulnerável e, por causa do divórcio da mãe, foi expulsa da comunidade da igreja em sua cidade de Canton, Ohio. Sobretudo, ela também não se impressionou com as freiras. “Eu me lembro de ficar sentada na igreja, vendo-as orar e jurando que jamais faria parte do grupo delas”, diz Madre Angélica. “Elas tinham uma expressão facial amarga, usavam um chapéu enorme — eu estava convencida de que eram as pessoas mais infelizes que já tinha visto.” Então, um dia, ela teve um momento de graça, um toque que era especialmente para ela.

Madre Angélica contou a história muitas vezes. Com quase onze anos e sentindo-se sozinha e triste, ela estava indo para o centro da cidade à noite, alheia a tudo o que se passava à sua volta. “Comecei a atravessar uma rua movimentada e então ouvi o grito agudo de uma mulher atrás de mim”, ela lembra. Rita olhou para trás esperando ver alguém em dificuldades e, em vez disso, percebeu um carro vindo em alta velocidade em sua direção, com os faróis dianteiros brilhando em seus olhos. Não dava tempo para chegar à calçada no meio da rua. Rita ficou paralisada, fechou os olhos e esperou pelo impacto fatal.

Em vez disso, ela sentiu duas mãos fortes levantarem-na do chão. Um instante depois, ela piscou e olhou à sua volta, incrédula. Ela estava em pé na calçada!

Uma multidão estava reunida à sua volta. Os curiosos achavam que veriam um terrível acidente e o corpo de uma criança arrebentado. Em vez disso, eles encontraram uma menina sem nenhum arranhão, mas muito assustada. Para eles, era como se ela tivesse, certamente, sido atingida pelo carro e depois arremessada para o lado pela força da colisão. Eles estavam completamente atordoados diante da falta de ferimentos na menina.

O motorista de um ônibus que testemunhou o incidente de sua posição mais alta relatou mais tarde, incrédulo, um cenário um pouco diferente. Ele

insistia que Rita havia pulado ou, de algum modo, sido arremessada para o alto, facilmente deixando o caminho livre na calçada do meio da rua como também a passagem do carro em disparada. Uma façanha assim parecia impossível, e o homem estava chocado.

Assim que chegou em casa, Rita contou à mãe o que havia acontecido, e as duas deram graças por aquele raro momento de alegria. De algum modo, elas entenderam que, a despeito de suas dificuldades, estavam sendo guiadas e cuidadas.

Foi assim que Rita começou a confiar em anjos. Quando entrou para o convento das Irmãs Clarissas, ela escolheu um nome novo que os honrasse. Mais tarde, ela descobriu (e deu nome ao) mosteiro Nossa Senhora dos Anjos, onde ainda vive, escreve livros e administra sua rede de televisão. Sua vida tem sido um testemunho do poder da fé.

Contudo, Madre Angélica não se esqueceu do momento extraordinário em que sentiu as mãos de um consolador e soube que o amor de Deus jamais falharia.

## COMPANHIA AO LADO DA CAMA

*O que sabemos dos abençoados lá em cima senão que cantam e que amam?*

Wordsworth

*"Scene On The Lake Of Brienz"* [Cena no lago de Brienz]

Éra final de semana do Dia do Trabalho, e Sandy Smith (hoje Waters) logo estaria saindo para seu primeiro ano na faculdade. Sua mãe havia morrido na primavera anterior, e Sandy ainda não havia se conformado com a perda, estava preocupada com a transição do ensino médio para uma universidade. Ela e sua amiga Bobbie decidiram ir de carro ao Parque Estadual de Hocking Hills, no sul de Ohio, para um acampamento, a "última folia" antes de dar adeus ao verão.

As meninas estavam na Interestadual 23 quando Sandy, que tem um problema de coração, sentiu uma dor no peito. "Desviei o carro para os cascalhos à beira da estrada", lembra Sandy. "Então, na tentativa de voltar, girei muito a direção. Perdi o controle do carro, que rolou várias vezes um pequeno morro abaixo." Sandy tinha certeza de que iria morrer.

Milagrosamente, Sandy só quebrou o nariz, mas havia sangue para todos os lados. Bobbie, que continuou consciente, conseguiu abrir à força a porta do passageiro e subiu cambaleando até a estrada, onde fez sinal para que um caminhoneiro parasse.

Ao despertar no Delaware Memorial Hospital, Sandy estava na cama em uma ala isolada. Os ferimentos eram muito graves? Estava tudo bem com Bobbie? Ela olhou para si mesma, chocada ao ver sangue seco nas roupas e nos braços. Cheia de solidão e medo, ela começou a chorar.

"Tudo o que eu queria era minha mãe", diz Sandy. "Gritei para ela vir e me abraçar. Mas ela estava morta, e ninguém veio."

Sandy desmaiou novamente e, da próxima vez que acordou, havia uma pessoa sentada ao lado, acariciando sua mão do modo mais confortante

possível. “Não tenho certeza, mas acho que era uma mulher; e doía muito quando eu virava a cabeça, mas posso dizer que seus cabelos eram longos, quase brancos, e sua pele, clara”, diz Sandy. “A roupa era branca também, mas eu não pude ver se ela estava usando calças ou saia.”

Com a sensação reconfortante daquela mão protetora sobre a dela, Sandy se acalmou. Parecia vir um barulho da mulher, o chiado de um ventilador, porém mais profundo, como milhares de asas de pássaros batendo ao mesmo tempo. Sandy teve uma sensação impressionante de paz e amor. O amor, na verdade, parecia fluir do som que a mulher fazia, enchendo o quarto isolado.

“O som parecia uma música, não no sentido comum, mas quase como milhões de vozes misturadas nos tons mais extraordinários... É difícil falar sobre isso. Eu sei que não foi uma experiência psicológica. Eu também não estava tendo alucinações porque havia me machucado. Eu sentia que era um ser sobrenatural que tinha vindo para me consolar. E senti uma serenidade tão profunda que era impossível explicar.”

Enquanto a mulher sussurrava, Sandy caiu em um sono tranquilo e, ao acordar pela terceira vez, uma enfermeira estava lavando seu rosto. Sandy imaginou que a “mulher de branco” era a enfermeira.

— Quando terminar, você poderia segurar minha mão? — perguntou Sandy. — Como você fez antes?

A enfermeira pareceu surpresa.

— Ninguém estava segurando sua mão.

— Uma loira de branco segurou minha mão — disse Sandy.

— Pensei que fosse você. Você não se sentou do meu lado e cantou?

— Eu não teria tido tempo — a enfermeira explicou. — É final de semana do Dia do Trabalho, e estamos precisando de muita ajuda.

— Mas alguém...

— Deve ter sido um sonho — a enfermeira disse para acalmá-la. — Veja só, estou ali fora desde que trouxeram você para cá, e ninguém se aproximou de você. Todos na sala de emergência estavam cuidando de sua amiga e dos outros pacientes. E não há enfermeiras de cabelos claros de serviço hoje.

Sandy não perguntou novamente. Ela estava começando a perceber que sua visitante havia sido alguém fora do comum, talvez enviada em um momento em que ela estivesse tão emocionalmente arrasada, tão carente de sua mãe, que somente um ser especial poderia trazer o consolo de que

ela precisava.

“Foi um momento fundamental em minha vida”, diz hoje. “Eu estava passando por uma fase de rebeldia espiritual, questionando a existência de Deus, lendo muita filosofia. Minha visitante mudou meu modo de pensar em religião. Ela também restaurou minha fé de que a vida poderia ser boa novamente, a despeito da morte de minha mãe. A tranquilidade que ela deixou comigo permaneceu por muito tempo.”

Desde então, Sandy tem vivido muitos momentos de alegria. São raras as vezes em que ela sente essa paz indescritível, e, quando isso acontece, ela sabe que seu anjo está por perto. Um momento importante foi a manhã do dia de seu casamento, quando ela ouviu o mesmo ruído encher seu quarto.

“Provavelmente será assim que nos sentiremos no céu”, diz. Ela desenvolveu uma verdadeira afinidade com anjos e os procura em toda parte. “Imagino que já me deparei com outros, mesmo não os tendo reconhecido”, ela diz. “E tenho certeza de que encontrarei minha consoladora especial novamente.”

## ABENÇOADO DUAS VEZES

*Bendigam o Senhor, vocês, seus anjos poderosos, que obedecem à sua palavra.*

Salmo 103:20

É coerente imaginar que quem recebe o toque celestial provavelmente está em uma posição um pouco inferior à dos próprios anjos. “Não sou particularmente santo”, a maioria de nós concluiria. “Espíritos não apareceriam para mim.”

Contudo, não devemos criticar esses ajudantes benditos. Afinal, se o trabalho deles é ministrar à humanidade para nos levar cada vez mais perto de Deus, por que alguém estaria isento?

Bob Lessnau foi criado em um lar cristão, mas deixou de agradar a Deus aos dezesseis anos. “Como um típico adolescente, imaginei que estivesse sempre desagradando a Deus com um pecado ou outro”, diz Bob. “Decidi tirar esse lance de religião da cabeça.”

Bob serviu no Vietnã, voltou para Michigan, passou a consertar telefones, casou-se e teve três filhos. “Durante aqueles anos, comecei a refletir nos salvamentos que tive no Vietnã. Eu me sentia protegido na época e pensei que talvez devesse reavaliar meu relacionamento com Deus”, diz. “Até um ignorante podia ver que Deus não só não estava procurando uma desculpa para me jogar no inferno, mas também estava fazendo todo o possível para manter-me com vida, para que eu pudesse cair em mim!”

Bob não achou tempo para pôr em prática sua boa intenção no dia em que entrou no Big Boy, na Biddle Street. O restaurante estava agitado, mas não apinhado de gente, e Bob podia ver muito bem o que se passava à sua volta. Ele se sentou junto ao balcão e pediu o almoço. Ninguém que ele conhecesse estava no restaurante, e estranhos estavam sentados nos bancos dos dois lados.

Bob não viu ninguém se aproximar. Mas, de repente, um homem de terno com aparência de intelectual deu-lhe um tapinha no ombro. Bob

girou o banco.

O homem olhou para Bob. “Quero vê-lo na igreja”, ele disse. Embora ele não estivesse gritando, sua voz, certamente, pôde ser ouvida por todos que estavam ali perto.

Bob ficou espantado e constrangido. “Por que eu? Mesmo não frequentando a igreja naquela época e ainda fumando maconha e não levando uma vida tão santinha assim, eu não estava usando um sinal que anunciasse qualquer coisa do tipo”, ele diz. “Cheguei à conclusão de que o sujeito era algum tipo de maluco procurando gente para sua igreja. Mas, como eu não morava em Wyandotte, disse isso a ele.”

“Eu não mencionei qual igreja”, o homem respondeu. “Eu disse que quero vê-lo na igreja.”

Bob voltou o banco para a posição inicial por alguns segundos a fim de refletir sobre o comentário estranho, depois se virou novamente. “Eu queria perguntar como ele sabia que eu não estava indo à igreja.”

Mas o homem não estava mais atrás de Bob. Na verdade, Bob não conseguiu vê-lo em lugar algum. Foram apenas alguns segundos — ele não conseguiria ter chegado à porta a tempo, observa Bob, “só se tivesse saído em disparada, o que, certamente, teria atraído a atenção dos clientes”. Mas ele se foi.

Tudo estava do mesmo jeito. As pessoas continuavam a comer e a conversar. Os que estavam dos dois lados de Bob pareciam não ter notado ou ouvido por acaso nada peculiar. Bob foi a única pessoa no restaurante que viu e ouviu o visitante?

Naquela noite, Bob falou sobre o assunto com a esposa, Sandy. “Chegamos à conclusão de que, se Deus nos queria tanto na igreja a ponto de dar-se a todo aquele trabalho, deveríamos pensar no assunto.” O casal tinha medo de que seus filhos barulhentos, em idade pré-escolar, incomodassem outros os outros, mas, mesmo assim, tornaram-se membros de uma Assembleia de Deus. Bob decidiu parar de fumar maconha, viu sua vida espiritual crescer e desenvolveu a comunhão com outros casais.

E ele e Sandy não precisaram se preocupar com seus pequeninos. “As crianças estavam ótimas. Elas se sentavam ali, obedientes, semana após semana”, Bob lembra. “Como anjinhos.”

Mas Deus não havia terminado de falar com Bob. Vários anos depois, ele estava na garagem, trabalhando no Dodge Dart 1971 de um amigo. O carro estava ligeiramente inclinado. Bob estava deitado debaixo do tanque de

gasolina, com os pés voltados para frente. Seu amigo havia ido à loja para comprar uma peça.

“Eu esqueci que, ao remover o eixo motor, a gente fica, em essência, com as quatro rodas soltas”, Bob explica. “Mesmo parado, o carro começou a se mover para trás.”

Bob tentou sair às pressas de debaixo do carro. Ele quase conseguiu, mas a roda dianteira prendeu seu pé esquerdo, dobrando-o no sentido da canela. Com o coração na mão, Bob viu que a inclinação na entrada da garagem era suficiente para fazer o carro deslizar, mas não era suficiente para fazer a roda girar em cima de seu pé. Ele estava preso.

A dor vinha em ondas. Era como se seu pé estivesse sendo esmagado aos poucos. Alarmadas com os gritos do marido, Sandy e uma vizinha vieram correndo.

“Vamos levantar a roda, Bob, e aí você poderá sair!”, Sandy gritou.

Mas os esforços das duas só pioraram as coisas. Por causa da inclinação, toda vez que tentavam mover o pneu, as mulheres só o empurravam mais para cima, fazendo-o jogar ainda mais peso sobre toda a perna de Bob. Se a roda tivesse passado totalmente sobre seu pé, Bob teria conseguido se soltar, mas ela não se movia o suficiente.

Não demorou muito, outros sete vizinhos, pelo menos, estavam em volta dele. Alguns tentaram levantar da mesma maneira que as mulheres, mas foi em vão. “Todos deveriam ter empurrado a roda a partir da traseira do carro”, Bob diz ao fazer uma retrospectiva, “mas nenhum de nós estava pensando com clareza.” Era como se ele fosse ficar preso para sempre. Em meio a uma névoa de dor e medo, Bob gritou: “Deus, me ajude!”

Imediatamente, Bob viu um homem grande correndo em sua direção. O homem chegou à frente do carro e rapidamente levantou o para-choque o suficiente para tirar todo o chassi de cima do pé de Bob. Bob gemeu de alívio e rolou livre para o lado.

Todos se juntaram em torno dele.

“Você está bem?”, alguém perguntou. “Quer que levemos você para fazer um raio X?”

“Não.” Fazendo um teste, Bob meneou os dedos do pé e dobrou o tornozelo. O pé aparentemente não estava machucado. “Parece que está tudo bem”, ele disse aos vizinhos aliviados, levantando-se devagar.

Então Bob olhou para os lados à procura do homem grande que, sem tanto esforço, levantou o carro. “Eu estava começando a perceber como ele

teve de ser forte”, diz. “Levando em conta a ‘flexibilidade’ das molas, levantar um carro 25 ou 30 cm ainda deixaria o pneu no chão. Seria preciso levantá-lo muito mais do que isso para tirar completamente uma roda de cima de um pé. E não havia ninguém levantando o carro daquele lado quando ele chegou.”

Também não havia nenhum homem grande para Bob agradecer. E ninguém se lembrou de vê-lo se lançar para ajudar Bob. “O cara alto, o que atravessou o gramado correndo...?”, Bob perguntou a todos, mas recebeu olhares e sinais de não com a cabeça.

“Não havia ninguém aqui a não ser nós”, insistiram os vizinhos, “e nós, certamente, teríamos notado um estranho.” Sandy também não se lembrava de ter visto alguém que ela não conhecesse.

Não havia carros de serviço por perto, entregadores ou algum estranho na rua naquela tarde. Ninguém viu um carro parado. Mais importante ainda, ninguém viu ou ouviu um carro partir. Simplesmente não havia razão que explicasse por que o carro, de repente, saiu de cima do pé de Bob. Isto é, nenhuma explicação lógica.

“Tenho 99% de certeza de que ele era um anjo, por causa do momento oportuno em que apareceu, sua extraordinária força e o ato rápido de desaparecer”, diz Bob. Na verdade, ainda que o estranho musculoso não se parecesse em nada com o mensageiro formal no restaurante Big Boy, Bob acredita que os dois poderiam ter sido enviados pelo céu.

Por que falta 1% de certeza a Bob? “Talvez porque esse 1% dê lugar à fé”, ele explica. “Tenho uma escolha. Posso dizer que essas experiências foram sorte ou dar o crédito a Deus.”

Bob escolheu Deus.

# ELE ENVIARÁ ANJOS

*Quantos anjos existem? Um, que transforma nossa vida, já é muito.*

Ditado popular

*H*á muitos pontos de vista sobre anjos da guarda. Alguns estudiosos acreditam que cada um de nós possa ter dois. Mas, ao contar a seguinte história, Hope Price, de Portland, Oregon, obviamente acredita que um já é, de fato, muito.

\*

Se for verdade que cada um de nós tem um anjo, então o meu, que eu saiba, foi visto três vezes, cada vez por uma pessoa diferente.

Minha mãe, Minnie Metcalf Miller, disse que, quando eu tinha três semanas de vida e era muito pequena porque era prematura, ela foi acordada no meio da noite por uma bela jovem curvada sobre ela.

Minha mãe, de algum modo, entendeu por intermédio daquela bela visitante que sua filha recém-nascida, dormindo no quarto ao lado, precisava dela. Minha mãe também parecia saber que passaria por uma longa provação, por isso se vestiu muito bem e foi até meu quarto. Quando ela me viu, eu estava roxa, lutando para respirar.

Seguiu-se uma longa batalha com a pneumonia na qual mamãe não conseguiu tirar as roupas do corpo por várias noites. Ela disse que a bela jovem ficou ali a seu lado durante todos os minutos de minha luta contra a morte.

Uma vizinha generosa também viu a moça e perguntou à minha mãe: “Quem é a bela jovem que está com você desde que a bebê ficou tão doente? Eu a vejo sair na varanda da frente às vezes.” A bela jovem desapareceu quando eu estava totalmente fora de perigo.

Anos mais tarde, em 1934, ela voltou para me salvar novamente. Naquela época, eu tinha filhos pequenos e havia acabado de passar por um

divórcio. Meu médico disse que eu teria de fazer uma cirurgia delicada, e uma mulher bastante religiosa chamada Lude me ajudava com os serviços domésticos. Ela ficaria com meus três filhos enquanto eu estivesse no hospital.

No entanto, Lude parecia descontente com as condições em nossa casa, uma vez que estava acostumada a trabalhar com outros empregados em casas de famílias ricas. Uma tarde, quando Lude entrou no quarto com um aspirador de pó, um gato, que estava chamando minha gata, pulou pela janela, quebrando o vidro. Aquilo foi a gota d'água para Lude. Muito mal-humorada, ela avisou que iria embora pela manhã, uma vez que simplesmente não poderia ficar.

Fiquei imaginando o que eu faria! Eu não podia deixar três crianças pequenas sozinhas na casa enquanto estivesse no hospital. Finalmente decidi telefonar para o médico na manhã seguinte e dizer que não poderia fazer a cirurgia.

No entanto, na manhã seguinte, bem cedo, Lude entrou em meu quarto bastante sorridente e bem-humorada. Ela estava usando um uniforme branco.

— O café da manhã está pronto — ela sorriu.

— Ora, Lude, foi muito gentil de sua parte preparar o café da manhã antes de ir embora.

— Sra. Price — Lude respondeu — mudei de ideia. Não vou embora. Tive uma visão na noite passada. Uma bela jovem, um anjo, veio voando para o lado da minha cama através daquela janela que o gato quebrou. Ela estava toda de branco, um branco resplandecente, e cercada de luz. Vou ficar pelo tempo que a senhora precisar de mim.

Então, fui para o hospital, aliviada com a ideia de que as crianças seriam bem cuidadas por Lude.

Em cada caso, o anjo foi visto por uma pessoa bondosa com bastante entendimento espiritual. É óbvio que eram pessoas capazes de ver anjos.

Parece que a bela moça em forma de anjo surge quando preciso dela. Espero que ela sempre apareça. Talvez, algum dia, eu mesma irei vê-la.[13](#)

## VISITAS NO MEIO DA NOITE

*Anjos, raras são as vezes em que eles aparecem,  
Tampouco permanecem por muito tempo;  
Eles fazem uma visita e logo desaparecem.*

John Norris

*"To The Memory Of His Niece" [À memória de sua sobrinha]*

Os anjos fazem muitas coisas por nós, mas uma de suas principais tarefas é ajudar quando mais precisamos. Li sobre um incidente envolvendo um neurologista da Filadélfia, o Dr. S. W. Mitchell, que foi acordado depois de um dia cansativo por uma garotinha batendo à sua porta. A menina, mal vestida e profundamente perturbada, disse-lhe que sua mãe estava doente e precisava de um médico.

Dr. Mitchell seguiu a menina pela noite nevada e encontrou sua mãe muito doente, com pneumonia. Depois de providenciar assistência médica, ele elogiou a mulher doente pela inteligência e persistência de sua filhinha. A mulher olhou estranhamente para ele e disse: "Minha filha morreu há um mês."

Surpreso e confuso, Dr. Mitchell foi até o armário e abriu a porta. Lá estava pendurado o casaco usado pela garotinha que o havia levado até sua mãe. Apesar da noite invernososa, o casaco estava completamente seco.[14](#)

E há também a história do padre O'Keeffe, de Cork, na Irlanda, que foi chamado por um belo jovem para visitar uma mulher moribunda. O sacerdote acompanhou o homem até uma parte pobre de Cork onde não se via nada a não ser estábulos caindo aos pedaços. "Onde é que essa pessoa está?", ele perguntou ao guia.

"Estamos perto do lugar agora, padre", o jovem respondeu e, no mesmo instante, desapareceu.

O sacerdote ficou espantado e perdido, até que ouviu gemidos por perto e encontrou uma jovem morrendo em um lugar imundo. Ela contou que sua família foi rica e que ela frequentou uma escola de freiras onde as irmãs haviam lhe dito para invocar os anjos se ela precisasse.

A mulher continuou a levar uma vida imoral e miserável e agora, abandonada e largada para morrer sozinha, lembrou-se das primeiras coisas que lhe foram ensinadas e rogou aos anjos para lhe trazer um sacerdote.[15](#)

\*

Fiquei sabendo de um incidente similar em Chicago. No final da década de 1870, o padre Arnold Damien, da Sociedade de Jesus, fundou a Igreja Sagrada Família, que ainda fica ao oeste do Circle Campus da Universidade de Illinois, na Roosevelt Road. Padre Damien era um pregador extraordinário e viajava muito. Ele também criou uma grande sociedade de acólitos na paróquia da Sagrada Família. No final do século XIX, centenas de jovens de Chicago foram instruídos a auxiliar os padres em missas.

Passaram-se os anos, e o padre Damien envelheceu e foi se aposentando aos poucos. Em uma noite especialmente fria em que ventava muito, dois meninos vieram à casa paroquial da Sagrada Família onde o padre Damien morava e tocaram a campainha. Quando o porteiro atendeu a porta, eles explicaram que a avó estava muito doente e precisava de um padre para prepará-la para a morte.

“A noite está muito fria e chuvosa”, o porteiro disse aos rapazes. “Mandaremos um padre pela manhã.”

Mas o padre Damien havia ouvido a campainha tocar e foi ter com os meninos. “Vou com vocês agora mesmo”, ele disse. “Entrem e se aqueçam enquanto eu vou arrumar as coisas.”

Padre Damien acompanhou os meninos pelas ruas frias e desertas. Eles o levaram a um lugar afastado, a mais de um quilômetro e meio de distância da casa paroquial. “Ela está lá em cima, no sótão, padre”, disse um deles, apontando para um prédio caindo aos pedaços.

O padre subiu as escadas estreitas e escuras. Na verdade, a porta do último andar estava aberta. Ao entrar no apartamento escuro, encontrou uma mulher idosa, doente, fria e quase morrendo. Rapidamente, ele a ungiu para que ela seguisse sua jornada rumo a eternidade.

— Padre — ela sussurrou — como o senhor veio parar aqui? Só alguns vizinhos sabem que eu estou doente, e nenhum deles é religioso.

— Ora, seus netos me trouxeram aqui.

A mulher fechou os olhos.

— Eu tinha dois netos, e eles eram coroinhas na Igreja Sagrada Família. Mas os dois morreram há muitos anos.

Os pequenos mensageiros eram anjos? O padre Damien acreditava que sim. E para marcar essa visita celestial, ele lembrou dos dois acólitos, um de frente para o outro, com velas nas mãos, no alto de cada um dos lados da entrada do altar da igreja.

# UMA VOZ DO ALÉM

*Os anjos... ocupam-se de nossa segurança, empenham-se em nossa defesa, orientam nossos caminhos e exercitam-se em uma constante solicitude no sentido de que nenhum mal nos sobrevenha.*

João Calvino

*Institutos da religião cristã, Volume 1*

Margaret saía para passear com o cachorro todas as manhãs; seu marido, Paul (esses não são seus verdadeiros nomes) fazia isso à noite. Havia um pequeno parque do outro lado da rua movimentada em frente à casa deles, e Paul normalmente levava o cachorro lá. Ele era um homem reservado que gostava de solidão e raramente demonstrava suas emoções.

Por volta das 21h de uma noite de abril, Paul e o cachorro saíram para o passeio habitual. “Eu nunca estou na garagem depois do jantar”, conta Margaret. “Mas, naquela noite, acabei indo até lá para buscar alguma coisa. O portão da garagem estava aberto e, mesmo estando quase escuro lá fora, vi perfeitamente Paul saindo em direção à calçada.”

Paul teve de esperar alguns minutos até que houvesse uma pausa no trânsito. Enquanto ele estava em pé ali, Margaret ouviu uma voz: “Paul!” Foi só isso.

“Era a voz de um homem, a voz mais doce que já ouvi”, ela diz. “Há arbustos ao longo da entrada de nossa casa, e imaginei que fosse o chamado de nosso vizinho, a quem não pude ver por causa do muro da garagem e das folhagens.”

“Mas eu conheço a voz dele, e esta voz maravilhosa não era dele. Um segundo depois eu me lembrei de que o vizinho não estava em casa.”

Paul não parecia ter ouvido a voz. Talvez fosse imaginação de Margaret. Ou o som do vento? Mas não havia vento. Alguém passando em um carro? Mas a voz estava vindo na direção de Margaret, como se quem chamava estivesse perto.

Confusa, ficou imaginando o que deveria fazer. Mais uma vez, quando seu marido começou a sair da calçada, a voz meiga chamou seu nome. “Paul!”

Naquele momento Margaret viu Paul parar. Ele havia ouvido a voz desta vez?

Por incrível que pareça, uma grande árvore do parque começou a cair. Ela veio descendo, quase em câmera lenta, até que, com um barulho alto, parou atravessada no caminho do parque, com seus galhos mais altos quase chegando à rua. Era no lugar onde Paul sempre caminhava, onde estaria naquele momento se uma voz não o tivesse atrasado. Espantada, Margaret ficou olhando para a árvore. Paul, com seu jeito impassível de sempre, atravessou a rua, deu a volta pela árvore, olhou para ela por um instante e continuou sua caminhada. Mas, quando voltou, ele teve a chance de pensar.

— Alguém chamou meu nome — ele disse para Margaret. — Foram duas vezes. Você ouviu?

— Sim. Fiquei pensando se você tinha ouvido.

— Mas não havia ninguém por perto. A não ser que você tenha visto alguém.

— Não, eu não vi — Margaret disse. — E, da garagem, eu teria visto muito bem.

Um olhou para o outro.

— Bem, então — Paul disse com a calma de sempre — deve ter sido um anjo.

Margaret repassou o episódio diversas vezes, e seu marido contou o acontecido a vários vizinhos e parentes. Contudo, nenhum dos dois nunca encontrou alguém a quem pudessem agradecer.

# ARQUITETOS

*O que é impossível para toda a humanidade talvez seja possível à metafísica e à fisiologia dos anjos.*

Joseph Glanvill

*The Vanity Of Dogmatizing* [A vaidade da dogmatização]

Em meados da década de 1800, um pequeno grupo corajoso de freiras viajou de bote a remo e depois de carroça de Kentucky a Santa Fé, a cidade iluminada pelo sol, no Novo México, para iniciar uma escola. O bairro era deserto, as pessoas eram, sobretudo, índios norte-americanos e mexicanos, e, enquanto as Irmãs de Loretto aprendiam o espanhol e se adaptavam, elas viviam em uma pequena casa de adobe. Com o tempo, os carpinteiros mexicanos construíram um convento maior para elas, uma escola e uma capela também de adobe.

Finalmente, a igrejinha tornou-se pequena demais para a comunidade em plena expansão e, em 1873, a obra começou em uma construção maior de pedra. Em honra à origem francesa de seu bispo fundador, a capela de Loretto seria a primeira estrutura gótica no oeste do Mississippi. Impressionantemente grande segundo os padrões do sudoeste, ela media 7,62 m por 22,86 m, chegava a 25,90 m de altura e tinha uma galeria para o coral nos fundos.

A obra correu bem até estar quase concluída — e as irmãs perceberam que um terrível erro havia sido cometido. Não havia como subir do andar térreo da capela até a galeria. Uma escadaria ou um elemento de conexão, inadvertidamente, ficou fora do projeto. Madre Magdalen, superiora do grupo, consultou vários carpinteiros profissionais, mas o veredicto deles foi o mesmo: uma escadaria era impossível. A galeria era excepcionalmente alta, por isso uma passagem comum ocuparia muito espaço. Havia apenas duas alternativas: subir à galeria por meio de uma escada de mão, o que poucas irmãs se imaginavam fazendo, ou pôr no chão toda a galeria e

reconstruí-la, o que seria uma catástrofe financeira.

Com seu modo típico de resolver as coisas com base na fé, as irmãs decidiram não tomar nenhuma medida imediata, e simplesmente orar e esperar. Elas fizeram uma série de orações durante vários dias, e pediram uma solução viável e, supostamente, barata.

No último dia de orações, um homem grisalho aproximou-se do convento, puxando um jumento e carregando uma caixa de ferramentas.

“Fiquei sabendo do problema de vocês com a capela”, ele disse à Madre Magdalen. “A senhora me deixaria tentar construir uma escadaria?”

“Claro”, respondeu Madre Magdalen. Ela provavelmente se perguntou como ele faria aquilo. De acordo com relatos posteriores, o homem só tinha um martelo, um serrote e uma régua T. Também não há evidência alguma de que ele tenha pedido madeira, mas algumas testemunhas disseram ter visto barris de água jogados por ali, cheios de pedaços de tábuas molhadas.

Os relatos divergem quanto ao tempo que a obra propriamente dita levou para ficar pronta — alguns dizem que foi de seis a oito meses —, mas, no final, o homem desapareceu. Madre Magdalen procurou-o para fazer o pagamento, mas ele não foi encontrado em lugar algum. Nem o depósito de madeira local tinha conhecimento do projeto ou qualquer fatura de materiais. Até hoje, não há registro de que o trabalho tenha sido pago.

Mas que trabalho! Quando foram inspecionar a capela, as irmãs encontraram uma graciosa escada em espiral que ligava a galeria ao térreo, engenhosamente projetada para ocupar o mínimo de espaço possível. Ela é feita apenas de estacas — não há pregos. Cada degrau é feito de vários pedaços e é perfeitamente curvado e ajustado. A peça dá duas voltas completas de 360 graus, mas, uma vez que não tem nenhum suporte central ou apoio para as laterais dos pisos, ela deveria ter caído há muito tempo. Especialistas não conseguiram identificar a madeira, mas, certamente, não é um tipo nativo da região do Novo México. Onde o carpinteiro a conseguiu? Com exceção de algumas breves modificações e de um corrimão adicional, a escadaria está lá até hoje como foi concluída há mais de cem anos, uma maravilha da arquitetura inexplicável para arquitetos, engenheiros e especialistas em construção que visitam o local.

As irmãs, sem dúvida, permanecem caladas quando o assunto é quem era o carpinteiro atencioso — seria especulação, na melhor das hipóteses. Mas ele deixou para trás um lugar santo, e a comunidade é eternamente

grata.

\*

Um evento similar aconteceu em Covington, Kentucky. Em 1938, o reverendo Morris Coers e sua esposa viajaram para a Terra Santa, onde ficaram profundamente emocionados com uma visita a um túmulo considerado o legítimo de Jesus. Certo dia, o pastor Coers decidiu construir uma réplica daquele sepulcro nos Estados Unidos. Seria um lugar sagrado para pessoas de todas as crenças que não tivessem condições de visitar o lugar na Terra Santa.

Em meados da década de 1950, o pastor Coers era ministro da Immanuel Baptist Church, em Covington, e dividiu seu sonho com a igreja. O plano recebeu um apoio entusiasmado, e o pastor encontrou o lugar perfeito, uma bela colina com vista para o rio Ohio. Mesmo rejeitando, a princípio, a venda da propriedade, o dono finalmente concordou. Pessoas de toda a cidade contribuíram, e os planos aumentaram para incluir uma réplica de uma carpintaria do século 1º, uma capela e uma livraria. Coers chamou o lugar de “O Jardim da Esperança”.

O túmulo e o jardim estavam concluídos, e as igrejas já estavam realizando cultos devocionais no pátio em frente à entrada do sepulcro, quando as dificuldades surgiram. Durante o inverno de 1958, a encosta começou a ceder, fazendo a cara paisagem, os caminhos e o pátio deslizarem para baixo. “No verão seguinte, a igreja tomou emprestados quarenta mil dólares para enterrar estacas de cimento e despejar toneladas de concreto na base da colina”, lembra um antigo paroquiano. Os trabalhadores reconstruíram o pátio e escoraram-no com mais concreto.

Mas, no inverno seguinte, toda a área, incluindo o pátio, deslizou para a parte de baixo novamente. Engenheiros famosos foram avaliar a situação complicada da igreja, mas o veredicto foi o mesmo: O Jardim da Esperança não poderia ser construído com segurança naquele local. No entanto, não havia restado dinheiro para começar a obra em outro lugar. “Foi de partir o coração”, diz, hoje, a viúva de Morris Coers. “O Jardim da Esperança era um sonho realizado, e naquele momento parecia impossível.”

Em um dia quente de agosto de 1959, vários membros da igreja estavam no jardim, avaliando com desânimo a situação. O que poderiam fazer? Derrubar mais árvores? Reconstruir? Despejar mais concreto ainda na

base da colina? Ou o projeto deveria ser abandonado?

Ninguém prestou atenção em um estranho que atravessou o jardim até ficar diante deles. “Estou procurando o pastor Coers”, o homem disse.

Os outros olharam para ele. Ele era enorme, certamente tinha mais de 130 quilos, e estava usando um macacão. Alguém correu e veio com o ministro.

— Ouvi dizer que está tendo um deslizamento de terras aqui — o grandalhão começou.

— Sim — concordou o pastor. — A terra debaixo de nossos pés está cheia de concreto e estacas de aço, mas nada parece impedir que a colina, e tudo o que está sobre ela, venha abaixo.

— Mostre-me tudo — o homem propôs.

Impressionado com a dignidade e o ar tranquilo de confiança do grandalhão, o pastor Coers mostrou tudo para ele, enquanto o restante dos homens continuou a conversar e andar pela propriedade. Mas, ao voltar do rápido passeio, o ministro estava empolgado. O homem de macacão, ao que parecia, era um engenheiro com experiência em construir estradas de ferro, principalmente nas áreas montanhosas do oeste dos Estados Unidos. “Ele me disse para pôr tudo no papel, e foi o que eu fiz”, o pastor Coers contou aos outros, agitando folhas de papel. “Pelo visto, precisamos de trabalhadores para construir determinado tipo de muro, como os usados por estradas de ferro, para reter a encosta...” Pastor Coers estava com o entusiasmo e a alegria reacendidos. Ninguém percebeu que o homem de macacão havia desaparecido.

Trabalhadores foram contratados, e o muro de arrimo foi concluído antes do prazo previsto. Mas ele aguentaria?

Chegou o vento do inverno, com uma onda de frio raramente vista em Kentucky. Congelar e descongelar era uma rotina quase diária, e o povo de Covington estava na expectativa. O muro não poderia ter passado por um teste mais severo. Contudo, nem um só grão de poeira se moveu, a despeito das condições do tempo.

Hoje, a encosta de Covington tornou-se um lugar de peregrinação popular, e a capela está sempre cheia de casamentos, cultos de adoração e seminários. As ferramentas na carpintaria têm muitos séculos de idade e foram doadas pelo primeiro-ministro de Israel na época, David Ben-Gurion. Uma parte do Muro das Lamentações, uma bandeira do Egito e uma pedra da colina na qual Cristo pregou o Sermão da Montanha misturam-se ao

vitral e a estátuas doadas por igrejas de várias denominações: o projeto é realmente uma aventura ecumênica.

Poucos visitantes, talvez, percebem o muro de arrimo, embora um ou outro engenheiro se deslumbre com sua estrutura singular e seu design. Mas ninguém consegue explicar quem foi o responsável por ele, pois o empreiteiro atento nunca apresentou uma conta à comissão da igreja. Ele também não era membro de nenhuma associação de engenheiros nem aparecia na lista de engenheiros licenciados nos Estados Unidos ou, a despeito de sua aparência imponente, foi visto na região novamente.

Mas, como a escadaria em espiral em Santa Fé, o muro fala em silêncio, mas de modo poderoso, de coisas não vistas.

## A VISITA DE JULIA

*Ele ouviu um barulho estranho, como de um leve tremor... e, quando se esticou para ter uma visão mais ampla, podia jurar que viu uma figura escura exibindo no alto um par de fortes asas negras.*

Bernard Malamud,

*“Angel Levine”* [Anjo Levine]

Eleanor Duffin, de Justice, Illinois, compartilhou uma história passada para a família por sua mãe, que nasceu em 1884.

Mulher cuidadosa, Julia Zulaski dedicou muito tempo ao ensino das questões espirituais a seus filhos. Pelas manhãs, antes de vestir Eleanor e os três irmãos da menina, Julia os ajudava a pedir aos anjos que os guardassem. À noite, Julia colocava as crianças em uma cama de casal grande, apagava a luz, depois se ajoelhava no quarto quase escuro e orava por elas.

“Uma vez que nós quatro nascemos em menos de quatro anos, todos éramos pequenos e cabíamos dois em cada ponta”, diz Eleanor. As crianças sentiam-se confortáveis e seguras vendo a mãe orar ao lado delas.

Uma noite, depois de Eleanor e seus irmãos caírem no sono, Julia permaneceu de joelhos no quarto escuro. Enquanto orava, ela percebeu que a parede do quarto que tinha uma janela estava começando a brilhar. Havia alguma coisa brilhando do lado de fora? Antes que ela pudesse ficar em pé para ver, a parede ficou iluminada, brilhando cada vez mais forte.

Então, a jovem assustada viu quando um anjo grande atravessou voando a janela fechada. Ele parecia forte, poderoso e exatamente igual às imagens de anjos que Julia havia visto em livros. Por um instante, ele pareceu pairar de forma protetora sobre a cama onde as quatro crianças dormiam. Então, enquanto Julia observava reverentemente em silêncio, ele voou pelo quarto e saiu pela outra parede, e o quarto escureceu mais uma vez.

“Minha mãe só me contou isso quando eu era adolescente”, Eleanor diz,

“e, uma vez revelado o acontecido, ela nunca mais tocou no assunto.” Era como se aquela lembrança fosse preciosa demais para ser expressa em palavras, especialmente se outras pessoas não pudessem compreender sua grandiosidade e seu significado.

Julia Zulaski teve uma vida feliz, servindo aos outros com alegria na maior parte de seu tempo. Talvez ela soubesse que não tinha muita coisa com que se preocupar. Um anjo, afinal, estava por perto.

# A SENHORA DE CINZA

*Neste mundo confuso de preocupações milhares,  
Raramente compreendemos até que o olho assustado  
Vê asas brancas diminuindo nos ares,  
Os anjos, inesperadamente, estão a nosso lado.*

Gerald Massey

*"Ballad Of Baby Christabel"* [Balada da querida Christabel]

*O*s livramentos dados por anjos às vezes são impressionantes. Mas eles também podem acontecer em silêncio, de um modo tão suave que quem está sendo ajudado só se dá conta do aspecto sobrenatural depois de algum tempo. Jean Doktor, de Oceanside, na Califórnia, sabe muito bem disso.

Em 1980, o marido de Jean, John, foi acometido por uma estranha doença. Ele era um homem saudável de sessenta anos, que corria todos os dias, mas, depois de uma viagem de negócios, teve uma pequena febre que logo subiu para quarenta graus. O médico de John deu-lhe antibióticos, mas, no dia seguinte, a febre não diminuiu, e John estava agindo de modo estranho. "Toda vez que eu falava com ele, eu parecia ouvir duas vozes em sua resposta", lembra Jean. Uma delas, que tinha o som familiar da seu marido, agora estava vaga e inconstante. Aparentemente por baixo daquela voz, no entanto, havia outra, profunda e confortante, que, pelo que Jean ouvia, parecia dizer: "Você vai superar isso, John."

Jean telefonou para o médico novamente, relatando não só os sintomas, mas o fenômeno das duas vozes. "É possível que ele esteja tendo alucinações por causa da febre alta", o médico disse a Jean. "Leve-o para o hospital agora mesmo."

Foi o que Jean fez, e, embora o diagnóstico fosse pneumonia, John logo se recuperou e foi mandado para casa. Mas os sintomas estranhos reapareceram e, assim que foi levado às pressas para o hospital

novamente, John entrou em um estado semiconsciente. “O médico disse que John podia ouvir nossa voz, mas não podia responder — em vez disso, ele repetia cada palavra que dizíamos para ele”, diz Jean. “Foi um pesadelo. Meu marido responsável e cheio de saúde estava desvanecendo bem diante de mim.”

Durante os próximos dias, John recuperava e perdia a consciência. Quatro especialistas juntaram-se para estudar o caso. Eles fizeram punção lombar e exames de sangue, e até investigaram a possibilidade de envenenamento químico, mas continuaram confusos. Nada parecia funcionar, e não havia mais o que fazer.

No sábado à noite, os três filhos adultos de Doktor se reuniram no quarto do pai, chocados com seu estado cada vez pior. Jean chorava em silêncio, com medo e exausta. Parecia óbvio que John os estava deixando, e ela não podia fazer absolutamente nada para ajudar. “Por favor, Deus”, ela orou enquanto segurava a mão mole e inerte do marido, “deixe-me ficar com meu marido. Eu preciso dele... eu o amo...”

Na manhã de domingo, Jean estava sozinha no quarto, observando o rosto cansado e pálido de John. Houve uma batida na porta; ela atendeu uma senhora idosa que usava uma roupa elegante de seda cinza e os cabelos muito bem arrumados. Ela estava carregando um pequeno recipiente dourado com hóstias, e Jean achou que ela fosse o que os católicos chamam de “ministro leigo”, alguém que leva a Eucaristia a pacientes em hospitais.

“Ponha John em pé”, a mulher disse a Jean com um tom firme, mas amigável.

Por John de pé? Quem era essa pessoa? Jean tinha certeza de que um ministro leigo jamais dificultaria a rotina de um paciente. “É impossível”, ela protestou. “Meu marido não pode se mover.”

“Ele precisa ficar em pé”, a senhora de cinza repetiu com um tom carinhoso, mas repreensivo. Jean ficou irritada com a arrogância da mulher. O que aconteceria se a enfermeira-chefe entrasse e as visse perturbando John? Contudo, Jean também se sentiu tão constrangida a obedecer àquela estranha, curiosamente reconfortante, que, de repente, estendeu as mãos para pegar o marido e colocá-lo sentado. A mulher apenas observou, calma e tranquila.

John estava zozzo, mas não se opôs aos esforços de Jean, e, de algum modo, com o apoio dela, os dois, inclinando-se para um lado e para o outro,

ficaram em pé. Então, a mulher de cinza segurou as mãos dos dois, e ondas elétricas frias começaram a se mover por Jean.

“Pedimos seriamente a cura de John”, murmurou a mulher de cinza, “e que o amor de Jesus o toque. Que ele seja instantaneamente curado.”

Ela pôs a hóstia na língua de John, fechou a caixinha dourada, virou-se e rapidamente saiu do quarto. Jean ajudou John a voltar para a cama, onde ele imediatamente caiu em um sono profundo.

Aquele foi um episódio estranho, pensou Jean. Ela teve sorte de não ser vista pelo pessoal do hospital arrastando John para fora da cama! Contudo, a enfermeira foi gentil ao quebrar as regras quanto às visitas. Agradecida, Jean colocou a cabeça para fora do quarto.

— Obrigada por deixar John participar da comunhão — ela disse à enfermeira sentada à mesa. — O ministro leigo acabou de sair.

A enfermeira olhou para ela.

— Estou sentada aqui há 25 minutos — ela respondeu. — Não vi ninguém sair do quarto.

Confusa, Jean aproximou-se de uma mulher à porta do quarto ao lado.

— A senhora viu alguém saindo do nosso quarto?

— Não. — A visitante balançou cabeça. — E já faz, pelo menos, meia hora que estou em pé aqui.

Jean verificou todos os quartos do andar e depois foi para as salas de espera e a recepção. A senhora de cinza não tinha dado entrada como visitante no hospital. Um grupo de homens religiosos havia estado ali para levar conforto aos pacientes, mas nenhuma mulher com aquela descrição estava entre eles. Irritada, Jean desistiu. Foi estranho, mas era melhor esquecer, sobretudo porque John parecia não sofrer nenhum efeito adverso.

John dormiu o dia todo, e, às 16h30 daquela tarde, ele se sentou repentinamente na cama. Apreensiva, Jean ficou gelada. Ele estava tendo alucinações de novo? Não.

— As crianças estão na sala de espera? — ele perguntou.

— Sim. Você quer que eu as traga aqui?

— Não. Vou me vestir e descer para ir vê-las.

— De jeito nenhum! — Jean levou um susto. — Você está muito doente. Você vai ficar ainda pior depois desse esforço todo...

— Eu me sinto bem, sinceramente — ele disse.

Jean olhou mais de perto. O aspecto pálido de John estava rosado; ele

parecia melhor do que estava nas últimas semanas. Abrandando, ela o ajudou a colocar os chinelos e o roupão. O semblante de alívio e alegria no rosto das crianças quando o viram confirmou as suspeitas de Jean. Seu marido estava melhorando.

O médico fez um exame completo em John na manhã seguinte e ficou surpreso. “A febre de John se foi, seus olhos estão limpos e ele também poderá ir para casa já que não há sinal de nenhuma doença”, ele lhes disse. “Eu simplesmente não consigo explicar o que aconteceu.” Jean não viu nenhum motivo para mencionar a senhora de cinza, não para um médico. Mas John voltou às suas atividades normais em duas semanas e permanece saudável até hoje.

Por muito tempo, Jean resistiu à ideia de que a mulher misteriosa que os visitou era um anjo. Anjos não apareciam envoltos de luz? Em contrapartida, a mulher de cinza foi eficiente, prática e imparcial, e teve total controle da situação. “Ela foi firme ao dar a ordem, firme ao orar e, depois de concluir sua missão, firme ao desaparecer”, diz Jean. “Ela foi o espírito que menos se parecia com um anjo que eu poderia imaginar.”

E, contudo... quem poderia duvidar da cura maravilhosa que ocorreu? E não houve sinais confortantes desde o começo, evidências de que ela e John não estavam sozinhos nesta situação difícil... ela não ouviu aquela “segunda voz” dando-lhe confiança? “Acho que muitas pessoas experimentam esses toques especiais”, Jean diz, “mas temos medo de que outras zombem de nós se falarmos sobre eles. Mas eu estava lá, vi a mudança em John e agora considero a vida um presente de amor.”

Jean também não irá se esquecer da oração fervorosa que ela sussurrou durante os momentos críticos da doença. “Por favor, Deus, deixe que ele viva... eu preciso dele... eu o amo... envie-me um milagre...”

Deus fez isso, e uma mensageira foi levá-lo.

# RESGATE NOS TRILHOS

*É só quando aparecem no céu que os anjos se revelam a você.*

Robert Browning,

*Paracelsus, Part V* [Paracelso, parte V]

Carol Toussaint estava dirigindo sua grande caminhonete por Arlington Heights, Illinois, por volta das cinco da tarde em um fim de semana quente do verão. Ela iria buscar um de seus filhos na aula de violão, e os outros, Dave e Katie, estavam no banco de trás. Já havia passado da hora de começar a preparar o jantar e seu pensamento estava em chegar em casa tão logo fosse possível.

O semáforo estava verde. Carol virou à esquerda, saindo da rodovia movimentada, subiu um leve aclive e seguiu em direção à estrada de ferro que corta a área do centro da cidade. Mas, antes de ela chegar ao outro lado da estrada de ferro, o motor do carro morreu de repente. Ela ficou parada, bloqueando várias pistas, com as rodas dianteiras nos trilhos.

Carol tentou dar partida várias vezes, mas o carro não pegava. O semáforo mudou de cor, carros começaram a buzinar, freios cantavam enquanto motoristas na hora do *rush* tentavam dar a volta e não bater um no outro. Dave e Katie, com calor, sentindo-se presos e percebendo a agonia da mãe, começaram a reclamar. Foi o pior pesadelo de um motorista.

De repente, um jovem de camisa branca e gravata apareceu do nada na janela aberta do carro de Carol. Dave, na época com apenas cinco anos, pensava que o homem tinha saído de um pequeno carro marrom antes de se aproximar deles.

— Você sabe que está em perigo aqui? — o homem perguntou baixinho, com um ar de absoluta paz e tranquilidade, em meio ao trânsito que se emaranhava rapidamente.

— Tenho certeza — Carol respondeu. — Meu marido vai me matar por

eu estar atrasada e não ter feito o jantar! Isto é, se um desses motoristas não fizer isso primeiro...

— Não, eu não quis dizer isso — o jovem continuou. — Tem um trem previsto para passar aqui em aproximadamente meio minuto. Vou ter que mover o carro para vocês.

Carol havia esquecido que, naquela hora do dia, trens trazendo pessoas do trabalho passavam apitando pelo cruzamento em intervalos frequentes. Alguns paravam, outros não. E, sim, agora ela havia se dado conta de que havia várias pessoas em pé na estação a um ou dois quarteirões de distância. Mas, mesmo que tivesse de parar, o próximo trem não conseguiria evitar uma colisão com seu carro, pois, naquele ponto, ainda estaria em alta velocidade!

Carol não sabia ao certo o que fazer em seguida — seu pânico era tão grande que ela não conseguia pensar. Mas ela jamais se esquecerá da reação daquele jovem sereno. De forma despreocupada, ele foi até a frente do carro e deu um pequeno empurrão com uma das mãos. A grande caminhonete deslocou-se facilmente dos trilhos e, quando a cancela desceu e o sinal de alerta começou a soar, ela foi para trás e, fora de perigo, voltou a parar no leve aclave.

Quase em seguida, o trem passou fazendo barulho. Impressionada, Carol percebeu que, sem a ajuda do jovem, sua família teria sido atingida e estaria morta. Mas onde ele estava? O trem impediu sua visão por apenas um instante. Como ele poderia ter desaparecido naquela área aberta sem que ela o visse?

Naquela altura, vários transeuntes e passageiros se aproximaram do carro de Carol. “Precisa de ajuda, senhora?”, perguntaram. “Talvez possamos empurrar o carro até o posto de gasolina do outro lado da rua...”

*Que estranho*, Carol pensou. Ninguém estava correndo ou apreensivo de modo algum. Todos agiam como se seu carro tivesse parado onde estava neste momento. Ninguém parecia perceber que ela e os filhos haviam acabado de ser salvos. Eles não viram que ela havia escapado de um acidente por um triz, muito menos prestaram atenção ao jovem homem?

Mas seus filhos viram. “Quem era aquele rapaz que empurrou a gente, mãe?”, Dave perguntou no banco de trás. “Para onde ele foi?” Se o homem chegou em um carro marrom pequeno, o carro, de algum modo, desapareceu, mesmo com o trânsito complicado em volta deles.

“Não faço a menor ideia, Dave”, respondeu Carol, sem saber o que

pensar. Sem dúvida, era um mistério. E foram vários dias pensando no episódio para que ela começasse a perceber o que havia acontecido.

Um passageiro pôs-se no meio do cruzamento e orientou os carros em torno do local da cena, enquanto outro foi alertar o posto de gasolina. Mecânicos desceram a rua empurrando o carro de Carol até o posto de gasolina. Embora o homem de camisa branca tenha deslocado o carro grande com uma das mãos, foi preciso oito pessoas para atravessar a rodovia com ele.

O marido de Carol não jantou na hora naquele dia, mas recebeu um presente muito maior.

## EM UMA ONDA DE LUZ

*Deus ouviu o choro do menino, e o anjo de Deus, do céu, chamou Hagar e lhe disse: “O que a aflige, Hagar? Não tenha medo; Deus ouviu o menino chorar, lá onde você o deixou...”*

Gênesis 21:17

Em 1949, Norma e Phil Smith (o nome de todos nesta história foi alterado) compraram sua primeira casa. Era uma moradia para duas famílias com um grande sótão inacabado. Mesmo tendo muitos filhos, os Smith alugaram o segundo andar inacabado para a família Taylor com seus dois filhos. Norma gostava em especial da filha do casal, Margaret. As famílias davam-se muito bem, e os adolescentes dos Taylor ficaram entusiasmados com a ideia de ser padrinhos de Tommy Smith quando ele nasceu.

Mas algo começou a acontecer com Margaret. Ela deixou de frequentar o ensino médio e passou a ficar em casa o tempo todo. Na primavera daquele ano, quando um padre da paróquia de Norma passou na casa deles para discutir algo que aconteceu com um dos filhos dos Smith, Norma comentou com ele sobre Margaret. “Estou preocupada com ela”, disse. “Ela nunca sai, e parece que algo lá em cima está errado.”

“A mãe de Margaret não está em casa?”, o padre perguntou.

“Não, ela trabalha em uma loja de departamentos”, Norma respondeu. Só mais tarde ela lembrou que ela não estava mais trabalhando. Tinha sido demitida por causa de “comportamento inadequado”.

O padre subiu até lá, mas não viu nada fora do normal. Norma, ocupada com as exigências de sua grande família, não pensou mais nisso.

Alguns meses depois, no dia 14 de junho, Tommy Smith, de três anos, desapareceu. Os quatro filhos mais velhos dos Smith estavam na escola, e Norma e outros dois com idade pré-escolar estavam em casa. Naquele momento, Norma estava grávida do oitavo filho. Não encontrando Tommy, ela avisou a polícia.

Pouco depois, um parente dos Taylor telefonou e pediu para Norma subir ao andar de cima naquele momento, pois viram Tommy entrando no apartamento do segundo andar. Usando a chave mestra, Norma entrou no apartamento e encontrou o menino. A Sra. Taylor havia afogado o menino na banheira. Os Smith perceberam tarde demais que os Taylor estavam tentando cuidar sozinhos de sua mãe com problemas mentais. Ao que parece, era por isso que Margaret vinha ficando tanto em casa.

Como uma pessoa consegue lidar com uma tragédia como essa? Como continuar a viver depois disso? Quando Norma descreve a tristeza que sofreu durante os meses seguintes, quem consegue compreender seu sofrimento? Repórteres escreveram sobre o assassinato com detalhes. Os filhos dos Smith, vítimas da curiosidade dos coleguinhas de classe, foram se restabelecer na casa de parentes; alguns tinham pesadelos, outros desenvolveram medos. Phil Smith, incapaz de trabalhar direito, perdeu o emprego, recorreu a remédios vendidos com prescrição médica para aliviar sua dor emocional e, por fim, foi se afundando no alcoolismo. Norma, com 33 anos, sofria cada vez mais.

“Eu não estava debilitada”, ela diz. “Afinal, eu tinha seis filhos para criar, além de um marido instável, e estava esperando outro filho. E os vizinhos foram muito generosos.” Mas ela caiu em uma tristeza que parecia não ter fim, e, embora os Taylor tivessem se mudado, Norma foi incapaz até de começar a se livrar daquele mal. Ela começou a acreditar que sofreria para sempre.

Certo dia, Norma foi sozinha a uma missa no final da tarde. Ela aceitou a estranha solidão, mas, quatro semanas antes de ter seu filho, não só estava mentalmente arrasada, mas também fisicamente exausta. De modo espontâneo, seus pensamentos voltavam-se novamente para o pequeno Tommy. Como tinha saudade dele! Por que aquele terrível incidente aconteceu com a família Taylor e com eles também? Sim, ela orou muitas vezes, e sabia que a força de Deus a mantinha em pé. Contudo, por quanto tempo mais essa força iria sustentá-la? Naquele momento, ela sentiu como se não pudesse dar outro passo... *Ah, Tommy, eu gostaria de saber se você está bem*, ela pensou.

De repente, o brilho de uma luz ofuscante iluminou o interior da igreja. Estava relampejando? Não. Quase como se as palavras fossem impressas em sua alma, Norma ouviu uma mensagem sendo enviada para ela: *Mãe, não se preocupe. Tudo vai ficar bem.*

“Não foram palavras audíveis. Não vi ninguém nem ouvi a voz de uma criança, mas eu sabia que era Tommy falando comigo”, diz Norma. “Foi quase como uma transfusão de sangue, algo que, certamente, entrou em mim e se tornou uma parte de mim. No mesmo instante, fiquei radiantemente feliz.”

Com os olhos marejados de lágrimas de alegria, Norma olhou de um lado para o outro. Outras pessoas tinham visto o brilho resplandecente? Mas as pessoas se comportavam normalmente, lendo, orando ou com cara de preocupadas. Ninguém havia experimentado nada fora do comum, e Norma não estava surpresa. De algum modo, ela soube a partir do momento em que tudo aconteceu que as palavras de consolo, a luz e o deleite extraordinário eram somente para ela.

Exteriormente, nada havia mudado. Norma ainda era uma grávida incomodada. Mas, durante as semanas seguintes, ela foi imersa em uma alegria. Mesmo depois de seu marido ter encontrado trabalho e sua nova bebê, Faith, ter nascido saudável e feliz, toda vez que Norma tentava falar de sua experiência aos membros da família, eles insinuavam que ela talvez estivesse tendo alucinações por causa dos traumas que sofreu.

Mas a vida de Norma nunca mais foi a mesma. “Uma vez perguntei a um especialista qual era a diferença entre uma alucinação e uma visão. Ele me disse que a visão leva à descoberta e à satisfação. Foi isso que senti”, ela diz. Enquanto os anos corriam e ela passava por momentos difíceis com os outros filhos, ela se apegou à certeza que lhe foi dada naquela missa, a convicção de que seu filhinho no céu, talvez pelo poder de um anjo, havia lhe enviado uma mensagem de esperança.

E ela foi abençoada vendo seus problemas se resolverem, um por um. Tudo, na verdade, acabou bem.

# GUERREIROS ALADOS

*Anjo é um ser espiritual, criado por Deus sem um corpo, para o serviço da cristandade e da Igreja.*

Martinho Lutero, *Table Talk*

[Conversas à mesa]

☉ povo de uma pequena aldeia orou fervorosamente para que não houvesse derramamento de sangue nem feridos pela guerra que assolava seu país. Mas, uma noite, veio um exército para cercar e capturar a aldeia. Na manhã seguinte, o povo pôs-se alerta, viu o ajuntamento de soldados e ficou apavorado. “Todos nós vamos morrer”, eles diziam em pânico uns para os outros.

Mas, dentre a multidão, um jovem que sempre dirigia as orações da noite parecia tranquilo. “Não precisamos ter medo”, ele disse a seus amigos. “Afim, nosso exército é maior que o deles.”

“Mas nós não temos nenhum exército!”, protestaram as pessoas da aldeia.

O jovem orou: “Senhor, que os olhos deles se abram.”

E, de repente, os aldeãos viram outro exército, soldados espalhados por toda a parte na encosta da montanha, prontos para agir e irradiando uma luz celestial.

Ao que parece, os soldados do exército inimigo também os viram. Em questão de minutos, eles se dispersaram e correram para se salvar. Daquele momento em diante, os aldeãos ficaram em paz.

Essa história interessante é encontrada na Bíblia. Ela aparece no livro de Reis 6:15-17. Muitos incidentes como esse aconteceram em nossos tempos também, principalmente com missionários.

Corrie ten Boom gostava de contar um episódio durante a rebelião de jovens no Congo, quando os rebeldes avançaram rumo a uma escola onde viviam duzentos filhos de missionários. “Eles planejaram matar crianças e professores”, ela escreve. “O pessoal da escola soube do perigo e, então, entrou em oração. Sua única proteção eram um cercado e alguns soldados, enquanto o inimigo, que se aproximava cada vez mais, chegava a várias centenas.”

Quando os rebeldes estavam perto, algo de repente aconteceu: eles deram meia-volta e fugiram! O mesmo aconteceu no segundo e no terceiro dia. Um dos rebeldes ficou ferido e foi levado ao hospital dos missionários. Enquanto limpava as feridas do rebelde, o médico perguntou: “Por que vocês não invadiram a escola como planejado?”

“Não foi possível”, o soldado respondeu. “Vimos centenas de soldados de farda branca e ficamos com medo...”

“Na África”, explica Corrie, “os soldados nunca usam farda branca. Então, é provável que tenham sido anjos. Como é maravilhoso quando o Senhor pode abrir os olhos dos inimigos para que eles vejam anjos!”[16](#)

John G. Paton foi missionário em Novas Hébridas, no sudoeste do Oceano Pacífico. Uma noite, nativos hostis cercaram seu local de trabalho, determinados a pôr fogo na casa e matar os Paton. John e sua esposa, sozinhos e indefesos, oraram durante a noite toda para que Deus os livrasse. Quando o dia raiou, eles ficaram surpresos ao vir seus agressores irem embora!

Por fim, o chefe da tribo tornou-se cristão, e John perguntou o que havia impedido o chefe e seus homens de queimarem sua casa naquela noite.

O chefe explicou que ele viu muitos homens em guarda — centenas usando vestes brilhantes com espadas desembainhadas nas mãos. Eles pareciam circundar o centro de missões, de modo que os nativos ficaram com medo de atacar. Foi só então que John Paton percebeu que Deus havia enviado seus anjos para protegê-los.[17](#)

\*

Outro ministro, tentando alcançar famílias em um vale desconhecido na Noruega, teve de descer uma perigosa trilha na montanha. Em um lugar escorregadio e escarpado, ele parou para orar e pedir ajuda aos Céus. No final, ele chegou lá embaixo são e salvo.

Na primeira cabana, ele conheceu um casal que, depois ele descobriu, ficou observando sua descida perigosa pela trilha na montanha.

— O que aconteceu com seu companheiro? — foi a primeira pergunta do casal depois de cumprimentar o missionário.

— Que companheiro? — perguntou o missionário.

— O homem que estava com o senhor.

— Mas não havia ninguém comigo. Eu estava viajando sozinho.

— Não é possível! — exclamaram eles, surpresos. — Ficamos observando o senhor descer, e tínhamos certeza de que eram duas pessoas atravessando a montanha juntas.”[18](#)

\*

Por volta de 1950, os missionários Egbert e Hattie Dyk foram trabalhar em Tseltal, uma aldeia de índios que fica perto de Santo Domingo. Todos os habitantes, menos um, tornaram-se cristãos, mas, uma vez que havia muita perseguição das aldeias vizinhas, toda a aldeia ajuntou o que tinha, caminhou por um dia e formou uma comunidade cristã no novo lugar onde se estabeleceu. Os Dyk, no final, deixaram aquele assentamento, mas ficaram sabendo o que aconteceu depois por meio do missionário que assumiu o lugar deles.

Parece que um homem chamado Domingo Hernandez morava perto daquela área e odiava seus vizinhos cristãos. Decidido a queimar o assentamento e matar todos os habitantes, ele, tarde da noite, organizou seus companheiros de aldeia, preparou tochas feitas de pinha de pinheiro e canoas e guiou-os às escondidas pela montanha até o outro lado do rio.

Mas, antes que tivessem a chance de atacar, eles viram uma luz clara brilhando através das janelas de cada casa na aldeia cristã. Então, um brilho estranho resplandeceu sobre toda a área.

Domingo Hernandez e seus homens ficaram com tanto medo que deram a volta, dispersaram-se na montanha, mergulharam no rio, atravessaram-no a nado e correram, encharcados, os oitocentos metros de volta para casa.

Na manhã seguinte, enquanto lavavam as roupas no rio, as mulheres da aldeia de Hernandez perguntaram para as mulheres cristãs do outro lado do rio: “O que eram aquelas luzes estranhas na cabana de vocês ontem à noite?”

“Que luzes?”, as mulheres cristãs perguntaram. “Não havia nenhuma luz acesa. Todos estavam dormindo.”

\*

Por fim, temos a história contada por uma enfermeira pediátrica e membro de um grupo de irmãs evangélicas que estava trabalhando em Danzig, em 1945, depois que as tropas russas invadiram muitas cidades alemãs. As mulheres da região estavam sendo violentadas, e as noites eram cheias de terror. As enfermeiras reuniram o maior número possível de mulheres e crianças e encontraram um alojamento em uma pequena escola improvisada. Elas muitas vezes trabalhavam à noite e, por causa da falta de eletricidade, usavam tocos de velas. Uma vez que o único prédio iluminado era o delas, elas também corriam o risco de tê-lo invadido pelos russos. Contudo, as pessoas chamavam o lugar onde elas ficavam de “a ilha da paz”, porque nada ruim parecia acontecer ali. Aos poucos, aumentou o número de pessoas que procuravam o abrigo.

Certo dia, uma mulher levou seus filhos até lá e implorou às enfermeiras para aceitá-los. As crianças haviam tido uma criação totalmente secular e nunca tinham visto alguém orar. Naquela noitinha, enquanto a comunidade realizava um culto de adoração, o menino recém-chegado, em vez de cruzar os braços como os demais, ficou olhando à distância com olhos arregalados. A comunidade cantava um cântico familiar, pedindo que Deus enviasse anjos para “pôr armas douradas em volta da cama”.

“Quando dissemos amém, o menino se aproximou de mim e me levou para fora do prédio”, a enfermeira contou. “Ele ficou batendo na altura do peito e dizendo: ‘Bem aqui. Eles batem bem aqui.’”

A enfermeira perguntou o que ele queria dizer. Apontando para a calha no telhado do prédio, ele repetiu o que disse. “A calha bate aqui neles!”

“Do que você está falando?”, a enfermeira perguntou.

A criança disse que, enquanto todos estavam cantando, ela havia visto um homem irradiando luz em cada canto do prédio. Os homens eram tão altos que passavam do teto.

“Agora ficou claro para mim”, a enfermeira observou, “por que esta casa era chamada de ‘a ilha da paz.’”[19](#)

## COMPANHIA DURANTE A TEMPESTADE

*Os anjos não são, todos eles, espíritos ministradores enviados para servir...?*

Hebreus 1:14

eram 14h de um dia útil de abril de 1974, em Louisville, Kentucky. Lynne Coates e o marido, Glynn, estavam aproveitando uma folga inesperada do trabalho, sentados na escada da varanda. Os filhos mais velhos logo voltariam da escola para casa. O caçula, Collyn, ficaria no jardim de infância do Seminário Teológico Batista do Sul até por volta das 17h.

O casal conversou à vontade por um tempo. Embora o dia de início de primavera estivesse calmo, pequenas linhas finas de nuvens cruzavam o céu.

Glynn franziu a testa. “Olhe para o céu. A última vez que vi um céu assim foi aos doze anos, quando houve um tornado.”

Louisville fazia parte do corredor de tornados do Meio-Oeste dos Estados Unidos, e o serviço meteorológico regularmente divulgava avisos ou alertas de tornados, especialmente na primavera. “Acho que todos nós estávamos um pouco despreocupados com isso”, Lynne admite agora. “Certamente eu não esperava ver um.”

Mas ela viu. O céu ficou mais escuro, o vento ficou mais forte, e Lynne começou a ficar apreensiva. Os dois meninos mais velhos chegaram em casa, e, quando as sirenes de alerta de tornados começaram, Lynne preparou-se para ir ao porão. Glynn, no entanto, procurava sua câmera. “Se eu subir o suficiente”, ele disse a Lynne enquanto escalava a árvore do jardim, “vou conseguir tirar algumas fotos sensacionais.”

“Você está louco?”, Lynne gritou para ele em meio ao vento que aumentava rapidamente. “Acabei de ouvir pelo rádio que Brandenburg ficou destruída. Entre no porão! O tornado está vindo de verdade!”

A família amontoou-se no porão, ouvindo o rugido do vento que parecia um trem vindo na direção da casa, e, depois, a chuva pesada. O

pensamento de todos estava em Collyn. Ele estava seguro? Por que não foram buscá-lo mais cedo? Mas quem poderia adivinhar que daquela vez haveria um tornado de verdade?

Em poucos minutos, a tempestade passou, e a família saiu do porão. Seu bairro parecia relativamente intacto, não fossem escombros aqui e ali e alguns fios de alta tensão caídos. “Vou buscar Collyn no seminário”, Glynn avisou e saiu imediatamente. Todos ficariam melhor quando o caçula estivesse com eles.

Lynne reuniu os filhos mais velhos, e eles agradeceram a Deus por tê-los guardado em meio à tempestade. Então, ela encontrou e ligou um rádio portátil.

Eles ouviram as notícias sobre os estragos. E então ouviram que o tornado havia passado pelo seminário. Um dos prédios ficou sem teto.

“Oh, meu Deus, Collyn!”, Lynne gritou e foi correndo para o telefone. Ela discou o número do jardim de infância de Collyn, mas tudo o que ouviu foram os estalidos que soam quando não há linha. Se o tornado tinha, de fato, ido naquela direção, o estrago provavelmente era grande, ela atinou. Era possível que as linhas telefônicas não estivessem funcionando. Mas ela precisava saber se estava tudo bem com Collyn! E o que estava acontecendo com Glynn? Um sentimento de angústia tomou conta de seu coração. O seminário ficava a apenas quinze minutos de carro. Glynn já deveria estar de volta àquela altura.

Lynne não poderia ter imaginado que o caminho que Glynn fez levou-o para o meio da destruição. O que deveria ter levado quinze minutos, no final, seria um percurso de duas horas, enquanto ele passava por árvores arrancadas, carros de resgate, fios elétricos caídos, casas destruídas e, talvez o pior de tudo, pessoas desorientadas vagando pelas ruas. A tempestade praticamente destruiu um parque de três mil acres de árvores antigas perto do seminário, e Glynn teve de estacionar a vários quarteirões de distância do prédio de Collyn. Não havia como passar de carro pela destruição.

Em casa, Lynne tentava várias vezes telefonar para o jardim de infância, mas o número não chamava. Em vez disso, ela ouvia os estalos, e depois o telefone ficava mudo. Ela ficou cada vez mais angustiada, e as duas crianças começaram a chorar. *Deus, não consigo mais aguentar*, ela orou. *Só o Senhor pode nos ajudar agora. Por favor, proteja Collyn e as outras crianças, e guarde-os em segurança.*

Mais uma vez, Lynne tentou telefonar. Depois de alguns estalidos, o telefone de repente começou a chamar. Uma mulher com a voz calma e agradável então o atendeu. “Não se preocupe”, ela respondeu às perguntas transtornadas de Lynne. “As crianças estão bem. Todas foram levadas para outro prédio antes da tempestade. As professoras vão ficar com elas pelo tempo que for preciso, até os pais vierem buscá-las.”

Lynne desligou o telefone e, junto com as crianças, gritou de alegria. Collyn estava seguro! Eles só tinham de esperar.

Mais de duas horas depois, Glynn e Collyn chegaram. Glynn disse a Lynne que encontrou um cartaz na porta do prédio de Collyn, informando aos pais onde deveriam buscar os filhos. Ele foi até o prédio e encontrou Collyn em segurança. Collyn não se lembrava de nada sobre o tornado, a não ser de ter percebido um cata-vento dobrado no alto de um dos prédios.

Lynne acompanhou Collyn até a sala de aula no primeiro dia de volta à escola. Ela queria saber o nome da mulher que aliviou seu medo pelo telefone.

— Eu gostaria de agradecer a ela — explicou à professora de Collyn.

Espantada, a professora olhou para Lynne.

— Mas a senhora não deve ter conversado com ninguém.

— Ah, mas eu conversei — Lynne garantiu à mulher. — Você pode perguntar aos meus filhos mais velhos. Eu estava muito nervosa até aquela mulher me garantir que Collyn estava bem.


— Sra. Coates, isso é impossível — insistiu a professora. — Colocamos um aviso na porta, trancamos o prédio e levamos as crianças antes de chegar o tornado. Não havia ninguém aqui. E não se esqueça de que nossas linhas telefônicas ficaram destruídas. Nenhuma ligação poderia ter sido completada ou atendida.

Os anjos são nossos “companheiros em uma tempestade”. Os Coates sabem, de um modo especial, o que significa essa bela promessa.

## OS ANJOS E O SACERDOTE

*Familiarize-se com os anjos e contemple-os com frequência em espírito, pois, sem serem vistos, eles estão presentes a seu lado.*

São Francisco De Sales

 padre Pio, nascido em 1887 em uma família simples do campo, em Pietrelcina, na Itália, foi um monge que teve os estigmas de Cristo, suas marcas da crucificação, gravados nas mãos, nos pés e no tórax, assim como o fundador de sua ordem, São Francisco. A despeito de sua saúde frágil, ele dedicou a vida à construção de lares para doentes, deficientes e idosos.

O sacerdote tinha um relacionamento particularmente interessante com anjos. Diz-se que ele “conheceu” seu anjo quando era jovem e, de vez em quando, recebia conselhos dele; mais tarde, os dois passaram a se comunicar em orações e diálogos espirituosos. Às vezes, segundo testemunhas, padre Pio era capaz de ler e falar línguas que não conhecia. Quando lhe perguntavam como ele conseguia fazer isso, ele dizia que o anjo traduzia tudo para ele. De vez em quando, vários de seus colegas monges ouviam vozes cantando em uma harmonia celestial, mas não conseguiam descobrir a fonte da música. O sacerdote explicava que as vozes eram anjos, escoltando almas até o céu.

Padre Pio frequentemente enviava o anjo a alguém que precisava de ajuda. Por exemplo, padre Alessio Parente foi designado para acompanhar o frágil monge da capela até sua cela monástica todos os dias. Mas padre Parente tinha o hábito de dormir muito. Muitas vezes ele não ouvia o despertador ou, meio acordado, o desligava. “Toda vez que eu dormia demais”, ele diz, “eu ouvia uma voz em meu sono que dizia: ‘Alessio, Alessio, desça!’, e uma batida em minha porta. Ao perceber que estava atrasado, eu saltava da cama e saía correndo no corredor para ver quem me chamava, mas não havia ninguém lá. Eu descia correndo até a igreja e lá, invariavelmente, encontrava padre Pio dando a última bênção no final da missa.

“Um dia sentei-me ao lado de padre Pio, com vergonha de minha falta de pontualidade. Eu estava tentando explicar para ele que eu parecia nunca ouvir o despertador, mas ele me interrompeu. ‘Sim, eu entendo você’, ele disse. ‘Mas você acha que vou continuar a pedir ao anjo para acordá-lo todos os dias? É melhor você comprar um relógio novo.’ Foi só então que eu percebi quem é que batia em minha porta e me chamava enquanto eu dormia.”

Padre Pio acreditava que as pessoas podiam enviar anjos para ajudar os outros ou interceder por eles. Ele incentivava sua vasta rede de amigos a enviar anjos para ele se eles mesmos não pudessem vir. “Um anjo pode levar uma mensagem sua para mim”, ele dizia, “e eu irei ajudá-lo até onde puder.” Em uma ocasião, Cecil, um amigo inglês do Padre, feriu-se em um acidente de carro. Um amigo foi ao correio para enviar um telegrama ao padre Pio, pedindo orações pela vítima do acidente. Quando o amigo colocou o telegrama no balcão, ele recebeu um telegrama do padre Pio assegurando-lhe de suas orações por Cecil.

Mais tarde, depois de sua recuperação, Cecil e seu amigo foram ver padre Pio. “Como o senhor sabia do acidente?”, os dois perguntaram. “Recebemos seu telegrama antes de enviarmos o nosso.”

“Vocês acham que os anjos demoram como aviões?”, o monge perguntou, sorrindo.

Em outra ocasião, uma menina italiana, ouvindo sobre esse frade, enviou um anjo para pedir saúde a seu tio Fred. A menina então decidiu visitar padre Pio pela primeira vez. Quando ela se aproximou dele, ele brincou: “Um anjo me mantém acordado todas as noites, pedindo uma cura para seu tio Fred!”

A mãe de uma bebê muito doente também enviou um anjo para pedir orações ao padre Pio. Assim que fez isso, ela viu sua filhinha tremer como se algo a tivesse tocado. Embora os médicos estivessem confusos, a bebê logo melhorou, saiu da UTI e foi para casa.

“Quando falo com as pessoas sobre essas histórias, os comentários são muitas vezes os mesmos: ‘Ah, bem, o padre Pio foi um homem muito santo, não foi?’ ou ‘Eu não passo de um pobre pecador. Por que um anjo faria alguma coisa para me ajudar?’”, diz o padre Parente. “Sim, o padre Pio foi um homem muito santo, mas acredito que os anjos fazem um bom trabalho para cada um de nós, se tão somente tivermos fé.”

Quando padre Pio morreu em 22 de setembro de 1968, vários turistas

norte-americanos na Itália viram anjos no céu à noite... anjos que desapareceram em silêncio com o nascer do sol.[20](#)

## DIREÇÕES CELESTIAIS

*As almas meigas à nossa volta observam-nos em silêncio,  
Apertam-se para estar mais perto;  
Entram em nossos pensamentos, em nossas orações,  
Com gestos delicados de ajuda, fazem o certo.*

Harriet Beecher Stowe

“*The Other World*” (O outro mundo)

Parece que os anjos são prestativos quando o assunto é dar direções.

Veja a história de Charlotte, uma estudante de dezenove anos que frequentou, há alguns anos, a Pacific Union College, em Angwin, uma pequena cidade cerca de 120 km ao norte de San Francisco. Charlotte trabalhava meio período como governanta em uma cidade um pouco distante do *campus*. Ela ia e vinha de ônibus, agradecida pela renda que tornava mais fácil cumprir seus compromissos com os estudos e outras despesas.

Uma noite, enquanto voltava para Angwin, cansada e um pouco desatenta, Charlotte entrou no ônibus errado. Já era tarde demais para descer quando ela descobriu o que havia acontecido. Finalmente, o grande veículo chegou a um terminal movimentado de San Francisco.

Charlotte estava preocupada. Ela não estava onde deveria estar e, para piorar as coisas, estava cercada de estranhos tarde da noite. Alguns marinheiros, que haviam voltado recentemente do estrangeiro, olhavam com malícia para ela. Um bêbado tentou iniciar uma conversa. Apressada, ela saiu andando.

Mas para onde ela deveria ir? Como encontraria um ônibus para Angwin, aquela cidade desconhecida, naquele enorme terminal de vários túneis? Não acostumada com a vida na cidade, Charlotte procurou alguém para ajudá-la, mas não havia nenhuma mulher na plataforma onde as pessoas entravam nos ônibus. Não havia nenhum policial à vista. O posto de

informação trazia um aviso: FECHADO À NOITE. Somente homens estranhos eram vistos, errantes, movendo-se nas sombras.

Então uma coisa lhe ocorreu. O reitor da faculdade de mulheres cuidou para que todos os alunos memorizassem o Salmo 34: “O anjo do Senhor é sentinela ao redor daqueles que o temem, e os livra.”

“Vocês nunca sabem”, dizia o reitor, “quando vão precisar dele.”

Rapidamente, Charlotte encontrou o toalete feminino, entrou, trancou a porta e caiu de joelhos. *Querido Deus, ela orou, estou perdida e com medo. Por favor, ajude-me a encontrar o caminho para casa. Segundo sua Santa Palavra, livre-me. Amém.*

Charlotte abriu a porta e foi para a área principal do terminal novamente. Naquele momento, um jovem passou a sua frente. Ela percebeu de imediato que ele estava carregando o que parecia ser uma grande Bíblia de capa preta.

*Uma Bíblia!* Charlotte pensou. *Talvez ele seja um dos alunos da Pacific Union que está voltando para casa!* Em todo caso, ela decidiu segui-lo. É claro que um homem com uma Bíblia seria confiável.

Ele a conduziu por vários corredores longos, pegou uma passagem subterrânea até outra parte do terminal e subiu correndo um lance de escadas de um pátio aberto pouco iluminado até uma plataforma afastada de cargas. Charlotte percebeu que jamais teria descoberto aquele caminho sinuoso sozinha. Então, de repente, lá estava um ônibus com letras garrafais na parte da frente que diziam ANGWIN! E ele estava para sair. O último a sair de San Francisco naquela noite. Que sorte a dela!

Ainda no rastro do jovem, Charlotte o seguiu até o ônibus. Só restava um assento, e ele deu as costas para ela, como se fosse conversar com o motorista do ônibus, e deixou-a passar para ir se sentar. Com os olhos ainda voltados para o estranho, Charlotte sentou-se, aliviada e agradecida, e um pouco surpresa... pois o motorista não parecia ver o jovem de modo algum.

Em um minuto, o jovem se virou e desceu do ônibus. Ninguém estava prestando atenção nele. Somente Charlotte olhava pela janela, seguindo o rapaz com os olhos por alguns metros quando, mesmo sendo visto com clareza, ele simplesmente desapareceu. *Como uma luz se apagando,* Charlotte pensou.

Quando o motorista do ônibus fechou a porta e o veículo saiu da estação, Charlotte fez uma oração sincera de gratidão aos céus. A Palavra de Deus

não falha, ela sabia. Um anjo do Senhor a livrou.[21](#)

\*

Viagens de ônibus e estudantes também fizeram parte da experiência de Suzanne. Era um típico inverno em Minnesota, com neve e gelado. A filha de sete anos de Suzanne, Jennifer (esses não são seus verdadeiros nomes), precisava ir a um especialista no centro de Mineápolis. Suzanne nunca ficava em paz quando tinha de dirigir pelas ruas escorregadias, e já havia caído muita neve, por isso ela decidiu usar o metrô pela primeira vez. “Eu estava preocupada e orei para saber onde deveria ir”, ela diz. “Minha filha já estava nervosa e não queria ir a outro médico. Estava frio — eu só queria que o dia fosse tranquilo.”

Quando Suzanne e Jennifer chegaram ao ponto, só havia uma passageira esperando o ônibus, uma menina alegre de aproximadamente dezoito anos.

Suzanne sorriu para ela e perguntou: “Por acaso você está indo para o centro?”

“Sim, vou para a aula na Universidade de Minnesota”, a jovem respondeu. Suzanne pensava que a universidade ficasse em um local completamente diferente, mas, a verdade é que seu senso de direção era duvidoso. “Sou de uma cidadezinha ao sul daqui”, a moça explicou. “Consegui uma carona até o ponto de ônibus hoje com uma amiga.”

Suzanne entusiasmou-se com a cordialidade da jovem, enquanto notava que ela parecia usar roupas esfarrapadas. “Seu casaco pesado realmente era ultrapassado, e me lembro de pensar que esperava que, algum dia, ela tivesse um bom emprego para comprar roupas melhores, se quisesse”, Suzanne se lembra. “Falei de nosso trajeto e comentei que estava preocupada com nossa ida até lá.”

Sem hesitação, a moça explicou como proceder no ônibus — ter o valor certo da passagem, puxar a corda um quarteirão antes do lugar onde Suzanne queria descer e, depois, ela acrescentou: “Na verdade, já que eu vou lá perto, por que não ir com vocês e garantir que encontrem o prédio certo?”

“Ah, não! Não posso deixar que você faça isso”, protestou Suzanne. “Você não vai sair de seu caminho?” *É claro que a universidade não era para aquele lado...*

“Não tem problema”, a jovem assegurou.

O ônibus veio, as três subiram e continuaram a conversar à vontade a caminho do centro da cidade. Suzanne estava se sentindo mais relaxada, menos culpada por ter aceitado a ajuda de sua companheira. Certamente ela faria o mesmo por um estranho perdido, por isso não parecia ser algo tão fora do comum assim. Mas ela *teve* muita sorte de encontrar aquela jovem simpática.

As três desceram do ônibus no ponto certo e seguiram andando em direção ao Nicollet Mall, cerca de dois quarteirões de distância. Suzanne sabia o endereço do Medical Arts Building, mas era difícil encontrar os números dos prédios. Sem perceber, elas passaram pelo prédio em que deveriam entrar e estavam na metade da faixa de pedestres quando Suzanne reparou que os prédios do outro lado eram pequenos demais para o que elas estavam procurando.

Suzanne olhou de relance para trás. “Veja!”, ela disse. “Acabamos de passar por ele. Lá está. Você consegue ver o nome gravado na lateral?”

A moça sorriu. “Claro que sim!”

Suzanne e Jennifer viraram-se para voltar até o prédio, enquanto sua companheira continuou na mesma direção. Só um ou dois segundos depois foi que Suzanne percebeu que a moça estava indo embora e, por isso, ela se virou para agradecer.

O trânsito estava tranquilo e havia poucos pedestres na rua naquele dia frio, mas a alegre companheira desapareceu completamente. “A última vez que a vi”, lembra Suzanne, “ela estava com o braço levantado como se estivesse dando adeus, como se, mesmo antes de Jennifer e eu nos virarmos para o lado do Medical Arts Building, ela soubesse que tínhamos encontrado o lugar que procurávamos.”

Mais tarde, Suzanne descobriu que o *campus* da Universidade de Minnesota não ficava perto do centro de Mineápolis, nem um aluno chegaria lá pelo caminho que elas fizeram.

Mas, como percebeu Suzanne, a “estudante” tinha um destino diferente desde o começo.

## “COMO SE EU ESTIVESSE TOCANDO DEUS”

*O que ele viu foi luz: luz do Exército Celestial que varria o céu de um lado a outro...*

Frank Peretti, *Este mundo tenebroso*

“Os anjos têm sido uma presença real e visível em minha vida desde que eu me lembre; fico sem medo e sinto-me segura quando eles estão por perto”, Fran Hamilton escreveu para mim. “Aprendi a distinguir a presença deles por meio de determinado sentimento. Não é um sentimento de euforia, de alegria ou do coração batendo de forma descontrolada. É uma sensação de segurança, de serenidade, do tipo ‘está tudo bem com o mundo’. É como se eu estivesse tocando Deus.”

Fran teve muitas experiências com anjos. Uma vez pela manhã, ela estava na mesma missa na qual estava a sala de aula de seu filho. Foi anunciado que uma das crianças estaria fazendo a primeira comunhão. A missa começou, e tudo parecia normal. Então, quase no meio da missa, Fran viu luzes de todas as direções entrando na área do santuário. “Elas pareciam bolas pequenas, mas extremamente brilhantes”, diz Fran. “Havia tantas e elas criavam um brilho tão intenso que tive de fechar os olhos. Ao que parece, ninguém mais na igreja as viu, mas acredito que fossem presenças celestiais vindo participar da primeira comunhão daquela criança.”

O brilho continuou enquanto Fran e o restante da congregação se aproximavam do altar. Então as luzes dançaram, cintilaram e aos poucos desapareceram, criando um brilho tão forte que Fran outra vez teve de fechar os olhos. Depois de receber a comunhão, ela se viu no banco novamente, sem se lembrar de como chegou ali. Quando ela abriu os olhos depois da oração de comunhão, a luz havia desaparecido.

Fran não conseguiu localizar aquela criança, hoje um adulto, mas acredita que provavelmente houvesse algo significativo com relação a ela. Fran tem certeza de que, um dia, entenderá por que tantos anjos

estiveram presentes naquela primeira comunhão.

Uma noite, bem tarde, Fran e o marido, Bob, estavam indo de carro para Columbus, no sul de Ohio, pela I-71, após uma reunião quando perceberam que estavam com o pneu furado. Já era tarde quando lembraram que o estepe também estava furado.

“Meu marido decidiu seguir na beira da estrada para pegar uma saída da rodovia, na esperança de encontrar um posto de gasolina 24 horas por perto”, Fran explica. “Enquanto ele avançava devagar, comecei a orar. Quanto mais andávamos, mais ficava claro que não havia nenhum posto de gasolina em lugar algum. Minhas orações tornaram-se mais específicas até que chegamos a um estacionamento de um pequeno mercado e paramos debaixo de algumas luzes. Fiquei muito calma e imaginei que não precisava mais orar.

Em questão de minutos, um carro pequeno e estranho parou a nosso lado, e uma mulher atraente saiu de dentro dele e, como quem não quer nada, veio andando até nosso carro. Provavelmente com quase trinta anos, ela era alta, magra e tinha longos cabelos castanhos”, diz Fran. “Ela parecia excepcionalmente calma e serena.”

— Vocês estão com problemas, pessoal? — ela perguntou pela janela. — Posso ajudar em alguma coisa?

— Preciso encher o estepe — Bob explicou.

— Posso levá-lo até Grove City, cerca de três quilômetros à frente — a jovem se ofereceu. — Tem um posto de gasolina 24 horas lá.

— Seria ótimo — Bob disse.

Fran decidiu esperar no carro. Ela não estava nervosa por ficar sozinha, mas, aos poucos, começou a repassar o incidente na cabeça. Por que uma jovem pararia em uma rua deserta à noite para ajudar dois estranhos? E aquela aura fora do comum de segurança e paz à sua volta... Fran sentiu-se em paz também, do modo familiar com que sempre era agraciada quando anjos estavam por perto.

Logo Bob e a jovem chegaram com o estepe cheio. Bob começou a trocar o pneu, e a jovem se despediu e foi embora. “Ela disse como se chamava?”, Fran perguntou enquanto finalmente voltavam para casa.

“Ela me disse que era esposa do gerente do Rax Restaurant, em Grove City”, Bob respondeu. “Amanhã, a primeira coisa que vou fazer é ir ao restaurante para agradecer-lhe de novo.”

“Você não vai encontrá-la lá”, Fran disse. “Na verdade, ela não é casada

com o gerente nem com nenhum outro. Ela era um anjo.”

“Ah, pelo amor de Deus!”, Bob zombou do prenúncio de Fran.

Na manhã seguinte, ele foi ao restaurante. Logo estava de volta, surpreso. “O gerente não é casado”, ele disse a Fran. “Quando descrevi a moça e disse que ela havia nos ajudado, ele olhou para mim como se estivesse questionando minha sanidade mental.”

Bob e Fran nunca tiveram a chance de agradecer novamente à moça que os socorreu. Mas Fran acha que ela sabe como eles se sentem agradecidos.

## O MENINO QUE SE AFOGOU

*Cuidado para não desprezarem um só destes pequeninos! Pois eu lhes digo que os anjos deles nos céus estão sempre vendo a face de meu Pai celeste.*

Mateus 18:10

Éra abril de 1981, e a família Hardy, da cidade de Palestine, no Texas, estava aproveitando uma visita aos seus primos em Houston. A casa tinha uma piscina no quintal, e o pequeno Jason Hardy, de três anos, já havia sido alertado por todos a ficar no jardim da frente, longe da piscina.

Logo, no entanto, Sue Hardy percebeu que seu filhinho não estava onde deveria estar. Ela correu no mesmo instante para a piscina, mas a superfície estava tranquila. “Pensei que Jason não pudesse ter caído, porque ele estaria boiando na superfície”, diz Sue. “Eu não sabia na época que vítimas de afogamento afundavam.” Ela voltou correndo para o jardim, saiu para a rua e depois voltou para a casa, cada vez mais preocupada.

Finalmente, seguindo um instinto, ela e sua sobrinha voltaram para piscina e, desta vez, Sue viu algo no fundo. Sua sobrinha pulou na piscina e trouxe Jason à superfície. “Meu mundo virou de cabeça para baixo quando ela me entregou meu filho morto”, diz Sue. “Ele estava sem pulso, sem batimento cardíaco e ficando escuro.” Apertando o corpo inerte do filho, Sue gritou de agonia. Em seguida, começou a orar.

A família chamou os paramédicos e, quando eles chegaram, Sue foi lá para cima. “Telefonei para um pastor de minha igreja em Palestine”, ela diz, “e contei a ele que precisávamos de um milagre naquele momento. Jason estava sem batimento cardíaco havia quase uma hora, mas eu sabia que Deus podia fazer qualquer coisa que ele decidisse fazer.” Após o telefonema, Sue deitou-se no chão do quarto e orou. Tudo o que ela conseguiu ter força para dizer foi “Jesus, Jesus”.

Alguns minutos depois, uma das filhas de Sue veio avisá-la que os paramédicos haviam conseguido fazer o coração de Jason começar a bater

novamente. “No mesmo instante, eu me enchi de paz”, Sue conta. “Tive Jason aos 41 anos de idade, depois de meus três filhos mais velhos estarem quase adultos. De algum modo, eu sabia que Deus não havia me dado aquela bênção tardia só para que meu filho me fosse tirado.”

O Herman Hospital enviou seu helicóptero Life Flight [Voo pela Vida] para levar Jason à UTI. Assim que Sue chegou lá de carro, os médicos estavam apresentando um quadro pessimista. “Eles disseram que quando o cérebro fica sem oxigênio de três a seis minutos, os danos começam”, ela explica. Jason estava clinicamente morto quando chegou ao hospital, e os médicos achavam que, se sobrevivesse, ele ficaria paralisado e com sérias lesões cerebrais.

“Não. Vocês vão ver”, Sue lhes disse. “Jason vai sair deste hospital andando com as próprias pernas.”

Os médicos olharam uns para os outros. É óbvio que a mãe daquele menino ainda não podia assimilar o que havia acontecido. Eles decidiram não explicar mais nada sobre as terríveis consequências que ela teria pela frente.

Jason, em coma e ainda considerado clinicamente morto, foi colocado nos aparelhos. Na quinta noite, ele contraiu pneumonia, e o pessoal do hospital achava que o fim estava próximo. Agarrando-se à esperança que sentiu no quarto, Sue telefonou para os pastores de uma igreja local em Houston e pediu que fizessem uma visita a seu filho. Eles foram e ungiram Jason enquanto Sue e sua família esperavam no corredor.

“Sra. Hardy?”, um dos presbíteros apareceu na porta. “Os olhos do seu filhinho estão se mexendo.” A criança de três anos havia acabado de fazer xixi na cama. Seu cérebro estava aparentemente despertando!

Jason não só saiu andando do hospital vinte dias depois, como também logo começou a conversar. Sete meses depois do terrível acidente, seu médico declarou que ele estava perfeito. Hoje, Jason é um menino bonito, ativo e completamente normal em todos os sentidos. Sue dá graças a Deus todos os dias pelo milagre poderoso que ele realizou. E talvez por alguma proteção extra também...

Por ter apenas três anos, Jason era muito novinho para dizer por que foi até a piscina e como caiu na água. Com o passar dos anos, Sue imaginou que ele não se lembrava de nada, a não ser daquilo que a família lhe contava sobre o acidente e a hospitalização. No entanto, uma noite, quando Jason tinha seis ou sete anos, ele estava assistindo a um programa de

televisão quando passou uma cena de uma piscina. “Estava escuro lá embaixo daquela piscina”, disse ele de repente.

Sue imediatamente ficou de orelha em pé. Ele estava se lembrando de alguma coisa sobre o acidente? “Conte para mim como foi”, ela disse.

— Estava escuro — o menino repetiu —, mas o anjo ficou comigo.

— O anjo, Jason?

— Aham. Ele ficou lá para eu não sentir medo.

Foi só isso que Jason falou sobre seu resgate milagroso. Mas, para sua família, é suficiente.

## VIGIA NO BOSQUE

*A presença de um anjo é um aviso. Mesmo quando um anjo cruza nosso caminho em silêncio, Deus nos diz: “Eu estou aqui. Eu estou presente em sua vida.”*

Tobias Palmer, *Um anjo em minha vida*

São João Bosco, como diz a tradição, muitas vezes foi importunado por valentões que ameaçavam agredi-lo quando ele passava por eles para cumprir sua missão de servir aos pobres. Por fim, um cachorrão preto que parecia feroz começou a aparecer ao lado de São João e acompanhá-lo pelas zonas de perigo. Quando São João chegava a um lugar seguro, o cachorro desaparecia. Talvez os anjos da guarda nem *sempre* estejam disfarçados de pessoas...

\*

Barbara Johnson concluiu seu treinamento em enfermagem geral no Royal Adelaide Hospital, na Austrália. Trabalhou seis meses em Melbourne e depois foi para Sidney a fim de ser treinada como parteira no St. Margaret's Hospital.

O irmão de Barbara e a esposa moravam em um bairro residencial de Sidney, por isso, em seu primeiro dia de folga, Barbara pegou o trem para visitá-los. Todos tiveram um dia agradável, e Barbara saiu por volta das 21h para fazer a viagem de volta.

“Eu estava toda orgulhosa”, ela admite. “Embora eu tenha conhecido bem o sistema de metrô mais tarde, aquela era a primeira vez que eu viajava por baixo da cidade. No entanto, encontrei meu caminho de volta e descii no ponto certo.” Com confiança, ela subiu até uma rua bem iluminada e decidiu cortar caminho por um parque.

Barbara não estava preocupada quando começou sua caminhada. “Já andei em cidades à noite e aprendi que se deve manter um ritmo animado,

mas não apressado, assim quem observa não pensa que você está com medo.” De modo firme, ela seguia seu caminho, e só depois de alguns minutos foi que percebeu que lá dentro do parque estava extremamente escuro e que a Oxford Street e o hospital estavam muito mais longe do que ela havia imaginado.

Não havia mais ninguém no parque, pelo menos ninguém que ela pudesse ver. Contudo, Barbara teve a sensação de que estava sendo observada. De vez em quando ela via um brilho nas sombras, como a ponta de um cigarro aceso. Seu coração começou a bater forte. Ela estava em perigo? Se alguém a agarrasse à força e a empurrasse para o meio do mato aqui, ela poderia fazer pouca coisa para se defender. Mas, se corresse, ela poderia se perder no escuro ou cair e se machucar.

Não havia outra opção senão continuar a andar. Barbara acelerou os passos e ficou olhando para frente, com os olhos fixos naquele brilho distante, os postes de luz que sinalizavam segurança...

Ela estava quase na metade do parque quando percebeu que algo se movia à sua direita. Ah, não! Como se tudo já não fosse assustador o suficiente, havia um grande pastor alemão branco bem a seu lado.

“Os cães desta raça me davam muito medo, porque a polícia os usava como cães de guarda”, diz Barbara. “Eles eram conhecidos como cães ferozes.” Muito nervosa, ela olhou ao redor à procura do dono do cachorro, mas o parque estava deserto. O que ela faria se o cachorro a atacasse? Barbara imaginou-se caída no chão sujo, sangrando, vulnerável aos ataques tanto de um homem como de um animal. Seu coração disparou ainda mais.

Curiosamente, o cachorro parecia tudo, menos raivoso. Ele simplesmente andava a seu lado como se fosse dela. Barbara diminuiu os passos, esperando que a fera peluda a passasse, mas o cachorro diminuiu o ritmo também. Então ela parou. “*Vai embora, cachorro.*” Timidamente, ela tentou espantá-lo. “*Vai embora, agora!*”

Mas o cachorro parou também, como se estivesse fincado naquele lugar, e olhou para ela. Seu comportamento não mudou — ele não se agitou nem reagiu, simplesmente *ficou parado* ali, como um guarda obediente designado para ela.

Barbara não viu outra opção senão continuar a andar, e foi o que fez, quase começando a correr quando chegou às luzes acolhedoras da Oxford Street. O cachorro continuou a seu lado enquanto ela dava uma olhada na

rua para ver o movimento dos carros. Será que ele ia atravessar a rua atrás dela?

Mas, assim que pôs os pés para fora da calçada, Barbara olhou para a direita mais uma vez. O cachorro havia ido embora.

Aliviada, Barbara correu para o dormitório do hospital e preparou para si uma xícara de chá na cozinha.

— Você parece exausta — disse uma das enfermeiras.

— Tive uma experiência traumática — Barbara explicou — Cortei caminho pelo parque há pouco...

— Você entrou no parque à noite? — outra enfermeira interrompeu. — Ah, você é nova aqui e não sabia, mas muitos crimes acontecem naquele parque!

Espantadas com o fato de ela ter se aventurado em uma área perigosa e mal iluminada depois de escurecer, as duas enfermeiras contaram uma história de horror após outra, e Barbara relembrou com consternação o brilho dos cigarros nas sombras. Ah, o que poderia ter lhe acontecido! Deus provavelmente estava cuidando dela...

“E, de repente, uma sensação de ter muitos anjos envolta se apoderou de mim, e eu soube, sem sombra de dúvida, que o cachorro tinha sido um deles”, diz Barbara. “Simplesmente não há outra explicação para ele ter aparecido, seu comportamento e seu desaparecimento súbito. Senti-me grata porque Deus optou por ter tido esse cuidado especial comigo e porque ele sempre esteve pronto para nos proteger, mesmo de nossos próprios atos impensados.”

Barbara, por fim, foi trabalhar na Nova Guiné, onde conheceu seu marido norte-americano. Mais tarde, ela o acompanhou até Wisconsin, onde a família mora agora. Ela nunca mais viu aquele anjo, mas lhe deu o nome de Guiseppe, e mantém um vínculo com ele que tem perdurado ao longo dos anos.

## OS PROTETORES SILENCIOSOS

*Os anjos guardam seus lugares antigos...  
Viram uma pedra e movem o dorso!  
Sois vós, são vossos rostos amigos  
que perdem o que há de mais esplendoroso.*

Francis Thompson, "The King Of God" [O Reino de Deus]

*Impulsos.* Eles não são apenas intuição? Às vezes. Mas as seguintes histórias sugerem algo mais específico em ação.

Como um homem de negócios que viajava muito, Frank frequentemente ficava longe de casa por uma semana inteira, voltando somente no sábado. Muitas vezes, ele enviava um anjo cuidar da jovem família em sua ausência.

Em uma sexta-feira à tarde, por volta das 17h, Frank teve uma forte sensação de que havia algo em casa. *Anjo, vá aonde está minha família e a proteja*, ele orou. A preocupação imediatamente foi embora.

No dia seguinte, Frank chegou em casa.

— Como foram as coisas enquanto eu estava fora? — ele perguntou à esposa enquanto ainda se lembrava daquele momento angustiante e estranho.

— Ah, Frank, quase tivemos uma tragédia! — a esposa exclamou. Ela tirou os olhos de Timmy, o filho de quatro anos do casal, por apenas alguns segundos, e a criança saiu correndo para a rua. Naquele momento um carro vinha correndo na rua na direção do menino. Apavorada, a esposa de Frank viu que jamais conseguiria alcançar o filho a tempo.

Mas, quando o carro estava a nove metros de distância, o motorista viu a criança e pisou no freio com tanta força que o carro girou duas vezes na pista e depois parou bem em frente de Timmy, que ficou onde estava, paralisado de medo. O motorista, em vez de extravasar sua raiva, saltou do carro e gritou: "Foi um milagre! Foi um milagre eu ter conseguido parar a tempo!"

— A que horas isso aconteceu? — perguntou Frank, abalado.

— Ontem — a esposa respondeu. — Exatamente às 17h.

\*

A irmã Martha teve uma experiência similar. Ela estava de serviço à noite em um hospital e teve de ir ao subsolo para pegar alguns remédios dentro do *freezer*. Enquanto examinava as prateleiras, a porta do *freezer* se fechou inesperadamente.

“Ah, não!”, a irmã Martha resmungou, apavorada. Não havia trava de segurança no *freezer*, e ela ficou trancada lá dentro.

Naquela hora, tarde da noite, era inútil gritar, pois ninguém iria ouvi-la. Então, em vez de fazer isso, a irmã Martha começou a rogar que os anjos a ajudassem. “Minha maior preocupação era que os pacientes de minha ala ficariam sozinhos a noite toda”, ela diz hoje. “O risco de morrer congelada ainda não havia passado por minha cabeça.”

Pouco tempo depois, a irmã Martha ouviu algo do outro lado da porta. Antes que ela pudesse gritar, o trinco virou e a porta se abriu. Do outro lado estava uma das irmãs da enfermagem.

Surpresas, as mulheres ficaram se olhando. A irmã Martha estava impressionada com o fato de sua oração ter sido respondida tão rapidamente. Mas sua companheira estava ainda mais chocada.

“Eu tinha ido para a cama”, explicou a outra freira, “mas fiquei com o pressentimento de que deveria descer até o subsolo e me certificar de que tudo estava em ordem.” Ela tentou ignorar o aviso, mas, por fim, como ele não desaparecia, ela cedeu. “Eu só abri a porta do *freezer* para dar uma última olhada”, ela disse à irmã Martha. “Eu não fazia ideia de que havia alguém preso aí dentro.”

\*

Andrew Smith estava caçando com um amigo, Joe (esses não são seus verdadeiros nomes), em uma parte coberta de mata e inexplorada do Condado de Jefferson, no estado de Missouri, a 56 km ao sudoeste de St. Louis. Era um dia frio e sombrio de final de outono.

Andrew é do tipo que gosta muito de ficar ao ar livre e é completamente ligado a procedimentos de segurança. Ele jamais manusearia sem cuidado uma arma ou deixaria que outra pessoa fizesse isso. Ele nunca havia

caçado com Joe antes, embora os dois às vezes pescassem juntos.

“Há várias coisas ‘óbvias’ quando o assunto é manusear armas de fogo”, explica Andrew. “Nunca se deve apontar uma arma para qualquer outra coisa que não seja aquilo em que se quer atirar. Quando dois caçadores andam lado a lado com as armas engatilhadas, cada um deles aponta sua arma para um lugar bem afastado do outro. Quando um está andando com uma arma carregada, o dispositivo de segurança deve ser acionado para evitar que um tiro seja disparado por acidente. Não se deve andar com o dedo no gatilho. Quando o indivíduo estiver caçando ou fazendo outra coisa com uma arma de fogo na mão, ele deve estar sempre atento para as atitudes e os movimentos dos outros em relação a ele mesmo.” Essas regras eram naturais para Andrew e, pelo que imaginava, para Joe também.

Os dois caçaram no perímetro de um lote de campos pequenos e mata fechada e voltaram para o carro lá no alto de uma estrada esburacada. Joe estava à direita de Andrew com a arma devidamente engatilhada e apontada para longe de Andrew.

“Uma consciência inata dos fatores de segurança foi provavelmente o que me alertou para a possibilidade de que Joe tivesse mudado a posição de um modo sutil”, Andrew lembra. “Dei uma olhada para a direita e vi que a arma de Joe que agora estava engatilhada estava voltada para o lado errado, com a boca apontando para minha cabeça. Eu estava pronto para pedir que ele voltasse a arma para a posição certa. Sob circunstâncias normais, era o que eu teria feito.”

Em vez disso, Andrew ouviu uma voz dentro de sua cabeça. Não era uma voz conhecida, e ele soube de imediato que ela não foi ouvida, porque Joe não ergueu os olhos nem reagiu ao som. E, mesmo assim, ela foi tão alta e tão clara, e mergulhou fundo em sua consciência, como se quem falasse estivesse em pé à esquerda de Andrew.

E talvez quem falou estivesse, pois disse: “Andrew! Dê dois passos rápidos para frente.”

Andrew normalmente não respondia aos outros sem questionar, mas obedeceu no mesmo instante. Andrew havia acabado de dar o segundo passo quando a arma de Joe disparou bem no lugar onde ele estava.

Os dois ficaram impressionados com o tiro quase certo.

— O que aconteceu? — perguntou Andrew, abalado.

— Eu não sei — Joe respondeu, assustado, fazendo um não com a

cabeça.

— Você acionou o dispositivo de segurança?

— Eu *achava* que sim. E meu dedo, certamente, não estava no gatilho.

— Provavelmente estava. E por que a arma estava apontada para mim?

Joe não tinha resposta. Ele estava desnorteado e com vergonha do que pareciam ser três violações inconscientes das normas de segurança. Como uma coisa assim pôde ter acontecido? Os homens nunca conseguiram chegar a uma explicação satisfatória.

“Em muitas ocasiões, percebi que estava em situações de perigo”, Andrew reflete. “Às vezes não conseguia reagir rápido o suficiente em um ou outro ferimento. E nunca tive nenhuma indicação de que estou livre das consequências de meu próprio descuido ou lapsos de atenção.

“Mas será que foi apenas por acaso que tive, uma vez na vida, uma compulsão repentina de me afastar de uma arma?” Normalmente Andrew é capaz de encontrar explicações naturais para acontecimentos inesperados. Mas aquele incidente vai além dos limites da coincidência. Ele concluiu que foi uma intervenção direta de um anjo a seu favor.

Em nenhum dos episódios anteriores ou similares que as pessoas compartilharam os envolvidos *veem* seres bondosos. “Seria difícil — sim, impossível — ‘provar’ que algo sobrenatural estava em ação”, um deles escreveu. “Se eu acredito que fui tocado e protegido? Sim! Ah, mil vezes sim!”

## CÍRCULO SILENCIOSO

*Em torno de nossos travesseiros, escadas douradas se erguem. E, subindo e descendo se elevem, com sandálias aladas nos pés, os anjos vêm e vão, os mensageiros dos Céus!*

R. H. Stoddard, "Hymn To The Beautiful" [Hino ao belo]

Viola Rockett sempre foi uma pessoa responsável, formando-se em sua pequena escola de ensino médio em Charleston, no Mississippi, em três anos com uma média de 95%. Apaixonar-se e casar-se aos dezenove anos foi um desafio, mas ela lidou com suas novas responsabilidades com a maturidade e o bom senso de sempre. "Eu nunca me assustava ou ficava desconfiada com facilidade", ela explica. "Conheci Deus aos treze anos e sempre tive uma fé muito firme depois disso."

No entanto, a vida com seu jovem marido, A. J., não era fácil. Era difícil encontrar trabalho na região em que eles moravam no Mississippi. Duas filhas nasceram durante aqueles anos, apertando ainda mais o orçamento da família.

Quando Viola estava com 25 anos, o casal mudou-se para Mathiston, uma cidadezinha no Mississippi com apenas algumas lojas e uma agência de correio. A. J. consertava e vendia carros usados para sustentar a família, por isso ele alugou uma velha oficina e funilaria, repleta de carros desmontados, ferramentas e sucata, um local fácil de ser arrombado, se houvesse alguma coisa que valesse a pena roubar.

Uma sala que antes era de autopeças estava ligada à funilaria. "Duas das paredes eram de vidro do chão ao teto, como vitrines, com persianas de alto a baixo", Viola descreve. "A única lâmpada pendia na parte da cozinha, com um cordão para acendê-la ou apagá-la." Era nessa sala que a família morava.

Viola nunca havia ficado tão isolada. A. J. ficava fora várias noites por semana, comprando e vendendo carros, e lá estava ela, sem telefone e longe do apoio de familiares e amigos. Viola esforçava-se para ser corajosa,

mas, à noite, a sala era, sobretudo, assustadora. Ela se sentia vulnerável com aquelas janelas compridas à frente, mesmo com as persianas fechadas. Todos na cidade sabiam que ela sempre ficava sozinha à noite. O que ela faria se alguém tentasse arrombar a casa? Como ela poderia proteger a si mesma e às filhas?

Uma noite, sozinha com as meninas, Viola acordou com um medo irracional e terrível. Ela não havia tido um pesadelo. Na verdade, não parecia haver razão para o pavor que abruptamente tomou conta dela, mas ela sentiu um grande perigo ao redor. “Fiquei com tanto medo de que houvesse realmente alguém ou alguma coisa *no* quarto com a gente”, ela diz, “e eu sabia que teria de encontrar a coragem para sair da cama, atravessar a sala, encontrar o cordão da lâmpada pendurada e acender a luz.”

Qualquer pessoa que já tenha sofrido um ataque de pânico sabe como foi difícil para Viola se mexer. Com o coração batendo forte e apavorada como nunca havia ficado na vida, ela conseguiu atravessar a sala, tropeçando, e encontrar o cordão. Mas, quando ela acendeu a luz e olhou à sua volta, nada parecia estar errado. A sala sombria aparentemente estava do mesmo jeito.

E, mesmo assim, em vez de alívio, veio novamente o medo, uma onda incrível, e Viola se convenceu de que o perigo, naquele momento, estava bem ali do lado daquelas janelas fechadas, tão perto que ela quase podia tocá-lo. Se corresse para pedir ajuda lá fora, ela se atiraria no que quer que fosse que estivesse ali. Mas, se ficasse lá dentro, ela teria pouca chance de impedir que o intruso entrasse, não com a estrutura frágil e deteriorada da casa. Sem saber o que fazer, Viola ajoelhou-se no meio daquele cenário sombrio. “Deus, ajude-nos”, ela clamou. “Obrigada por seu amor e seu cuidado. Por favor, proteja-nos agora.”

Ela ergueu os olhos. De repente, mesmo com as persianas fechadas, ela as viu se dissolverem das janelas. E, do lado de fora de cada uma das dez ou doze vidraças, ela viu um grande vulto descer devagar e dobrar as asas. “Nada parecia ser um sonho ou estar em câmera lenta. Foi tudo muito normal”, ela diz. A não ser o fato de que eram anjos!

Olhando para fora e de costas para ela, aqueles seres impressionantes eram tão altos que a cabeça deles passava da janela, e ela não podia vê-los. Mas ela podia ver as asas dobradas nas costas enquanto cada um lentamente se colocava em sua posição. Uma falange de guardas celestiais

havia sido enviada para protegê-la em resposta à sua súplica. Como Deus a amava! Era inacreditável.

A visão durou apenas alguns minutos. Enquanto os olhos arregalados de Viola passavam de um vulto para outro, as persianas, de repente, reapareceram e, mais uma vez, cobriram a vidraça. Viola e as filhas estavam sozinhas na sala. E, contudo, ela soube que elas nunca estariam sozinhas.

Viola nunca descobriu o que ameaçava a ela e às filhas naquela noite. Entretanto, ela não se lembra de ter ficado com medo com frequência nos trinta e poucos anos que se passaram. “Deus concedeu-me a graça de ver o que é real, que ele nunca nos abandona”, Viola diz. Desde então, o presente comovente de Deus a tem sustentado.

# UMA CRIANÇA SORRIDENTE

*Com o silêncio apenas como sua bênção  
Vêm os anjos de Deus  
Aonde, à sombra de uma grande aflição,  
A alma descansa calada.*

John Greenleaf Whittier

*"To My Friend On The Death Of His Sister"*

[Para meu amigo sobre a morte de sua irmã]

Gretchen e seu marido, Fred, tiveram um casamento longo e feliz, mas faz pouco tempo que Fred morreu. E, mesmo Gretchen tendo um filho e quatro netos que a amam muito, não é fácil se recuperar de uma perda importante como essa.

Durante os primeiros meses, Gretchen ficou paralisada com a dor e foi incapaz de chorar. Contudo, ela passou da fase de choque inicial e, agora, ao que parecia, tudo o que ela fazia era chorar. "Eu estava começando a ter receio de encontrar alguém", ela lembra, "porque tinha muito medo de desabar a chorar no meio de uma conversa qualquer." As pessoas foram muito generosas, mas Gretchen não queria que ninguém tivesse pena dela e não queria que sua tristeza deixasse os outros constrangidos.

Nesse domingo, Gretchen foi à igreja sozinha e escolheu um banco vazio para se sentar. Não vendo nenhum rosto familiar, ela ficou aliviada. Pelo menos, se sua angústia ameaçasse oprimi-la, ela poderia liberá-la tranquilamente.

Ao se sentar no banco, ela pensou novamente em Fred, e ondas de desolação e tristeza atravessaram sua alma. "Eu mal conseguia engolir o choro", ela diz. Era difícil resistir a um choro contínuo assim. Ele teria fim? Em outro momento, ela chorava...

De repente, um menino entrou e sentou-se no banco ao lado de Gretchen. Em meio às lágrimas, ela olhou para ele. Ele tinha cabelos

castanhos claros, estava bem vestido em um pequeno terno marrom e parecia ter cerca de seis anos de idade. E ele olhava para ela do modo mais familiar possível, como se a conhecesse.

Foi estranho. As crianças raramente vão sozinhas àquela igreja em particular, principalmente tão cedo. Onde poderia estar a família dele? Ainda mais estranho era o fato de que, mesmo tendo apanhado o livro de orações para ler, o menino foi pouco a pouco se aproximando de Gretchen. “Ele foi se aproximando cada vez mais, como quem não queria nada. Ele lia o livro, depois erguia os olhos, atraía minha atenção e sorria. Sua atitude em geral deixou claro que ele tinha vindo me fazer companhia.” Que criança adorável!

Enquanto o menino se achegava a Gretchen, outra coisa começou a acontecer. Ela sentiu o coração aliviado. De algum modo, embora não tivesse acreditado que uma coisa como aquela fosse acontecer novamente, ela começou a se sentir feliz. Era apenas uma emoção passageira, um rápido beijinho, mas ela sentiu.

E ela se sentiria feliz novamente. Ela sabia disso agora sem sombra de dúvida. “Há um tempo para chorar e um tempo para dançar...” Gretchen ainda chorava muito, mas o amor e a doçura no semblante do menino deram-lhe um vislumbre de um tempo melhor que ainda estava por vir.

Mas quem era aquela criança? Gretchen olhou para o menino e, mais uma vez, ele sorriu para ela daquela maneira íntima e comovente. Ela *provavelmente* o conhecia... Por que ele estaria se comportando daquela forma? É claro! Provavelmente era filho de uma vizinha ou amiga mais jovem que, sabendo da perda de Gretchen e vendo-a sentada sozinha, mandou o filhinho até lá para dividir o banco com ela. Gretchen teria de agradecer aos pais do menino pela consideração. Ela veria para onde a criança iria depois do culto.

Ao final do culto, Gretchen e o menino saíram do banco e foram para a porta da frente. Havia pessoas ao redor deles, mas não era uma multidão, e a criança estava bem ao lado de Gretchen. “Como você se chama?”, ela perguntou. “Eu conheço sua mãe?”

Mas, em vez de responder, ele olhou para ela para dar um último sorriso. E, depois, enquanto Gretchen observava a multidão para ver se alguém procurava o menino, ele desapareceu. Ele estava lá e, então, simplesmente já não estava. Gretchen não viu quando ele se foi, mas, quando olhou para baixo, o espaço a seu lado estava vazio.

“Continuei a procurar por ele entre as pessoas até que todos saíram, porém nunca mais vi o menino de novo, nem encontrei alguém que o conhecesse ou o tivesse enviado.”

Mas, depois daquele domingo, Gretchen nunca mais se sentiu tão sozinha novamente. Aos poucos, parece que ela foi se dando conta da verdade de que uma criança comum, ainda que simpática, não a teria deixado animada daquela maneira misteriosa e acolhedora. Em vez disso, a criança foi enviada por alguém que entendia seu sofrimento e estava estendendo as mãos para consolá-la e curá-la.

## O MENINO DE TERNO AZUL

*Não houve estrela que pudesse ser enviada... para curar aquele filho único?*

Emerson, "Threnody" [Trenodia]

Michael Sullivan, de Howard Beach, Nova York, é autor de *Joy to My Youth* [Alegria para minha juventude], um livro de memórias que ainda não foi publicado sobre uma infância feliz na década de 1920. Quando ficou sabendo de meu projeto sobre os anjos, ele generosamente permitiu que eu recontasse e compartilhasse a seguinte experiência de seu livro:

Michael acordou febril e enjoado na manhã do dia de sua crisma, em 1925. Mas ele não podia perder aquele grande evento! A paróquia de São Bartolomeu, em Elmhurst, fazia parte da diocese do Brooklyn e, naquela época, o bispo ministrava a crisma ali a cada quatro anos. Se Michael tivesse de ficar em casa naquele dia, ele só poderia receber o sacramento quando tivesse catorze anos.

Relutante, o pai de Michael decidiu deixá-lo ir, e sua irmã mais velha, Mary, ajudou o menino de dez anos a se vestir e foi com ele até a igreja. Ela não pôde ficar porque havia tantas crianças para receber a crisma que a igreja não podia comportar nenhum familiar ou alguém desejando sucesso.

Michael ficou na fila com os outros, entrou devagar na igreja e sentou-se no lugar determinado para ele no banco, como havia ensaiado. O bispo, usando vestes douradas e uma grande mitra também dourada, sentou-se em uma cadeira especial no centro do altar, cercado de sacerdotes. Era uma visão impressionante.

O órgão tocou. Finalmente, os meninos no banco de Michael saíram em fila e atravessaram o corredor. "Eu estava contente por ter de andar pouco", ele diz, "porque meus joelhos estavam tremendo."

Delicadamente, o bispo tocou no rosto de Michael e pronunciou as palavras do sacramento. Em seguida, Michael voltou para se ajoelhar no banco, como havia sido instruído. Mas todo o seu corpo doía... e era longa a

fila de meninos ainda se aproximando do altar... A luz das velas parecia embaçada, e o bispo estava desfocado também... Michael desmaiou e caiu no meio do banco.

Quando recuperou os sentidos, Michael estava sentado em uma cadeira de carvalho na sacristia, uma sala pequena atrás do altar. O padre, que estava colocando sais debaixo do nariz de Michael para despertá-lo, parecia aliviado. “Você vai ficar bem agora”, ele disse. “Fique sentado aqui e descanse um pouco.”

Abriram uma janela, e uma brisa suave de abril entrou na sacristia. O padre voltou para a cerimônia, deixando Michael com o porteiro que o carregou até lá. “Você está se sentindo melhor?”, perguntou o porteiro depois de um tempo.

Michael fez que sim com a cabeça. “Eu acho que sim.”

“Você não precisa esperar até o fim da cerimônia”, o porteiro chamou a atenção. “Você acha que pode ir para casa?”

Michael pensou que pudesse. Calmamente, ele saiu por uma porta lateral e, com cuidado, caminhou pela viela e atravessou a rua para pegar um atalho que cortava diagonalmente um terreno baldio. Ele conhecia bem este caminho – ele o fazia todos os dias para ir à escola.

Mas, hoje, o caminho parecia uma estrada longa e sinuosa. Cada passo era um esforço, e o corpo de Michael começou a doer novamente, assim como aconteceu quando ele tentou se ajoelhar na igreja. “Eu me lembrei das instruções da freira de que o Espírito Santo viria sobre nós no sacramento da crisma e nos daria força”, diz Michael. “Esse pensamento teve um efeito relaxante, e eu consegui chegar à metade do caminho antes de perceber que não conseguiria ir até o fim.”

Ele se virou e olhou para a paróquia de São Bartolomeu lá atrás na esperança de que a cerimônia tivesse acabado e seus amigos saíssem e o encontrassem. Mas não havia ninguém em lugar algum. Ele começou a se sentir tonto e fraco, exatamente como havia se sentido pouco antes de desmaiar. Desesperado, olhou de um lado para o outro à procura de uma pedra para se sentar ou um pedaço de grama limpa para se deitar.

Naquele momento, mesmo não havendo ninguém à vista, um menino de terno azul apareceu a seu lado. Ele era mais velho e mais alto do que Michael, mas tinha um rosto simpático. Michael ficou feliz em vê-lo. “Você acabou de receber a crisma?”, ele perguntou.

“Não”, o menino disse com um sorriso. Ele parecia emanar força, e o

enjoo de Michael passou. O menino começou a andar pelo caminho e, automaticamente, Michael se pôs ao lado dele. O caminho não parecia tão longo agora.

O menino falava com entusiasmo, e os dois discutiram muitos assuntos. “Minha cabeça ainda estava confusa, e eu não conseguia reconhecê-lo, mas ele, sem dúvida, me conhecia e sabia tudo sobre mim”, diz Michael. “Ele sabia que minha mãe já não era mais viva. Ele conhecia minhas duas irmãs e sabia que meu pai era um homem maravilhoso.”

Quando eles saíram do terreno e entraram na Lamont Avenue, Michael falou para o menino sobre o grande acontecimento de sua vida. Seu pai o havia levado ao segundo jogo da World Series, em 1923. Babe Ruth bateu dois *home runs*, e os Yankees venceram os Giants por quatro a dois.

O menino ouviu e parecia saber tudo sobre o jogo. Ele sabia que John McGraw havia tirado Hughie McQuillan, o lançador inicial, e colocado Jack Bentley. Sabia que Irish Meusel, irmão de Bob Meusel, dos Yankees, havia batido um *home run* para os Giants.

O sol atravessava as árvores em pleno crescimento. Havia alguma coisa no sol, nas árvores verdes da primavera e na companhia cálida daquele menino que fazia com Michael se sentisse mais forte a cada passo. Eles chegaram à esquina. “Só falta mais um quarteirão para você”, o menino disse, olhando na direção da casa branca com telhado triangular à distância.

“É verdade”, Michael disse, examinando o rosto de seu companheiro pela primeira vez. Os olhos do menino brilharam. Ele atravessou a rua e foi na outra direção, virou-se, sorriu e acenou para Michael. Enquanto ele acenava, uma luz difusa contornou seu corpo.

Um caminhão de entrega passou entre os dois. Michael esperou o caminhão passar para que pudesse acenar para o menino. O caminhão passou, mas o menino de terno azul já não podia mais ser visto.

Michael percorreu correndo o último quarteirão que faltava para chegar em casa e não teve coragem de contar a ninguém sobre seu companheiro. Durante os dias seguintes, ele fez uma busca no bairro, porém nunca mais viu o menino de terno azul.

Ele sabia que não veria. Enfim, não nesta vida.

## ESTRANHOS EM APUROS

*Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos.*

Hebreus 13:2

*Michelle* Bove é uma pessoa afetuosa e simpática, mas sempre foi medrosa. Ela, o marido e três filhos pequenos moram em uma parte agradável de Manhattan Beach, no Brooklyn, em Nova York, a cerca de um quarteirão de distância da praia, uma área onde poucos indigentes se concentram.

Em uma noite de inverno, enquanto voltava de carro de uma reunião para casa, Michelle começou a orar para que pudesse vencer seu medo. Mas ela não esperava que seu pedido fosse atendido tão rápido! Quando chegou em casa e começou a virar o carro para entrar na garagem, ela viu duas pessoas em pé no meio da rua. Michelle ficou preocupada, uma vez que os estranhos estavam impedindo sua passagem, mas saiu e perguntou o que eles queriam.

O homem mais velho e bem vestido, sem dúvida, não parecia um morador de rua. Contudo, ele pediu que Michelle ajudasse sua companheira, uma mulher com seus trinta e poucos anos.

“Do que você precisa?”, Michelle perguntou à mulher.

“Um lugar para dormir”, a mulher respondeu calmamente. Sua roupa estava esfarrapada, mas ela parecia ser inteligente e tinha os olhos azuis mais lindos que Michelle já tinha visto. Michelle hesitou e depois se virou para o homem, mas ele não estava mais lá! Michelle não o ouviu dar adeus nem ir embora e, mesmo olhando de um lado para o outro da rua tranquila, não havia sinal de ninguém ali.

A primeira reação de Michelle àquela situação extremamente peculiar foi um desejo de correr para a segurança de sua casa. Mas um anseio interno a impediu. Ela orou pedindo coragem, não orou? Em vez disso, ela se viu dizendo para a mulher de olhos azuis: “Por que você não vem para casa

comigo?” A mulher aceitou o convite.

Primeiro, Michelle telefonou para os hotéis locais, mas não havia quartos disponíveis. Depois ela telefonou para algumas igrejas próximas, mas ninguém podia ou iria ajudar. Michelle estava ficando nervosa. Seu marido, que estava dormindo quando ela chegou em casa, acordou e pediu que ela mandasse a mulher embora. “Ele acha que sou ingênua, que confio demais nos outros”, Michelle explica. A preocupação de seu marido também era que Michelle havia trazido uma estranha para dentro de casa, talvez colocando seus filhos em perigo, e ele queria que ela *fizesse alguma coisa sobre o assunto naquele momento*. Irritado, ele voltou para a cama, imaginando que Michelle atenderia seu pedido.

Uma vez que a casa era muito grande, Michelle, em vez disso, levou a mulher para o quarto de hóspedes no andar do porão, preparou algo para ela comer e arrumou-lhe uma cama. A visitante estava quase em total silêncio naquele momento, mas a discórdia de Michelle com o marido despertou uma reação. “Tenho tido problemas com meu marido também”, ela disse a Michelle.

— Você tem filhos? — Michelle perguntou.

— Sim, tenho dois.

— Então por que você está sozinha? Como você chegou a esta situação?

A hóspede foi evasiva. Parecia que ela estava em apuros, fugindo de alguma coisa, e a preocupação de Michelle aumentou. No que ela foi se meter? Contudo, ela não podia pedir a uma pessoa em uma situação precária como aquela que fosse embora, não no meio de uma noite fria.

Em vez disso, assim que a mulher dormiu, Michelle subiu até a cozinha, preocupada. E se a mulher tivesse a intenção de fazer mal à sua família? E se o homem que desapareceu fosse cúmplice da mulher e voltasse para roubá-los? E o que o marido de Michelle diria quando descobrisse que ela havia deixado a estranha dormir na casa deles durante toda a noite? Michelle orou, leu a Bíblia e ficou alerta.

Quando estava amanhecendo, Michelle fez um pacote com alguns alimentos e roupas de frio e anotou o nome de abrigos que não conseguiu procurar antes. Em seguida, acordou a mulher.

— Você vai *ter* de ir embora antes que meu marido se levante. Não posso levá-la de carro a lugar algum porque meus filhos logo vão precisar de mim.

— Como você se chama? — a mulher perguntou.

Michelle respondeu, colocando o pacote nos braços da mulher.

— Obrigada, Michelle — a mulher disse e sorriu. Ela parecia muito melhor, e seus olhos azuis brilharam. — Nunca vou me esquecer de sua bondade.

— Cuidado.

Michelle abriu a porta dos fundos, fechou-a assim que a visita saiu e ficou junto à janela para vê-la passar pela garagem, que era a única maneira pela qual a mulher poderia sair do quintal fechado de Michelle e ir para a rua. Michelle só se sentiria realmente segura quando a mulher passasse por ali.

Michelle esperou... e esperou... mas a estranha nunca apareceu. Assim como o homem que a acompanhava, a mulher simplesmente desapareceu.

Michelle nunca saberá ao certo por que o homem ou a jovem ficaram em frente de *sua* casa e pediram que *ela* reagisse, a despeito de seu medo. Mas ela nunca mais foi tão medrosa desde aquele dia.

\*

E, enquanto estamos pensando em Michelle, podemos considerar uma história similar, mas com a solução contrária.

Helen Griffith, que mora em Michigan, e membros de sua igreja estavam relaxando para o dia do programa de verão da escola bíblica das crianças. Oito ou nove mulheres e alguns jovens estavam à porta da sala. “Estávamos todos envolvidos em nossas atividades, recebendo o dinheiro, apanhando os materiais, rindo, comendo, superocupados...”, lembra Helen.

De repente, uma jovem pálida entrou no prédio e, hesitante, aproximou-se do grupo que estava em pé perto da porta. “Com licença”, a mulher disse, quase sussurrando. Ela parecia exausta. “As senhoras poderiam me emprestar um dinheiro para comprar gasolina?” Ela explicou que tinha de chegar a uma cidade que ficava a aproximadamente 110 km de distância. Sua fraqueza era visível, e Helen percebeu que ela estava grávida.

Alguém no grupo rapidamente arrumou uma cadeira para a jovem. Então, todos se afastaram para conversar entre eles. Helen tinha apenas alguns trocados, mas sugeriu que eles doassem parte dos fundos da escola ou fizessem uma arrecadação entre eles.

Mas uma das mulheres foi contra. “Não devemos ajudar este tipo de gente, Helen”, ela disse com firmeza. “Eles vão de igreja em igreja

aproveitando-se da boa vontade das pessoas. Bem, esta uma aí não vai arrancar nada de mim!”

Muitos outros foram concordando aos poucos, deixando-se se convencer. “Por que não a mandamos para uma das outras igrejas?”, sugeriu um deles. “Tem uma igreja não muito longe daqui que oferece assistência social. Talvez eles ajudem.”

A jovem ficou de queixo caído quando uma pessoa que falava em nome do grupo foi até ela com uma resposta negativa. Ela se levantou e saiu pisando firme pela porta lateral. No mesmo instante, a consciência de Helen começou a incomodá-la e, com isso, ela seguiu a mulher até o lado de fora, pensando em dar-lhe o que tinha na bolsa.

“Mas não havia ninguém ali”, conta Helen. “Não havia nenhum carro, nenhuma jovem... Eu estava apenas a alguns metros atrás dela, e ela, certamente, não estava andando rápido, mas não vi nenhum carro se movendo nos estacionamentos ou passando nas ruas. Ela desapareceu.”

Até hoje, Helen fica pensando se o grupo de sua igreja foi visitado por um anjo e não passou no teste da bondade. “Ela veio, pediu ajuda tranquilamente, e nós, que estávamos tão ocupados *falando* sobre amor e bondade, não *agimos* de acordo com nossos princípios”, ela diz. “Fomos hipócritas, e como eu gostaria que tivéssemos a chance de desfazer o erro que cometemos.”

Por que um anjo em forma humana apareceria em apuros? É claro que os seres celestiais não têm um marido nervoso, não têm filhos, não tem preocupações de espécie alguma! Talvez eles se tornem vulneráveis por nossa causa, para oferecer-nos uma chance de estender a mão, confiar e crescer em nossa disposição de dar.

## ANJOS COM CASSETETES

*Porque a seus anjos ele dará ordens a seu respeito, para que o protejam em todos os seus caminhos.*

Salmo 91:11

Steven Rogers era um oficial novato do departamento de polícia de Nutley, em Nova Jersey, em 1977, quando foi designado para ser parceiro de Phil. Phil não só era mais velho e mais prudente, como também era um cristão sincero. Para Steve, impulsivo e às vezes rebelde, Phil tornou-se um exemplo a ser seguido. Todos os dias, antes de seu turno, os dois oravam ou liam a Bíblia, muitas vezes recitando o Salmo 91, que nos confia aos cuidados de Deus e convoca os anjos quando estamos em perigo.

Nutley tinha um problema cada vez maior. As áreas recreativas estavam sendo invadidas por adolescentes que bebiam, usavam drogas e vandalizavam bens públicos. A polícia sabia onde os jovens se concentravam, mas, toda vez que fazia uma busca nos grupos, a maioria escapulia e não era encontrada. Aparentemente, os adolescentes tinham um esconderijo, mas onde? Nenhum dos policiais havia conseguido achá-lo.

Um dia, Steve e Phil foram designados para sair à paisana. Eles deveriam se vestir como os jovens e, conforme o esperado, descobrir o esconderijo deles e a fonte das drogas. Naquela noite, eles se posicionaram em uma área afastada coberta de mato, e ficaram observando os jovens brigando, praguejando e destruindo o patrimônio.

“O que eu vi me deu nojo”, conta Steve. “Percebi que não estávamos lidando com alguns jovens que estavam ‘se divertindo’, mas com muitos viciados em drogas assumidos, totalmente fora de si. Muitos chamavam por Charles Manson ou faziam atos obscenos. Se aquele comportamento se espalhasse, poderia ameaçar a cidade inteira.”

Parecia que a principal fonte das drogas era um jovem que os policiais apelidaram de Figurão, por causa de sua aparente influência emocional sobre o grupo.

No dia seguinte, os policiais foram ao local da reunião, oraram pedindo direção e começaram a inspecioná-lo aos poucos. O caminho levou a uma caverna ardidosamente escondida. Lá dentro, os policiais encontraram pílulas, bebidas alcoólicas, materiais pornográficos e maconha. Era ali que muitos jovens esquivavam-se da polícia. Os policiais decidiram que naquela noite fariam uma busca na caverna.

Antes de seu turno, eles pediram mais reforços, mas ficaram sabendo que iriam sozinhos. Como dois policiais poderiam enfrentar sozinhos um bando de jovens agressivos? Mais uma vez, os homens oraram o Salmo 91. Depois eles foram em direção a uma multidão que já estava se reunindo em um aterro perto da estrada de ferro. Eles perceberam que o Figurão estava lá. “Queríamos detê-lo primeiro, porque achamos que muitos dos jovens suspenderiam suas atividades ilegais se ele não estivesse por perto”, explica Steve.

Mas, quando eles se aproximaram, uma menina os reconheceu. “Tiras!”, ela gritou. A multidão se dispersou. Steve e Phil foram atrás da menina, pegaram-na e pediram uma equipe de apoio. Eles sabiam que, naquela altura, alguns dos outros estariam escondidos na caverna.

A despeito do fato de estarem irremediavelmente em número menor, eles encontraram o caminho para o esconderijo e foram com ousadia até a entrada. “Parados!”, gritou Steve, e nem uma única pessoa na caverna se moveu. Steve passou os olhos correndo pelo grupo. Eram, no mínimo, doze deles. E eles capturaram o Figurão!

Phil foi até o Figurão e pediu o embrulho que ele estava segurando. De mansinho, o jovem entregou-lhe um saco de pílulas. Steve reuniu outras provas, leu os direitos de todos e depois ficou ali desnorteado, olhando para o chão da caverna forrado de adolescentes submissos que poderiam ter facilmente dominado os dois policiais. Por que eles não vieram para cima dos dois?

O camburão parou e, enquanto eles tiravam os presos da caverna, Steve virou-se para o Figurão:

— Por que você ou os outros não tentaram nos atacar quando chegamos?

— Você acha que sou louco ou algo parecido? — perguntou o Figurão. — Havia, pelo menos, vinte caras de farda azul, e teria sido burrice pensar em lutar ou correr.

—Vinte? Não, só estávamos nós dois.

— É? — O Figurão gritou para outra jovem presa. — Belinda, quantos  
tiras entraram na caverna?

Belinda deu de ombros.

— No mínimo, 25.

Foi aí que Steve se lembrou das palavras que ele e Phil recitaram tão  
fielmente: “Você não temerá o pavor da noite... porque a seus anjos dará  
ordens a seu respeito...”

Durante os nove meses que se passaram depois de Steve e Phil terem  
sido designados para aquela missão especial, eles fizeram 250 prisões —  
mais que o total do departamento no ano. Os pontos antes ocupados por  
viciados em drogas e vândalos ficaram desertos, e os bairros de Nutley se  
expandiram. Toda vez que alguém elogiava os policiais por seus feitos, eles  
davam crédito a Jesus por tê-los protegido e ajudado a solucionar os  
crimes.

Jesus... e um grupo especial de farda azul.[22](#)

# GOVERNANTA CELESTIAL

*Minha irmã será um anjo ministrador.*

Shakespeare, *Hamlet*

A mãe de Raymond Herzing, Mag, uma imigrante da Bavária, estabeleceu-se em Lancaster, na Pensilvânia, casou-se e teve três filhos. Os dois mais velhos morreram com uns vinte e poucos anos. Raymond, o caçula, tornou-se sacerdote em 1938. Quando o pai de Raymond morreu, sua mãe ficou sozinha, sem netos ou uma família estendida por perto para cuidar dela. Uma vez que Raymond era, na época, secretário do bispo de Búfalo, em Nova York, ele achava cada vez mais difícil cuidar da mãe que estava envelhecendo. Viajava regularmente de sua residência em Búfalo para Lancaster, mas não podia prover tudo de que Mag precisava. E, quando não estava com a mãe, ele se preocupava com ela.

Raymond decidiu contratar uma mulher para morar com Mag. Infelizmente, a mãe estava ficando excêntrica, e nenhuma das mulheres que seu filho contratava permanecia com ela por muito tempo, devido aos caprichos da velhice. Mag sempre as demitia. “Essa não cozinhava direito, aquela não cuidava da casa como devia... nenhuma delas está dando certo!”, Raymond, frustrado, uma vez contou a um parente. Ele estava passando um tempo cada vez maior com a mãe e negligenciando suas responsabilidades redobradas em Búfalo.

Por fim, Raymond orou. “Deus, se queres que eu trabalhe para ti em Búfalo, o Senhor precisa me ajudar com minha mãe aqui!”

Algum tempo depois, Raymond estava na casa de sua mãe quando uma mulher de meia-idade bateu na porta da frente. Ela estava bem vestida e tinha uma expressão amável.

— Ouvi dizer que o senhor está procurando alguém para cuidar de sua mãe — ela disse.

— A senhora está certa — Raymond lhe disse, abrindo mais a porta — A senhora não quer entrar para conversar?

Ele gostou da mulher no mesmo instante. Tinha um ar tranquilo e dócil.  
— Eu gostaria de ficar um ano ou algo em torno disso — ela disse.  
Um ano! Raymond não podia acreditar na benevolência de Deus.  
— Isso seria maravilhoso, isto é, se minha mãe gostar da senhora —  
Raymond explicou. — Ela pode ser... muito difícil.

A mulher apenas sorriu.

Animado, Raymond definiu as responsabilidades e o salário da mulher.

— Como a senhora se chama? — ele perguntou. — Como devo preencher seus cheques?

— Ah... — A mulher sorriu um pouco. — O senhor pode me chamar de Angélica. E, quanto ao meu salário, por que não vemos como sua mãe vai se sentir comigo primeiro?

Sim, aquele seria um desafio. Raymond concordou. Se Angélica quisesse fazer um teste antes, ele, certamente, não iria culpá-la. Ele voltou para Búfalo, cautelosamente otimista.

Angélica mostrou-se inestimável. Mag aceitou-a no mesmo instante, e as duas se deram muito bem. Raymond imaginou que alguém na vizinhança havia enviado Angélica, mas, com o passar do tempo, descobriu que nenhum dos vizinhos a conhecia. Angélica também parecia reticente com relação à sua formação, sem nunca mencionar como foi bater na porta da casa de sua mãe. Talvez ele devesse ter pedido referências. Mas Mag gostou muito dela.

De vez em quando, Raymond puxava o assunto sobre o salário de Angélica, mas ela sempre interrompia a preocupação dele com ela e fazia um gesto com a mão para eles saírem. “Não posso usar o dinheiro agora”, ela dizia. “Vamos acertar quando sua mãe não precisar mais de mim.” Parecia muito bom para ser verdade, mas, naquele tempo, Raymond era diretor do Buffalo Family Life Office e assumiu mais responsabilidades. Desde que a mãe estivesse segura e feliz, ele não pressionaria Angélica em nada!

Cerca de um ano após a chegada de Angélica, Mag Herzing morreu. “Acho que não irei ao funeral”, Angélica disse a Raymond naquela manhã. “Em vez disso, vou arrumar as coisas aqui.” Raymond concordou, mas, ao voltar para a casa da mãe depois do enterro, ela parecia estranhamente vazia.

“Angélica?”, ele chamou, examinando os cômodos limpos, mas vazios.

“Você está aqui?” Mas Angélica não foi encontrada em lugar algum, nem seus bens pessoais. Raymond também não a pagou! E ela viveu ali, como previu, por um ano...

Angélica foi embora da mesma forma misteriosa que chegou. Mas, até sua morte em 1965, monsenhor Raymond Herzing sempre a considerou uma resposta especial à sua oração.

## A ESCOLHA DE LEONOR

*Gabriel soprou, e um som limpo e fino, de timbre perfeito e delicadeza cristalina, encheu todo o universo até a estrela mais distante... tão fino quanto a linha que separa o passado do futuro.*

Isaac Asimov, *"The Last Trump"* [A última trombeta]

Talvez um livro como este não estivesse completo sem uma experiência de quase-morte na qual a pessoa, de fato, encontrou seu anjo.

Aos dezoito anos, Leonor Reyes casou-se com David, que era apenas um ano mais velho. David recebeu uma carta do exército um mês depois do casamento e já estava no Vietnã quando Leonor começou a ter problemas de saúde. Ela desenvolveu um bócio no pescoço que parecia ser maligno.

Em fevereiro de 1969, o quinto mês de David no Vietnã, sua jovem esposa passou por uma cirurgia para remoção do tumor. Mas, durante a cirurgia, parecia que a anestesia estava passando. "De repente, comecei a levantar, como se estivesse me sentando", Leonor escreveu. "Pude ver parte da sala de cirurgia na direção de meus pés; pude ver meu corpo deitado na mesa com o pescoço ainda aberto, e minha cabeça inclinada para trás... Então, entrei em um lugar totalmente iluminado. Outras pessoas pareciam estar à minha volta, e alguém à minha esquerda disse: 'Não olhe ao redor nem se vire.'"

Leonor obedeceu. Aos poucos, ela percebeu que os seres à sua volta eram anjos. "Vamos encontrar alguém que é muito especial para você", o ser à sua esquerda disse. "Não fique ansiosa. Você ficará muito feliz. Ele a está esperando." Leonor olhou para baixo e viu o que pareciam ser nuvens brancas, embora não pudesse ver seus pés.

*Estou indo ver Deus?*, ela se perguntou. Teve vergonha de não ser digna, mas, mesmo assim, estava entusiasmada também. Ficava cada vez mais feliz enquanto sua jornada continuava.

Leonor e seus companheiros celestiais pararam à beira de um lindo rio com uma campina verde do outro lado. Os anjos começaram a se alegrar, e

Leonor viu um vulto de branco vindo do meio das árvores à distância. Era Jesus! Ela queria correr na direção dele, mas o rio estava entre eles. Jesus atravessou a superfície das águas em direção a ela, e ela estava cheia de amor e deslumbramento.

— Eu sei que você estava cansada, doente e preocupada — ele disse com a voz mais meiga que ela já tinha ouvido. — Você gostaria de vir e ficar comigo agora?

— Ah, sim! — Ela estendeu o braço para segurar na mão dele e depois parou. — Mas... e meu marido? Minha mãe? Se eu morresse agora, eles sofreriam tanto. Meu marido poderia até ser ferido quando soubesse da notícia.

Leonor não queria nada além do que ficar com Jesus para sempre, mas algo a fez hesitar.

O homem de branco parecia se agradar da preocupação de Leonor.

— Você pode ver seu marido agora se quiser — ele disse. — Assim, você tem uma escolha a fazer. Você pode vir comigo ou vocês *dois* podem vir. Ou, se você quiser, nenhum de vocês virá agora. A decisão é sua.

Como Leonor poderia ver David? O Vietnã não ficava do outro lado do mundo? Mas ela se lembrou de que Deus poderia fazer todas as coisas, por isso se afastou. Dois anjos percorreram uma distância muito longa com ela em meio a uma atmosfera de pura luz.

“E lá estávamos nós, em pé atrás de uma árvore. Um dos anjos olhou. “Viu?”, ele me perguntou. “Lá está ele.”

Leonor olhou por detrás da árvore, como o anjo havia feito, e viu David deitado de bruços em uma casamata no alto de uma colina ao lado de um companheiro. Eles estavam em combate com vietcongues.

“Lembre-se de que você precisa escolher”, disse-lhe o outro anjo.

Leonor pensou como seria maravilhoso para ela e David deixar este mundo difícil para trás e estar com Deus para sempre. Mas ela também pensou em sua mãe e na mãe dele. Se a morte de Leonor seria difícil para eles suportarem, o que dizer de duas perdas? Talvez os pais deles até duvidassem da bondade de Deus se seus dois filhos lhes fossem tirados. Leonor não queria que aquilo acontecesse.

“Rápido!”, os anjos disseram.

“Não!”, Leonor gritou. “Não, não podemos machucar nossos pais assim!” Naquele instante, ela viu a mão quase invisível de um homem segurando uma granada que havia parado perto de David. David estava seguro.

Agora Leonor, na companhia de muitos anjos, começou a fazer uma viagem apressada em meio a uma luz brilhante. Ela começou a se cansar, e os seres, cada um de um lado, apoiaram-na. “Devemos correr se você ainda quiser voltar”, eles disseram. Naquele momento, Leonor sentiu a energia passando por seu corpo.

“Leonor, acorde, acorde...” Alguém estava chamando seu nome.

“Estou aqui”, ela disse. Ela viu duas enfermeiras conversando debruçadas sobre ela, mas não conseguiu ouvir o que estavam dizendo.

“Estou aqui”, ela disse mais alto, e, surpresas, as duas olharam para ela.

“Já íamos desistir de você”, uma disse baixinho.

O tumor de Leonor, de fato, era maligno. Mas o médico fez uma tireoidectomia total, e, mesmo Leonor tendo alguns problemas de saúde desde a cirurgia, nenhum sinal de câncer voltou a aparecer.

Mais importante ainda para essa recém-casada foi seu marido voltar são e salvo do Vietnã. Anos mais tarde, Leonor perguntou-lhe se ele chegou a ficar em uma casamata em uma colina, com outro soldado, quando uma granada caiu perto dele durante o combate.

“Só uma vez”, Davi respondeu. “Mas a granada não explodiu. Deus do céu, como fiquei feliz!”

## O DIA EM QUE VIMOS OS ANJOS

*[Patriarca Tikhon] foi tomado por uma espécie de êxtase e ouviu por acaso o canto dos anjos, a beleza que ele, mais tarde, foi incapaz de descrever; ele também não pôde compreender no momento as palavras daquele cântico, mas estava ciente de que era a harmonia de muitas vozes.*

Um tesouro da espiritualidade russa

*T*alvez não houvesse uma maneira melhor de concluir estas histórias do que com uma do Dr. S. Ralph Harlow, que a compartilhou primeiro com os leitores da revista *Guideposts*[23](#):

Não era Natal, não era nem época do inverno, quando ocorreu o evento que, para mim, lançou uma luz subitamente nova sobre a história antiga dos anjos. Era uma manhã agradável de primavera, e nós, minha esposa e eu, estávamos caminhando pelas bétulas e bordos recém-floridos perto de Ballardvale, em Massachusetts.

Agora percebo que isso, como qualquer relato de experiência pessoal, é tão válido quanto o bom senso e a honestidade da pessoa que o relata. O que posso dizer sobre mim mesmo? Que sou um estudioso que evita suposições e admira pesquisas científicas? Que me formei em Harvard, fiz mestrado na Universidade de Columbia e sou PhD pelo Seminário Teológico de Hartford? Que nunca estive sob a influência de alucinações? Que advogados solicitaram meu testemunho e que testemunhei em tribunais, sendo considerado pelo juiz e pelo júri como uma testemunha confiável e fiel? Tudo isso é verdade, e, mesmo assim, duvido que credencial alguma possa influenciar a crença ou a descrença de outra pessoa.

Com o passar do tempo, cada um de nós deve passar o que nos chega por meio de outros pelo filtro de sua própria experiência de vida, sua visão do universo. E, assim, eu simplesmente contarei minha história.

O pequeno caminho que Marion e eu pegamos naquela manhã de maio era incerto, e seguramos a mão um do outro, totalmente encantados com a vida, quando passamos perto de um lindo riacho. Era maio, e, uma vez que era período de leitura de provas da Smith College, onde eu era professor, pudemos escapar por alguns dias para visitar os pais de Marion.

Passeávamos no campo com frequência e, especialmente, adorávamos a primavera depois de um inverno rigoroso em New England, pois é nessa época que os campos e os bosques estão radiantes e calmos, mas exibem nova vida brotando da terra. Naquele dia, estávamos especialmente felizes e tranquilos; conversávamos de vez em quando com grandes intervalos de um gratificante silêncio entre nossas frases.

Então, ouvimos atrás de nós o murmúrio de vozes suaves à distância, e eu disse para Marion: “Temos companhia no bosque hoje de manhã.”

Marion concordou e virou-se para olhar. Não vimos nada, mas as vozes estavam se aproximando, em um ritmo mais rápido que nossa caminhada, e sabíamos que os estranhos logo nos alcançariam. Então, percebemos que os sons não só estavam atrás de nós, mas vinham de cima também, e olhamos para alto.

Como posso descrever o que sentimos? É possível falar da onda de regozijo que correu por nosso corpo? É possível registrar esse fenômeno com precisão objetiva e ainda ser crível?

Cerca de três metros acima de nós e um pouco à nossa esquerda estava um grupo flutuante de belas criaturas gloriosas que irradiavam uma beleza espiritual. Paramos e ficamos olhando enquanto elas passavam acima de nós.

Havia seis delas, belas jovens de vestes brancas esvoaçantes e entretidas com conversas sérias. Se estavam cientes de nossa existência, elas não deram nenhuma indicação. O rosto delas era perfeitamente claro para nós, e uma mulher, um pouco mais velha do que o restante, era especialmente bela. Seus cabelos escuros estavam puxados para trás no que, hoje, chamamos de rabo de cavalo e, embora eu não possa dizer se estavam presos na parte de trás da cabeça, eles pareciam estar. Ela estava conversando atentamente com um espírito mais jovem que estava de costas para nós e de frente para ela.

Nem Marion nem eu conseguimos entender suas palavras, embora as vozes fossem claramente ouvidas. Era como ouvir, mas sem poder entender, um grupo de pessoas conversando do lado de fora de uma casa

com todas as janelas e portas fechadas.

Parecia que elas passavam flutuando por nós, e seus movimentos graciosos pareciam naturais, tão suaves e tranquilos como a própria manhã. Enquanto passavam, a conversa foi ficando cada vez mais indistinta até desaparecer totalmente, e nós ficamos paralisados onde estávamos, ainda de mãos dadas e com aquela visão diante de nossos olhos. Seria comedido de nossa parte dizer que estávamos maravilhados. Então, olhamos um para o outro, curiosos para saber se o outro também tinha visto.

Havia uma bétula caída bem ali ao lado do caminho. Nós nos sentamos nela e eu disse: “Marion, o que você viu? Diga-me exatamente, com precisão de detalhes. E me diga o que você ouviu.”

Ela sabia qual era minha intenção — examinar meus olhos e meus ouvidos para ver se eu havia sido vítima de alguma alucinação ou imaginação. E sua resposta foi idêntica em todos os sentidos ao que meus sentidos me disseram.

Contei essa história com a mesma fidelidade e respeito pela verdade e precisão como eu a contaria no banco das testemunhas. Mas, mesmo deixando-a registrada, eu sei como ela parece incrível.

Talvez eu não possa alegar mais nada em defesa dela além do fato de que ela teve um efeito profundo em nossa vida... Desde que Marion e eu começamos a nos dar conta do exército celestial que existe a nosso redor, nossa vida se encheu de uma maravilhosa esperança. Phillips Brooks, o grande bispo episcopal, expressou a causa dessa esperança de um modo mais belo do que sou capaz:

“É a isso que você deve se apegar: *a empatia e a companhia dos mundos invisíveis*. Sem dúvida, é melhor para nós, no momento, que eles sejam invisíveis. Isso desenvolve aquela percepção mais aguçada que chamamos de ‘fé’. Mas quem pode dizer que não chegará o tempo em que, mesmo para aqueles que vivem aqui na terra, os mundos invisíveis não mais serão invisíveis?”

A experiência em Ballardvale, somada às convicções de minha fé cristã, dá-me não só um sentimento de certeza com relação ao futuro, mas também uma sensação de aventura rumo a ele.

## OUTRO COMEÇO...

*Não te pedirei riquezas nem o brilho da grandeza, mas que, aonde fores, algum coração cansado se alegre com teu sorriso ou uma vida de sombras perceba a luz do sol por algum tempo. E assim teu caminho será uma trilha de luz, como pegadas de anjos passando pela noite.*

Palavras na parede de uma igreja em Upwaltham, Inglaterra

*A*s pessoas em nossa cultura sentem-se pouco à vontade com a ideia de anjos no mundo de hoje. Quando podemos explicar alguma coisa, nós a chamamos de uma “ocorrência natural”. Mas, quando não podemos explicá-la, evitamos classificá-la como “sobrenatural”. Contudo, quantos de nós, em momentos em que a vida mais pareceu assustadora, dolorosa ou confusa, ouviram um sussurro, sentiram no ombro aquela mão invisível, foram ajudados por um estranho que era exatamente como nós... e, apesar disso, de algum modo, *não* era como nós? Às vezes, quando nos sentimos abandonados ou sozinhos, quantos de nós foram tocados por um encontro misterioso e inexplicável que nos deu a coragem e a força de que precisávamos para seguir em frente?

Por que é necessário explicar tais ocorrências? Por que um Deus amoroso, intimamente interessado em seus filhos, *não iria* enviar anjos e seres humanos para realizar sua obra?

O que os anjos fazem? Eles nos trazem boas notícias. Abrem nossos olhos para momentos de pura magia, para belas possibilidades, para pessoas exemplares, para a ideia de que Deus está aqui no meio de nós. Eles alçam nosso coração e nos dão asas.

Podemos fazer isso uns pelos outros.

Os anjos ministram em nossa vida. Ficam sentados em silêncio enquanto choramos. Oferecem-nos oportunidades para transformar nosso sofrimento em pontes de cura e esperança. Desafiam-nos para uma nova compreensão, uma perspectiva diferente.

Podemos fazer isso uns pelos outros.

Os anjos oferecem ajuda prática. Como vimos, fornecem informações, dão alimento, amenizam as tempestades da vida. Os anjos conduzem todos na mesma direção, embora nem todos andem na mesma velocidade. Mas os anjos estão dispostos a estar a nosso lado e esperar.

Podemos fazer isso uns pelos outros.

“Existe um problema com os anjos de tempo integral; eles são completamente imprevisíveis, e não se pode mandar buscar um”, lembramos Lee Ballard, o homem que conheceu Pug-Pug. “É por isso que os anjos de tempo integral são tão importantes. Os anjos de meio período são como você e eu.”

Poucos de nós podem identificar um ser celestial durante uma vida (embora eu tenha certeza de que cada um de nós tenha sido tocado por anjos). Mas todos podemos ser anjos uns para os outros. Podemos optar por obedecer ao impulso pequeno e silencioso que surge lá dentro de nós, o pequeno sussurro que diz: “Vá. Pergunte. Estenda a mão. Seja uma resposta à súplica de alguém. Você tem um papel a desempenhar. Tenha fé.” Podemos decidir arriscar que ele, de fato, está lá, observando-nos, cuidando de nós, afagando-nos enquanto amamos e recebemos amor.

O mundo será um lugar melhor por isso.

E, onde estiverem, os anjos irão dançar.

## SOBRE A AUTORA

*A*utora, palestrante e professora, JOAN WESTER ANDERSON começou sua carreira de escritora em 1973 com uma série de artigos humorísticos sobre família para jornais locais e revistas sobre educação de filhos. Desde aquela época, seu trabalho, somando mais de mil artigos e histórias, foi publicado nos Estados Unidos por *Ladies' Home Journal*, *Family Circle*, *McCall's Modern Bride*, *Christian Science Monitor*, *American Baby*, entre outros. É autora dos livros *Por que milagres acontecem*, *Um anjo zela por mim* e *Onde os milagres acontecem*.

Em 1979, a autora iniciou sua carreira como palestrante em resposta à popularidade de suas aparições na mídia local. Ela também é professora adjunta na Harper Junior College, em Palatine, Illinois, onde ministra cursos de redação. Ela e o marido vivem em Arlington Heights, Illinois. Eles são pais de cinco filhos adultos.

- [1](#) F. S. Smythe. *Camp Siz. An Account of the 1933 Mount Everest Expedition*. Londres: Hodder and Stroughton, Ltd., 1937, p. 262.
- [2](#) Raymond Woolsey. *Joy in the Morning*. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing, 1978, p. 182.
- [3](#) Charles e Frances Hunter. *Angels on Assignment*. Kingwood, TX: Hunter Books, 1979, p. 183.
- [4](#) Corrie ten Boom. *A Prisoner, and Yet...* Toronto, Canadá: Evangelical Publishers, 1947, p. 10.
- [5](#) Corrie ten Boom. *O refúgio secreto*. 2ª ed. Belo Horizonte: Betânia, 2000.
- [6](#) Gordon Lindsay. *Ministry of Angels*. Dallas: Christ for the Nations, 1974, p. 26.
- [7](#) Dawn Adrian Adams, PhD. "Rain", *Guideposts*, julho de 1991, p. 38.
- [8](#) Betty Malz. *Angels Watching Over Me*. Old Tappan, NJ: Chosen Books, 1986. Reimpresso com permissão.
- [9](#) Lee Ballard. "The Flutter of Wings", revista *Dallas*, maio de 1986. Condensado e reimpresso com permissão.
- [10](#) W. Doyle Gulligan, ed. *Devotion to the Holy Angels*. Houston: Lumen Christi Press, 1990, p. 101.
- [11](#) Malcolm Muggeridge. *Something Beautiful for God*. Nova York: Ballantine Books, 1971, p. 41.
- [12](#) Extraído de "I Too Saw an Angel", de Raymond Edman, originalmente publicado em *Bulletin of Wheaton College*, dezembro de 1959. Recontado com permissão.
- [13](#) Hope Price. "He Will Send Angels", *Fate*, maio de 1961. Reimpresso com permissão.
- [14](#) Billy Graham. *Anjos: Os agentes secretos de Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- [15](#) Gulligan. *Devotion*, p. 98.
- [16](#) Corrie ten Boom. *Marching Orders for the End Battle*. Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1969, pp. 89-90.
- [17](#) Graham. *Anjos*.
- [18](#) W. A. Spicer. *Stories of Providential Deliverance*. Washington: Review & Herald Publishing, 1936, p. 33.
- [19](#) Basilea Schlink. *O mundo invisível dos anjos e dos demônios*. Rio de Janeiro: Louva a Deus, 1993.
- [20](#) Extraído de histórias e de *Send Me Your Guardian Angel*, de Alessio Parente. Amsterdam, NY: Noteworthy Co., 1983. Para obter mais informações sobre padre Pio, entre em contato com o National Center for Padre Pio, R.D. #1, Box 134 (Old Rt. 100), Barto, PA 19504.
- [21](#) Recontado com a permissão do pastor LaVerne Tucker, diretor do The Quiet Hour, um centro missionário de alcance mundial com sede em Redlands, CA.
- [22](#) O sargento Steven Rogers chefia o 777th Precinct (P.O. Box, 72, Dayton, NJ 08810), uma organização para oficiais de polícia e suas famílias.
- [23](#) Reimpresso com permissão da revista *Guideposts*. Copyright © 1970 por Guideposts Associates, Inc., Carmel, Nova York 10512.